

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

Cléia Tenório Vieira

**História e Memória de Canindé de São Francisco – SE antes e pós a construção da Usina
Hidrelétrica de Xingó**

Delmiro Gouveia

2019

Cléia Tenório Vieira

História e Memória de Canindé de São Francisco – SE antes e pós a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), requisito para obtenção do título de licenciada em História pela Universidade Federal de Alagoas – Campus do Sertão.

Orientadora: Ma. Sheyla Farias Silva

Delmiro Gouveia

2019

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

V657h Vieira, Cléia Tenório

História e memória de Canindé de São Francisco - SE antes e pós a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó / Cléia Tenório Vieira. – 2019.

114 f. : il.

Orientação: Profa. Ma. Sheyla Farias Silva.
Artigo monográfico (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2018.

1. História - Brasil. 2. História - Sergipe. 3. Canindé de São Francisco – Sergipe. 4. Usina Hidrelétrica de Xingó. 5. Memória. 6. História oral. I. Título.

CDU: 981(813.7)

Folha de Aprovação

AUTOR(A): CLÉIA TENÓRIO VIEIRA

História e Memória de Canindé de São Francisco – SE antes e pós a construção da Usina Hidrelétrica de Xingó

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) submetido ao corpo docente da Graduação em Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas e aprovada em 09 de abril de 2019.

Sheyla Farias Silva

Profª. Ma. Sheyla Farias, Universidade Federal de Alagoas (Orientadora)

Banca Examinadora:

Ricardo Santos de Almeida

Prof. Me. Ricardo Santos de Almeida UFAL (Examinador Externo)

Pedro Abelardo de Santana

Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana UFAL (Examinador Interno)

A Deus, à minha família, aos meus amigos e ao meu noivo Ronizo,
pois sem eles eu não teria vencido essa batalha.

AGRADECIMENTOS

A Deus pela graça de viver, pelos dons que recebi e por cada degrau vencido. Tudo para honra e glória de Seu Nome. Obrigada por preparar essa graduação, me guiar sempre para o melhor caminho, me proteger de todos os males e me permitir alcançar mais uma vitória.

À minha família, em especial aos meus pais José Tenório dos Santos e Aparecida Ramiro Vieira, pela vida, por todo cuidado, amor, orgulho, orações, incentivos e ensinamentos em toda a minha existência. E à minha irmã Cleumara Tenório Vieira, por cada momento compartilhado, pela paciência, inspiração, companheirismo e incentivo.

Ao meu noivo Ronizo Pereira da Silva, por me acompanhar e me incentivar nessa jornada, pelas dicas, paciência, carinho, força, colaboração, amparo, encorajamento, inspiração e por todo amor.

Aos colegas e amigos, em especial à Bárbara Santos Martins e Natalya Santos Dias de Carvalho, pela paciência durante a graduação, por me influenciarem nos estudos e me incentivarem a buscar sempre o melhor mesmo que seja mais difícil. Além de Eduardo Melo, Ayrton Matheus da Silva Nascimento, Daniela de Andrade Silva Rosário, Danilo Alves de Lima, Fernando de Sá Oliveira Júnior, Maria Lúcia Pereira dos Santos Silva, Érikles Alves Tertuliano, Elton Andrade Bezerra, Monielly Suelen Gomes Barboza, Aline Soares Santos, Veranúbia Avelino Santana, Vaniele da Penha Silva, Teresa Raquel Carvalho Santos, por todo companheirismo, material e dicas na realização do presente trabalho.

À minha orientadora Sheyla Farias, que com paciência e maestria me indicou os melhores caminhos para concluir esse trabalho, além de todos os ensinamentos durante o curso. És uma guerreira inspiradora.

Ao meu professor do Ensino Médio Cláudio Luiz Menezes de Oliveira, que sempre me fez acreditar em meu potencial e ministrou as melhores aulas de História durante meu ensino básico, fazendo com que eu me apaixonasse ainda mais por essa área de conhecimento.

Aos professores Wilton da Silva Rocha, Carla Taciane Figueiredo, Sara Angélica Bezerra Gomes e Pedro Abelardo de Santana pelas dicas, incentivos e materiais fornecidos para meu trabalho e aos professores de todo o meu trajeto por cada troca de conhecimentos.

Aos meus companheiros de turma, em especial a Maria Gabriela da Silva Lima, Cleyton Júnior de Jesus Xavier, Ivanilson Martins dos Santos, Taynnan Robert de Oliveira Barros, Byanca Silva Vilela de Almeida, Luzane Karla Rodrigues Dantas, Janailma Santos da Silva, Maria Lucileide Feitosa Santos, Sara Oliveira e Silva, Wedja Pereira da Silva, Aureni

de França Melo, João Pedro Feitosa Lima, José Hernandes da Silva, Fhelipe Emmanuel Vicente da Silva, Igor Ribeiro dos Santos, Sarah Ritchelle Cristovão de Sá, Gislaine Maria Medeiros Lima, Jefferson Gomes da Silva e todos aqueles que não citei o nome, mas que em algum momento fizeram parte da minha jornada acadêmica, pela troca de conhecimentos, companheirismo e amizade.

Aos entrevistados Maria Auxiliadora Melo de Britto, Maria do Socorro Feitoza Guimarães e Lourival Rodrigues, por me receberem em suas residências e confiarem no meu trabalho, cedendo memórias e importantes momentos de suas vidas pelo bem da preservação dessa História.

A noção que temos de velhice decorre mais da luta de classes que do conflito de gerações. É preciso mudar a vida, recriar tudo, refazer as relações humanas doentes para que os velhos trabalhadores não sejam uma espécie estrangeira. Para que nenhuma forma de humanidade seja excluída da humanidade é que as minorias têm lutado, que os grupos discriminados têm reagido. A mulher, o negro, combatem pelos seus direitos, mas o velho não tem armas. Nós é que temos de lutar por ele.

Ecléa Bosi

RESUMO

A memória, pela perspectiva da História, está presente nas sociedades por diversos meios, seja nos documentos, monumentos ou lembranças. Cabe à Memória, juntamente com a História, perpetuar o que ocorreu no passado e que marcou de alguma forma a humanidade independente de classe social, gênero ou etnia, a fim de manter presente essas recordações. A partir dessa perspectiva que o presente trabalho registrou as memórias dos indivíduos comuns que moravam no antigo município de Canindé de São Francisco - SE, tendo em vista que o mesmo passou por uma transição de localidade devido à construção da Usina Hidrelétrica de Xingó. O trabalho abordou aspectos do cotidiano da antiga e da nova cidade, pontuando as mudanças mais significativas causadas pelo impacto da grande obra. Para atingir os objetivos traçados foram realizadas pesquisas bibliográficas sobre os temas tratados, como Memória, História Oral, História Cultural e História Local. Além disso, ao utilizar a História Oral Temática como procedimento metodológico para coletar os relatos, foi possível realizar entrevistas semiestruturadas com três antigos moradores do município com faixa etária entre setenta e setenta e três anos, assegurando a abordagem qualitativa da pesquisa. Constatou-se que a chegada da hidrelétrica afetou tanto positivamente quanto negativamente o cotidiano do município de Canindé de São Francisco em diversos aspectos, como a própria estrutura, a economia, as relações sociais, as manifestações culturais e a identidade da população, uma vez que além da própria mudança de localidade, tiveram que mudar seus hábitos já delineados pela identidade ribeirinha.

Palavras-chave: Memória; História Oral; Canindé de São Francisco; Hidrelétrica.

ABSTRACT

Memory, from the perspective of history, is present in societies by various means, be it in documents, monuments or memories. It is up to Memory, together with History, to perpetuate what happened in the past and that marked humanity in some way independent of social class, gender or ethnicity, in order to keep these memories present. From this perspective, the present work recorded the memories of the common individuals who lived in the old municipality of Canindé de São Francisco - SE, considering that it passed through a transition of locality due to the construction of the Xingó Hydroelectric Power Plant. The work covered aspects of the daily life of the old and the new city, punctuating the most significant changes caused by the impact of the great work. In order to reach the objectives outlined, bibliographical research was carried out on the topics covered, such as Memory, Oral History, Cultural History and Local History. In addition, using the Thematic Oral History as a technique to collect the reports, it was possible to conduct semi-structured interviews with three former residents of the municipality with age range between seventy and seventy-three years, ensuring the qualitative approach of the research. It was found that the arrival of the hydroelectric dam affected positively and negatively the daily life of the city of Canindé de São Francisco in several aspects, such as the structure itself, the economy, the social relations, the cultural manifestations and the identity of the population, since besides the change of locality itself, had to change their habits already delineated by the riverside identity.

Keywords: Memory; Oral History; Canindé of San Francisco; Hydropower.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Praefectura de Cirilí et Sergipe del Rey cum Itâpuána.	31
Figura 2 - Antiga Canindé.....	34
Figura 3 - Salomão e filho ao lado da caldeira desativada.	35
Figura 4 - Comemoração de emancipação política de Canindé – novembro de 1981.....	37
Figura 5 - Rua Alto da Praia ao fundo.	38
Figura 6 - Escolas Reunidas Dom Juvêncio de Britto - Velha Canindé em 1972.	43
Figura 7 - Altar da Capela de Santa Cruz.....	45
Figura 8 - Casamento do Matuto.	47
Figura 9 - Rainha do Milho 25/06/1983.....	47
Figura 10 - Primeiro Desfile da Escola em 1971 (Ao fundo prefeitura e delegacia).	49
Figura 11 - Desfile e banda marcial da Escola Dom Juvêncio.....	49
Figura 12 - Desfile cívico em frente à antiga prefeitura.	50
Figura 13 - Cavalhada em 10/01/1982.	51
Figura 14- Escavação de uma quadrícula no Sítio Justino.....	58
Figura 15 - Cemitério da Antiga Canindé, abril de 2019.....	62
Figura 16 - Notícia da Inauguração da Usina Hidrelétrica de Xingó	64
Figura 17 - Edinalvo, Salomão e Leobino - Cavalhada 25/10/1999.....	69

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABHO	Associação Brasileira de História Oral
ANEEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
CHESF	Companhia Hidroelétrica do São Francisco
CPDOC	Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil
ENERGIPE	Empresa Energética de Sergipe
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAX	Museu de Arqueologia de Xingó
MST	Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
PASEP	Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público
PND's	Planos Nacionais de Desenvolvimento
SESP	Serviço Especial de Saúde Pública
SUDENE	Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste
UFS	Universidade Federal de Sergipe

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO	17
2.1 Memória e História	17
2.2 História Oral	21
3. HISTÓRIA DE CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO – SE	27
3.1 Breve histórico de Sergipe.....	28
3.2. Fundação de Canindé de São Francisco	33
3.3. Canindé de São Francisco - memórias de antigos moradores	38
4. A HIDRELÉTRICA DE XINGÓ E SUA INFLUÊNCIA NA HISTÓRIA DE CANINDÉ	55
4.1 A chegada da hidrelétrica e sua relação com os canindeenses	55
4.2 Permanências e rupturas em Canindé de São Francisco	65
5. CONCLUSÃO.....	72
6. REFERÊNCIAS.....	74
APÊNDICES	78
APÊNDICE A – Transcrição da entrevista realizada com Maria Auxiliadora Melo de Britto em 10 de fevereiro de 2017 em Canindé de São Francisco/ SE.....	78
APÊNDICE B – Transcrição da entrevista realizada com Maria do Socorro Feitosa Guimarães em 05 de setembro de 2018 em Canindé de São Francisco/ SE.....	93
APÊNDICE C – Transcrição da entrevista realizada com Lourival Rodrigues em 16 de novembro de 2018 em Canindé de São Francisco/ SE.	108

1. INTRODUÇÃO

As obras de história retratavam, ao longo do tempo, os acontecimentos de uma determinada parcela da sociedade, geralmente a que estava no topo da pirâmide social, ou seja, uma história elitizada (BARROS, 2011). Essa história da alta sociedade priorizava principalmente aspectos políticos e que retratavam o Estado e sua formação. Contudo, a partir da fundação da Revista dos *Annales* em 1929 esse grupo de historiadores passou a questionar a superioridade da História Política, defendendo uma nova concepção em que os aspectos econômicos e sociais deveriam ter um lugar privilegiado na História (FERREIRA, 2002).

Mesmo com a *École des Annales*, o relato pessoal não era visto como fonte segura nem viável para a descrição do passado uma vez que seria um relato subjetivo. Porém, a partir da década de 1980 alguns temas mais atuais foram incorporados à chamada História do Tempo Presente, em que além das fontes escritas e orais, as fotografias, registros sonoros, filmes, monumentos, entre outros, tornaram-se fontes de estudo do historiador (ALBERTI, 2008). A partir disso, a História Cultural ganhou um novo impulso, em que o estudo político renasceu incorporando-se ao estudo contemporâneo (FERREIRA, 2002).

A interpretação dos acontecimentos históricos deixou de seguir apenas uma visão singular e passou a se fragmentar em diversas correntes, como bem define José D'Assunção Barros (2011): Clio despedaçada. Sendo assim, com a consolidação da Escola dos *Annales* tornou-se possível adentrar em outros ambientes de estudo, como a história do indivíduo comum, opondo-se à História Tradicional. Nesse contexto, pelo que ficou conhecido como “virada cultural” ou “nova história cultural” (CARDOSO, 2012, p. 15) tornou-se possível trabalhar com a história dos homens comuns analisando todos os aspectos da sua existência. Entretanto, devido à precariedade de documentos escritos a respeito da classe popular, a História Oral torna-se uma importante aliada à Nova História Cultural, buscando dar voz aos menos favorecidos pelas obras historiográficas.

Objetiva-se nesse trabalho analisar a memória dos indivíduos comuns do antigo município de Canindé de São Francisco – SE antes e pós a construção da Hidrelétrica de Xingó. Para isso, foi necessário refletir sobre a importância da Memória Social e da História Oral na construção do conhecimento histórico, além de levantar dados sobre o histórico e o cotidiano de Canindé de São Francisco – SE antes da hidrelétrica, para assim compreender as mudanças que ocorreram no município após a transferência de localidade devido à construção da usina, iniciada oficialmente em 20 de março de 1987.

Os desastres climáticos pela força da natureza ou as construções públicas feitas pelos seres humanos são os principais responsáveis pela modificação ambiental, cultural e social de comunidades que necessitam se deslocar de seu local de origem para outro distinto do costumeiro. No caso de Canindé de São Francisco, “Foram histórias construídas no cotidiano que deveriam ser deixadas para trás” (SOUZA, 2001, p. 25). Essas histórias são passadas de geração em geração para, desse modo, manter-se viva a memória de um grupo, então, as pessoas mais idosas e mais experientes acarretam essa espécie de obrigação social de guardiãs da memória, tendo que lembrar bem dos acontecimentos passados (BOSI, 1994). É nessa linha de pensamento na qual o presente trabalho pretende seguir, ao trazer à tona as recordações, ou boa parte delas, de uma população que passou de um estágio de vida para outro altamente diferente do habitual.

Canindé de São Francisco- SE possui sua história intrinsecamente ligada à influência do rio São Francisco, originando-se de uma vila de pescadores. Devido à construção da Usina Hidrelétrica de Xingó (iniciada em 1987) os moradores foram obrigados a sair da zona de risco em que estavam localizadas suas habitações e se estabeleceram na parte mais alta do município, refletindo em mudanças na tradição, economia e aspectos socioculturais. Trata-se aqui de um trabalho sobre a memória do povo de Canindé com a possibilidade de analisar as permanências e rupturas do antigo para o novo município (inaugurado em 06 de março de 1987), bem como contribuir com uma nova percepção dos atuais munícipes a respeito do papel da memória na formação da identidade social.

A escolha do presente tema como objeto de estudo justifica-se pela necessidade de apresentar a história local para a atual população canindeense, tendo em vista que boa parte - por serem jovens ou imigrantes - desconhecem a realidade do antigo município. A transmissão dessa história é realizada de forma oral dos antigos moradores para os descendentes, porém, com o passar dos anos essa prática está desaparecendo do cotidiano do município, uma vez que, apenas uma pequena parcela da sociedade tem subsídios para registrar a memória dos seus antepassados. Acredita-se que a partir desse estudo, será possível desenvolver um maior interesse pelo conhecimento histórico por parte da população, cooperando assim com o anseio de continuar a preservar essa história.

Quanto à comunidade científica, a realização de tal pesquisa contribui com a ampliação de discussões a respeito de inúmeros aspectos sociais, mudanças territoriais, formas de subsistência, memória, cultura, entre outros, viabilizando, assim, o acesso à informação e a possibilidade da mesma ser utilizada como fonte para futuras consultas.

Para alcançar os objetivos propostos pela presente pesquisa, fez-se necessário realizar um levantamento bibliográfico alusivo à Memória Social, História Oral, História Cultural e da História Local do município de Canindé de São Francisco – SE. Esse levantamento foi realizado por meio da utilização de mecanismos de busca como o Google acadêmico, Plataforma Scielo, Portal de Periódicos Capes, Comunidade Acadêmica Federada, Repositório Institucional da Universidade Federal de Alagoas, Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, entre outros.

Com relação à carência em material bibliográfico sobre a História Local de Canindé de São Francisco, foram realizadas algumas entrevistas semiestruturadas com antigos moradores. As entrevistas possuíram um caráter amplo, obtendo informações gerais sobre o tema abordado, permitindo que o entrevistado falasse o que entendesse como necessário sobre a antiga cidade, a chegada da hidrelétrica e a mudança. Os primeiros entrevistados foram escolhidos seguindo indicações de moradores do próprio município, em seguida, de acordo com os relatos, novas sugestões iam surgindo. Seguindo a natureza da História Oral¹, a entrevista contou com um aparelho eletrônico que realizasse gravação de voz (celular), a presença do entrevistador e do entrevistado. Por fim, após a transcrição dos relatos e autorização dos entrevistados as narrativas foram utilizadas na construção do presente trabalho.

Canindé dependia principalmente das águas do Rio São Francisco para a sua subsistência, no entanto, com a transferência da cidade para o local mais alto do território, uma vez que a Antiga Canindé encontrava-se na área de risco, alguns aspectos mudaram, como a economia, cultura, estrutura e organização social, os quais serão apresentados mais adiante. A partir disto, o trabalho aborda o período de 1975 a 2000 visando compreender como a construção da Hidrelétrica afetou o desenvolvimento da população ribeirinha, atendo-se a características do cotidiano da antiga cidade e interpretando, assim, as principais mudanças durante o deslocamento para a Nova Canindé, o processo de retirada, acomodação e adaptação por meio da memória dos antigos moradores.

O trabalho está dividido em três capítulos, sendo o primeiro de caráter mais teórico, com a explanação de dos conceitos de Memória e História Oral relacionadas à edificação do conhecimento histórico, bem como suas principais características. O segundo capítulo trata-se

¹ Seguindo o texto *Definindo História Oral e Memória* de José Carlos Sebe Bom Meihy em que o mesmo afirma: “garante-se a inexistência de História Oral sem qualquer desses três elementos: depoente, pesquisador e máquina para gravar” (MEIHY, 1994, p. 53).

de uma explanação dos dados levantados a respeito do antigo município, analisando a História de Sergipe, Porto da Folha, a fundação da vila e as memórias dos antigos moradores sobre o cotidiano na Velha Canindé. O terceiro e último capítulo traz uma discussão a respeito da chegada da Hidrelétrica de Xingó, abordando a transição da antiga para a nova cidade e pontuando as principais mudanças e conservações, tanto na estrutura, economia, cultura, sociedade, entre outros.

2. MEMÓRIA E HISTÓRIA ORAL NA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO HISTÓRICO

O ato de registrar os feitos importantes a fim de que não sejam esquecidos é uma das mais antigas funções da história. Para tanto, é preciso se perguntar o que seria digno de ser lembrado, bem como quais episódios devem ser perpetuados na memória. Nessa perspectiva, este capítulo tende a destrinchar um tema que está presente em todas as sociedades: a memória, tanto por documentos, quanto por monumentos ou lembranças, bem como a História Oral, uma vez que tal pesquisa utiliza além da fonte escrita, a fonte oral. Dessa forma, apresentamos diferentes interpretações desses conceitos que são a base desse trabalho.

O campo da Memória que é material de estudo de diversas áreas de conhecimento como a Psicologia, Biologia, Psiquiatria, Antropologia e História, foi abordado aqui pelos limites de interpretação das ciências humanas, especificamente pela História (DANTAS, 2012). Portanto, aqui há um estudo da Memória por parte majoritariamente dos historiadores, como Le Goff, Burke, Pollak, Candau, Bosi, Dantas, Motta, etc. A discussão desse primeiro tópico se refere à definição do conceito memória, função e importância, à variedade de ciências que trabalham com a memória, às diferentes memórias (memória individual, memória coletiva e memória nacional) e às consequências do esquecimento.

Como este trabalho é voltado para a trajetória da cidade de Canindé de São Francisco - SE por meio de fontes escritas e orais, tornou-se essencial discutir sobre o conceito de História Oral com base em autores que trabalham com essa temática como Meihy e Holanda, Dantas, Alberti, Ferreira, Cruz, Chagastelles e Lacerda, Motta e Santos. Abordam-se aqui o histórico, suas diferentes concepções como técnica, metodologia e disciplina, seus tipos como a História Oral de Vida, Temática e Tradição Oral, além das escolhas de entrevistas e transcrição.

A partir da explanação dos conceitos supracitados, torna-se possível compreender com maior nitidez o desenrolar dos capítulos seguintes que não foram sobrecarregados com abordagens teóricas a respeito desses dois termos, além disso, o capítulo possibilita um melhor esclarecimento sobre a construção do conhecimento histórico que se renova a cada dia. Portanto, vamos agora compreender um pouco mais sobre a Memória a partir da ciência História.

2.1 Memória e História

A memória é um elemento essencial à identidade individual ou coletiva, sua conservação é fundamental para os indivíduos e para a sociedade (LE GOFF, 2003). A Memória dentro da ciência histórica possui a função de conservar as lembranças e os fatos acontecidos no decorrer da história da humanidade. A sua importância na História trata-se justamente de lembrar à sociedade aquilo que ocorreu no passado, buscando manter essa trajetória acessível para eventuais consultas.

A *Mnemosine*² busca salvar o passado para servir ao presente e ao futuro, alimentando a história e servindo para a libertação dos homens (LE GOFF, 2003). É interessante observar que quando falamos da Memória em seu papel de conservar lembranças, a primeira coisa que nos vem à mente é sua ligação com a biologia e a psicologia. Logo, pensamos na sua função psíquica de guardar informações do passado, ou que em sua mente o indivíduo considera como tal (LE GOFF, 2003).

Dessa forma, é evidente que a Memória não é exclusividade da História e é inevitável não comentar sua relação com as demais áreas de estudo que possuem cada qual sua merecida importância. No entanto, como já foi dito, nossa discussão aqui consiste em abordar esse tema dentro dos limites das ciências humanas, em que essa abordagem à memória juntamente com a História Oral desenvolve-se de forma progressiva.

A Memória serve para contar e recontar os acontecimentos de um povo e considerando que a identidade de uma sociedade é construída por meio do que permanece vivo na memória dos seus integrantes, ela torna-se indispensável na construção da história local, em que tanto a memória quanto a história são frutos de grupos sociais (BURKE, 2000). Quanto à memória individual, os indivíduos recordam exclusivamente o que pretendem perpetuar em suas vidas.

Como a lembrança é uma representação do passado e cada indivíduo carrega consigo um aspecto que marcou algum momento de sua vida, essas memórias manifestam-se como pedaços de pano com tamanhos, cores e texturas diferentes, que ao se unirem compõem uma colcha de retalhos, um mesclado de relatos que formam a identidade de uma população.

Ainda assim, a memória encontra algumas falhas que não permitem que o conhecimento histórico seja totalmente reconstruído, uma vez que a memória é seletiva e inventiva, de modo que o relato de uma lembrança pode ser incompleto. E é nesse espaço que

² Os gregos da época arcaica fizeram da memória uma deusa, *Mnemosine*. Esta passou nove noites com Zeus, das quais procriou nove musas. A sua função é lembrar aos homens a recordação dos heróis e de seus grandes feitos (LE GOFF, 2003).

a memória é vista como fruto de interação social (DANTAS, 2012). Le Goff (2003) lembra que:

num nível metafórico, mais significativo, a amnésia é não só uma perturbação no indivíduo, que envolve perturbações mais ou menos graves da presença de personalidade, mas também a falta ou a perda, voluntária ou involuntária, da memória coletiva nos povos e nas nações, que pode determinar perturbações graves da identidade coletiva (LE GOFF, 2003, p. 421).

Independente da forma que essas memórias sejam solicitadas, tanto por intermédio de uma entrevista, uma conversa informal, quanto por vista de um local ou imagem como veremos adiante, cada indivíduo possui sua maneira de visualizar o passado. Esquecer-se de determinados fatos pode causar um impacto na construção do conhecimento, uma vez que o próprio indivíduo encontre dificuldades em refazer o episódio. Assim, a chamada Memória coletiva, é aquela que pertence a um determinado grupo, assegurando coesão e solidariedade aos seus componentes (MOTTA, 2003). Portanto, a interação com outros sujeitos e outros discursos torna-se fundamental para chegar ao mais próximo possível da realidade vivida, além disso, a incerteza do discurso compromete a veracidade da informação.

Dito isso, a memória nacional, que é a mais expressiva das memórias coletivas, seja pela sua importância na sociedade contemporânea ou pelos elementos que a compõem (MOTTA, 2003), é objeto de uma grande disputa no que se refere à quais datas e quais acontecimentos merecem ser gravados ou não na memória desse povo (POLLAK, 1922), assim como se deve saber quem quer lembrar o quê e por quê (BURKE, 2000). Com isso, percebemos que o ponto chave dessa discussão é a importância da edificação do conhecimento histórico com base na memória coletiva, que a depender do modo que esta seja trabalhada, a história pode sofrer carências e alterações relevantes.

Por outro lado, conforme Michael Pollak “podem existir acontecimentos regionais que traumatizaram tanto, marcaram tanto uma região ou um grupo, que sua memória pode ser transmitida ao longo dos séculos com altíssimo grau de identificação” (POLLAK, 1992, p. 201). Desse modo, a memória na sociedade aborda as duas faces possíveis na construção do conhecimento, tanto o poder de um determinado grupo social que controla o que deve ser lembrado (geralmente o que possui maior poderio econômico), quanto à resistência de determinados acontecimentos que independente de não estarem na história oficial, isto é, na memória escolhida para ser preservada, continuam presentes apesar do transcorrer do tempo.

Embora a memória seja um atributo individual, que cada um carrega consigo, o que realmente é escolhido e legitimado para ser lembrado em tempos futuros é fruto de memórias

coletivas realizadas por grupos sociais (DANTAS, 2012). Dito isto, a memória coletiva, que dialoga e mantém uma relação variável com o outro (CANDAUI, 2014) é capaz de construir uma história inédita, diferente da história tradicional, isto é, a história elitizada, com base nos fatos que resistem a essa disputa de lembranças.

Como a memória é uma forma de perceber o passado, existem diferentes manifestações da mesma no indivíduo, essas experiências vividas podem ser acessadas através de uma palavra, de um sentimento ou de um livro (DANTAS, 2012). Ao ouvir o nome de sua cidade natal, por exemplo, o indivíduo consegue recuperar lembranças de como era a vida naquele local em detrimento com o atual. Além do mais, uma entrevista com o privilégio desses encontros com fotos, mapas e lugares pode revelar mais informações com riqueza de detalhes na reconstrução do passado do que numa entrevista convencional (SEEMANN, 2002/2003).

Todas as lembranças permanecem em estado latente antes de serem atualizadas pela consciência, em que metaforicamente essa lembrança fica abaixo da consciência atual, no chamado inconsciente (BOSI, 1994). Essa carga de conhecimento presente no inconsciente, que seria o espaço mais profundo da memória, vive adormecida até que seja solicitada pelo indivíduo de maneira voluntária ou involuntária por meio de um questionamento, de um encontro com um local, uma fotografia, isto é, inúmeras possibilidades ativam essas lembranças.

Ecléa Bosi ao explicar a teoria de Bergson, considerou:

Para tornar mais evidente a diferença entre o espaço profundo e cumulativo da memória e o espaço raso e pontual da percepção imediata, Bergson imaginou representá-la pela figura de um cone invertido: na base estariam as lembranças que “descem” para o presente, no vértice estariam os atos perceptuais que se cumprem no plano do presente e deixam passar as lembranças (BOSI, 1994, p. 47-48).

Bergson prossegue sua teoria afirmando que “é do presente que parte o chamado ao qual a lembrança responde” (BERGSON *apud* BOSI, 1994, p. 48). Logo, o indivíduo que evoca suas lembranças do passado filtra essas informações de acordo com o que ele vive no presente, uma vez que:

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho. [...] Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas idéias, nossos juízos de realidade e de valor. (BOSI, 1994, p. 55).

Esse processo da lembrança atualizada é bem exemplificado com a experiência da releitura apresentada por Bosi (1994), cuja leitura de um livro não pode ser realizada da mesma maneira numa segunda vez, nesse caso, existem muitos fatores que com o tempo nos impedem de sentir as mesmas emoções que no primeiro momento. Um exemplo disso é a própria formação intelectual e cultural do indivíduo que agrega novos valores a cada contato com diferentes pessoas e espaços.

Os entrevistados da Antiga Canindé não convivem com o local que descrevem porque quase toda a cidade foi demolida e o que restou está totalmente modificado, todavia, Burke afirma que em alguns casos a memória de um grupo social resiste à destruição de suas casas (BURKE, 2000). Desse modo, apesar da ausência material de seu passado, “O resgate da memória e a preservação do patrimônio cultural, portanto, é de suma importância para a construção de uma identidade consistente de um determinado povo e de uma determinada localidade” (LIMA; SANTANA, 2008, p. 20). Assim, a preservação desse passado pode ocorrer por meio da conservação das manifestações culturais e das memórias desses moradores.

O trabalho de coletar diferentes memórias sobre determinado tema, local ou acontecimento é árduo ao que se refere à prática de entrevistas, levantamento bibliográfico, e todo esse segmento de investigação inicial. No entanto, o resultado dessas buscas é tão gratificante para os pesquisadores quanto para a comunidade que compreende sua própria história e contribui para a preservação da mesma.

De acordo com Le Goff, “A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro” (LE GOFF, 2003, p. 471), assim, apesar de diferentes, a Memória e a História estão vigorosamente entrelaçadas, trabalhando juntas na construção do conhecimento histórico.

Dito isso, a Memória é a responsável por guardar as diversas lembranças que ocorrem ao longo da história da humanidade servindo para a construção do conhecimento histórico e de extrema importância para preservar os diversos feitos tanto dos indivíduos ilustres com cargos importantes, quanto dos indivíduos comuns. O tópico seguinte aprecia uma breve discussão sobre a História Oral.

2.2 História Oral

A História Oral é a principal referência para tratar sobre a memória do povo canindeense. Logo, é utilizada aqui para relatar às diferentes histórias, inclusive aquelas dos

marginalizados que não estão anexadas nas histórias oficiais, uma vez que durante certo período os povos sem escrita eram considerados sem história (DANTAS, 2012). A importância da História Oral consiste em sua função de ouvir os indivíduos e perpetuar esses relatos essenciais na construção do conhecimento histórico. A seguir, vamos compreender um pouco mais sobre o seu histórico, quais os tipos e como é utilizada para fins acadêmicos.

Um termo relativamente novo, com um surgimento diferente em cada local, a História Oral percorreu um caminho tortuoso até chegar ao que é hoje. Apesar de já ser utilizada a estratégia de ouvir testemunhas de determinados fatos desde a Antiguidade com Heródoto, Tucídides e Políbio, a História Oral como metodologia de pesquisa da História Contemporânea surge em meados do século XX com a invenção do gravador a fita, que permitia gravar o relato e dispor de uma situação de entrevista, dando início assim, à História Oral Moderna (ALBERTI, 2008).

De início, a coleta de depoimentos pessoais com um gravador foi realizada pelo jornalista Allan Nevins em 1940 com o intuito de recuperar informações sobre grupos dominantes norte-americanos, privilegiando, assim, o estudo das elites (FERREIRA, 2002). Já em 1960 com o aperfeiçoamento do gravador portátil, foram entrevistados os grupos sociais que não deixavam registros escritos, ficando conhecida como a História Oral Militante. Essa forma de opor-se à História positivista do século XIX, que seria a História da nação, foi um movimento de contra-História, valorizando a História do local e do comunitário (ALBERTI, 2008). Com isso, a História Oral retrata as várias histórias que compõem a sociedade, valorizando sua multiplicidade.

A legitimidade da História Oral é inegável tanto no Brasil quanto ao redor do mundo, se falarmos dos dias atuais. Devido aos encontros constantes em discussões internacionais, regionais e nacionais, principalmente os debates realizados nas academias durante as décadas de 1980 e 1990, nos quais enfatizavam a importância de refletir e consolidar o uso de metodologias para com a História Oral, as entrevistas passaram a ser vistas como uma forma indispensável ao se trabalhar com esse tipo de história. Dito isto, a História Oral passa a ser inserida em teses e dissertações que discutem sobre as chamadas fontes orais, como as entrevistas (ALBERTI, 2008).

No Brasil, a História Oral está concomitantemente ligada ao período de redemocratização no pós-ditadura, dando voz aos excluídos e oprimidos (DANTAS, 2012). Em 1975, a História Oral passa a contar com o Centro de Pesquisas e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) e com a Associação Brasileira de História Oral (ABHO) a partir de 1994 (DANTAS, 2012). O CPDOC em sua proposta inicial visava estudar

a trajetória e o desempenho das elites brasileiras examinando como se formava o Estado Brasileiro, e até hoje utiliza a História Oral de Vida para compreender as diversas vozes dos indivíduos que atuavam no Estado ou que fizeram oposição a ele, e ABHO conta com pesquisadores de vários estados e proporciona encontros regionais e nacionais para a disseminação da História Oral no país (ALBERTI, 2008).

A História Oral hoje permite que o pesquisador tenha acesso a um leque de possibilidades de relatos, sendo a porta-voz dos que estão às margens da sociedade, das instituições públicas ou privadas, das elites, das minorias, das nações, enfim, de uma infinidade de narrativas, oferecendo a oportunidade de terem suas histórias contadas. Desse modo, utilizamos a História Oral para dar voz à população de Canindé de São Francisco – SE, principalmente pela carência de fontes escritas a respeito da História desses ribeirinhos.

A História Oral “consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente” (ALBERTI, 2008, p. 155). E mais do que simplesmente coletar relatos, a História Oral é constituída de um conjunto de procedimentos, e não apenas de um procedimento único, que tem início com um projeto que é essencial para a realização da pesquisa e, por fim, com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas, com a justificativa da escolha desses indivíduos (MEIHY, HOLANDA, 2007).

Apesar da importância de coletar narrativas, fazer História Oral por meio apenas de um relato aleatório não é plausível, uma vez que a História Oral difere de outras formas de entrevistas convencionais principalmente por contar com um projeto que vai guiar cada passo da pesquisa. Em suma, “História oral é uma alternativa para estudar a sociedade por meio de uma documentação feita com o uso de entrevistas gravadas em aparelhos eletrônicos e transformadas em textos escritos” (MEIHY, HOLANDA, 2007, p. 19). Além do mais, a escolha dos entrevistados é mais um ponto a ser considerado ao se trabalhar com a História Oral, pois é a partir dessa definição e do que esse grupo defende que as memórias serão relatadas e eternizadas.

A História Oral está dividida em três ramos de conhecimento, a História Oral de Vida, História Oral Temática e Tradição Oral. A primeira refere-se à experiência pessoal de um indivíduo exclusivo, a segunda obedece a uma temática específica com diversos relatos relacionados ao assunto, já a Tradição Oral diz respeito ao indivíduo como transmissor de mitos e tradições antigas (MEIHY, 1994). Utilizamos a segunda vertente, uma vez que as entrevistas possuíam seu objetivo direcionado a um tema central, ou seja, a História do município de Canindé de São Francisco.

Assim como a Memória, a História Oral é interdisciplinar, utilizada tanto pela História, quanto pela Sociologia, Antropologia e até mesmo pelo Jornalismo (DANTAS, 2012). Além de ser utilizada por diversas áreas, a História Oral não possui apenas uma função: “Para alguns ela é uma técnica, para outros ela é uma disciplina e para muitos ela é uma metodologia” (CRUZ, 2005, p. 2). Ao que se refere à abordagem da História Oral como técnica, há a realização de procedimentos técnicos com o intuito de realizar as entrevistas, as transcrições, a conservação e até na organização de acervos (CHAGASTELLES; LACERDA, 2013). Já a abordagem da História Oral como metodologia:

problematiza a história oral como uma área de estudo com o objeto próprio e capacidade de gerar soluções, estabelecendo e ordenando procedimentos de trabalho como uma ponte entre teoria e prática. As soluções e explicações devem ser buscadas na teoria da história que se dedica a estudar os conceitos de história e memória assim como as complexas relações entre ambos (CHAGASTELLES; LACERDA, 2013, p. 1).

Ao adotar a História Oral como técnica há todo um preparo para utilizar as entrevistas, como já foi dito, com um conjunto de procedimentos que atuam desde a formulação do projeto, a escolha dos entrevistados, até a sua conservação. A História Oral, nesse sentido, traz uma concepção mais acadêmica às entrevistas, enaltecendo sua seriedade e comprometimento científico, no entanto, é um suporte ao trabalho, pois conta com fontes escritas. Como metodologia, a História Oral guia todo o trabalho, as entrevistas são indispensáveis à pesquisa e passam a ser o epicentro da discussão.

Já como disciplina, é uma tendência em que a academia e a tecnologia eletrônica se fundem como meio de facilitar a produção e divulgação do conhecimento. A academia como espaço para debates e disseminação do conhecimento com fundamentos acadêmicos, e a tecnologia como prova da dinâmica da academia, bem como da facilidade de produção do conhecimento (MEIHY, HOLANDA, 2007).

O uso da História Oral, como técnica ou metodologia, visa dentre outras coisas a manutenção da Memória, porém, “Ao fazer escolhas, o grupo também esquece e faz esquecer outros acontecimentos” (MOTTA, 2003, p. 186). Assim, a identidade de um grupo forma-se de acordo com esse sentimento de pertencimento ou não a certos fatos, que vai determinar o que será lembrado ou esquecido.

Assim sendo, “O que temos são fragmentos do passado, narrados por aquele que viveu. Isto nos mostra um ponto central: não existe apenas uma memória ou uma história que dê conta do passado, e sim várias” (CHAGASTELLES; LACERDA, 2013, p.5). Logo, a

pesquisa em História Oral Temática deve possuir mais de uma narrativa para comparar, com o intuito de fazer prevalecer o interesse coletivo desse grupo predeterminado para a entrevista, mesmo que haja “deformações ideológicas” (FERREIRA, 2002, p. 329) nos relatos devido aos esquecimentos involuntários ou omissões voluntárias.

Diferente de qualquer outra maneira de indagação a entrevista é uma produção intelectual que pode ser compartilhada e produz conhecimento (CRUZ, 2005). Além do mais, pela entrevista que são construídas as fontes orais. A escolha dos entrevistados foi realizada de modo que contemplasse os objetivos da pesquisa, sendo assim, antigos moradores de Canindé de Baixo com faixa etária entre 70 e 73 anos, foram entrevistados sobre a vida no antigo município, pessoas que têm seu papel fundamental na pesquisa já que viveram durante o período investigado e participaram ativamente de seu cotidiano.

Os relatos de antigos moradores rompem com a limitação da memória uma vez que revelam o que não foi contemplado pelas fontes escritas (SANTOS, 2005). Além do mais, a História Oral não existe apenas quando há a ausência de fontes escritas, mas que ela é essencial para produzir novas versões de acordo com o que já existe na historiografia (MEIHY E HOLANDA, 2007). Sendo assim, a História Oral e o documento escrito podem coexistir, um auxiliando o outro na construção do conhecimento histórico.

Ao que se refere à transcrição das gravações, alguns defendem que se deve preservar ao máximo as características da fala, como pausas e repetições. Outros defendem que as transcrições deveriam facilitar a compreensão, fazendo uma textualização da fala (CRUZ, 2005). No presente trabalho, as entrevistas foram transcritas da mesma maneira que ocorreu a fala, preservando vícios de linguagem, expressões da região, particularidades dos entrevistados e repetições de palavras.

Uma das características da História Oral que expressa a sua importância diz respeito a essa liberdade de expressão das diferentes falas e modos de ser dos indivíduos, a autonomia de permitir que um texto seja transcrito da mesma forma que foi falado durante a entrevista demonstrando as diversidades de linguagens e relatando suas emoções. No mais, a História Oral:

É uma combinação que permite um estudo do tempo presente, e de um tempo vivo, pois registra a experiência de pessoas vivas, ou seja, seu processo histórico ainda não está acabado. A história oral é, acima de tudo, uma história construída em torno de pessoas e dos acontecimentos e das emoções que as cercam. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. (DANTAS, 2012, p. 87).

A possibilidade de preencher lacunas na História, ao descrever a visão de outros atores da sociedade, antes excluídos, sobre determinado acontecimento, e a vantagem de escrever a história recente, história do tempo presente, torna a História Oral uma metodologia exclusiva no resgate das memórias. No entanto, deve-se lembrar de que apesar das várias formas de abordagem do que já se passou, a ressurreição do passado é impossível e só podemos conhecê-lo por meio da memória e dos relatos, portanto, a verdade histórica tende a ser revisada sempre que necessário, pois os questionamentos e as fontes de informação são cotidianamente renovados (CHAGASTELLES, LACERDA, 2013).

A História Oral é, portanto, essa importante ferramenta na coleta de relatos, e no que diz respeito ao trabalho atual, relatos de um tema específico. Com a função de narrar memórias, e enfatizando a transcrição sem alteração da fala, a História Oral permite que o historiador analise a fonte oral da mesma forma que se avalia uma fonte escrita, com criticidade. A exemplo disso, o capítulo seguinte conta com os dois tipos de fontes, abordando desde a História de Sergipe até os relatos dos antigos moradores de Canindé.

3. HISTÓRIA DE CANINDÉ DE SÃO FRANCISCO – SE

Desde a pré-história o território que hoje compreende o município de Canindé de São Francisco foi habitado por pequenas populações. Esses povos viviam às margens do Rio São Francisco e utilizavam-se dos recursos naturais para a sua sobrevivência.³ Consta-se que os primeiros habitantes chegaram à região aproximadamente no oitavo milênio antes do presente e eram formados por pequenos grupos de caçadores e coletores, com grande mobilidade, atraídos pelo bem essencial à sobrevivência: a água. Assim, viviam sempre próximos ao rio, pois era ali que encontravam seus alimentos (MARTIN, 1998).

Os rios sempre foram pontos referenciais para o início de comunidades uma vez que a água ali disposta facilitava a preparação de alimentos além de ser uma região propícia para a caça. No decorrer do tempo, o atual território do Estado de Sergipe principalmente às margens do Rio São Francisco, vivenciou disputas mesmo antes da chegada dos portugueses. Os índios que habitavam essa região possuíam diferentes costumes, organização social, modo de vida e diferiam até mesmo na língua. Assim, diversas territorialidades eram construídas e desconstruídas pelas relações de poder e identidade dos grupos indígenas que habitavam a região (CRUZ; OLIVEIRA, 2016). Logo,

No dia quatro de outubro de 1501, dia de São Francisco, o italiano Américo Vespúcio descobriu a foz de um rio chamado Paraná pelos indígenas, que recebeu então o nome do Santo de Assis. O destino trágico das populações nativas que habitavam nas margens do grande rio nordestino desde há dez mil anos, foi selado nesta data, mesmo que a colonização européia do vale sanfranciscano ainda demorasse algumas décadas (MARTIN, 1998, p. 17).

Com o processo da conquista e colonização do Brasil, as populações nativas que viviam principalmente nos litorais aos poucos foram se espalhando e fugindo para os interiores, deixando muitas terras desabitadas. Além da fuga do litoral,

A partir dos relatos dos missionários, aventureiros e viajantes que se adentraram nos sertões do São Francisco, desde os começos da colonização, temos informações dos habitantes indígenas do grande vale, da sua resistência e seu paulatino extermínio ou fuga a lugares quase inacessíveis nas serras circundantes (MARTIN, 1998, p. 20).

³ “As primeiras levas de paleoíndios chegadas às ribeiras do médio São Francisco datam do oitavo milênio BP, e devem ter chegado ao vale desde o planalto goiano, das cabeceiras do alto São Francisco e pela ampla rede de afluentes que desembocam no grande rio nordestino no SO da Bahia” (MARTIN, 1998, p.25).

Contudo, à medida que chegavam mais estrangeiros, havia a necessidade de povoamento e construção de vilas. Esse processo histórico do povoamento de Sergipe está exposto em detalhes na obra *História Territorial de Sergipe* de Felisbello Freire, em que veremos adiante algumas colocações do autor no tópico *3.1 Breve histórico de Sergipe*. Além de Freire, o tópico conta com colocações de Antônio Lindvaldo Sousa, José Silvério Fontes, Rodrigues Herles dos Santos, Josué dos Passos Subrinho, Fernanda Cruz e Paulo de Oliveira. Aborda-se aqui a formação do estado sergipano incluindo as missões jesuíticas, guerras, primeiros povoamentos, invasões holandesas, economia e educação.

Ao tomar conhecimento sobre a consolidação do estado sergipano, o próximo passo é conhecer o histórico sobre a fundação de Canindé de São Francisco que já pertenceu ao município de Porto da Folha- SE, relatando a sua origem, suas mudanças e o processo emancipatório com o auxílio de Kátia Souza, Alcino Alves Costa, Felisbello Freire, Egicyane Lisboa, Givaldo Jesus e Antônio Fernando Sá. A história de Canindé de São Francisco está relacionada à família Britto que foram os pioneiros na ocupação e construção de fazendas na região do Baixo São Francisco, e aos trabalhadores que começaram a chegar ao vilarejo em busca de emprego e melhores condições. O tópico descreve também algumas leis que alçaram a formação do município, além de contar com fotografias da antiga cidade.

É chegado o momento de contar essa História pelas palavras da própria população. O tópico *3.3 Memórias de Antigos Moradores* relata o cotidiano em Canindé de São Francisco pelas vozes de Maria Auxiliadora Melo de Britto (73 anos), Maria do Socorro Feitoza Guimarães (70 anos) e Lourival Rodrigues (73 anos), moradores da Antiga Canindé e que permanecem morando na nova cidade. Além disso, utilizaram-se também as obras de Bosi e Santos ao que se refere à memória e Alcino Alves Costa, Katia Maria Souza, Ronete Lima e Veranúbia Santana, Givaldo Jesus e Antônio Sá sobre a história local de Canindé. O tópico aborda diversas características do cotidiano da Velha Canindé antes da construção da hidrelétrica.

3.1 Breve histórico de Sergipe

Ao analisar memórias de antigos moradores de Canindé de São Francisco e com o intuito de melhor situar e contextualizar o município em destaque, este tópico realiza um aparato da História de Sergipe, abordando alguns aspectos de formação, divisão territorial, aspectos econômicos e populacionais.

A história de Sergipe está intrinsecamente ligada à história baiana, a começar por sua conquista no século XVI que foi excepcionalmente uma consequência da expansão que visava colonizar o norte da Bahia. Essa conquista se deu, portanto, pois Recife e Bahia dispunham dos mesmos interesses econômicos e políticos e eram os dois polos mais povoados no Norte, no entanto, apesar do anseio de um melhor relacionamento, não havia um meio de comunicação viável entre ambas já que estavam separadas por uma faixa de terra sem estradas e as comunicações marítimas também não eram das mais acessíveis. Desse modo, devido ao intenso interesse de expansão e ligação entre esses dois centros de povoamento, abriu-se por Sergipe a primeira estrada que ligava Bahia e Recife (FREIRE, 1995).

Entende-se que nesse período do século XVI havia muita exploração das riquezas naturais presentes no Brasil e iniciavam-se os povoamentos em prol da expansão colonial. Sergipe estava entre dois importantes núcleos de domínio europeu e nada seria mais cabível do que sua exploração e conquista, possibilitando uma conexão entre os dois pontos.

Antes de ter sido colonizado, o território sergipano acomodou franceses que durante um longo tempo mantinham alianças comerciais com tupinambás, realizando trocas entre pau-brasil e bugigangas, como espelhos e pentes. A hospedagem dos franceses em Sergipe só diminuiu em 1575 (SOUSA, 2007). A presença de franceses na região não harmonizava com os interesses portugueses, de tal modo que os primeiros começam a deixar o território a partir da chegada das missões jesuíticas em Sergipe.

A região que hoje predomina o Estado de Sergipe é banhada por cinco rios que são: “o S. Francisco, o Japarutuba, o Sergipe-Cotinguiba, o Vasa-Barris, o Real-Piauí. Todos eles recebem vários afluentes, rios menores e riachos, entrelaçando o território sergipano de veios d’água” (FONTES, 1999, p. 86).

Sergipe, situada entre os rios Real e São Francisco, era uma parte da Capitania de Francisco Pereira Coutinho (Bahia), sendo passada para seu filho Manoel Pereira Coutinho após sua morte. Manoel não conseguiu manter a Capitania devido à desordem de gerência e por meio de um contrato em 1573 teve que ceder as terras ao governo, com isso, Sergipe passa a ser chamada Sergipe *d’El-Rei*. Já em 1575, com o intuito de catequizar os indígenas e promover uma conquista pacífica, ocorreu a primeira missão em Sergipe, comandada pelo padre Gaspar Lourenço que conseguiu cativar a simpatia dos nativos e com isso antecipou a colonização (FREIRE, 1995). Assim, “Os jesuítas conseguiram se aproximar de grupos indígenas liderados por caciques como Serigi, Surubi e Aperipê, que são personagens e referências da história sergipana” (SANTOS, 2015, p. 99).

Os indígenas a princípio viam as missões jesuíticas como uma forma de enganação, tendo em vista que não havia uma relação confiável entre eles e os conquistadores e a missão de Gaspar Lourenço⁴ estava acompanhada de soldados que se estabeleceram próximo dessa primeira aldeia, o que causava mais desconfiança dos índios. No entanto, o padre Gaspar Lourenço consegue convencê-los de que a missão dele era de paz e dessa forma seria provável que a colonização ocorresse tranquilamente.

A presença dos soldados próximos à aldeia nunca foi um motivo de tranquilidade para os indígenas, de tal modo que com algumas agressões sofridas pelos índios por parte dos soldados, ocorreu a fuga de muitos deixando as aldeias desertas. Assim, após esses ocorridos, as tentativas de conquista foram ordenadas por D. Sebastião ao governador da Bahia Luís de Brito, que por sua vez entrega as terras a um rico fazendeiro do recôncavo baiano chamado Garcia d'Ávila. Este, porém, não conseguiu combater os indígenas que temiam os tantos soldados no litoral e não recebiam o governador de forma amistosa como receberam o padre Gaspar Lourenço. Desse modo, trava-se uma luta contra os indígenas, saindo Brito vitorioso (FREIRE, 1995).

Após algumas tentativas de recuperar a confiança dos índios, sem sucesso, em 1590, já sob a direção de Cristóvão de Barros, há um novo massacre contra os nativos, conseqüentemente, depois da vitória é fundado o arraial cidade de São Cristóvão, em homenagem ao santo de seu nome (FREIRE, 1995). Além disso, “essa conquista territorial se deu exclusivamente no litoral, o espaço do interior não fora objeto desta conquista” (SANTOS, 2015, p. 100). Esse período de guerras em Sergipe devastou a população indígena e fez com que a colonização e o povoamento fossem acelerados, processo que se deu com a doação de sesmarias principalmente a partir de Cristóvão de Barros, que se tornou o capitão-mor.⁵

Todo o território sergipano começa a ser povoado e no início do século XVII, “De 1606 em diante, a colonização ganha as regiões do Norte, pelas margens do S. Francisco” (FREIRE, 1995, p. 38). Assim, as regiões que cercam o São Francisco começam a ser distribuídas e ocupadas. A partir de 1637, o território sergipano foi disputado por portugueses e holandeses justamente por conta da sua localização estratégica entre Pernambuco – que estava sob domínio holandês e era um importante núcleo de produção de açúcar – e o centro

⁴ Lourenço nasceu em 1535 na Vila Real de Traz os Montes, em Portugal. Chegou ao Brasil (Bahia) em 1550, com 14 anos onde foi educado pelos jesuítas. Em 1553 entrou para a companhia de Jesus e se ordenou em 1560 com 25 anos. Em 1575, com 40 anos fazia missão em Sergipe. (SOUSA, 2007).

⁵ O Capitão-mor na época do Brasil Colonial equivalia a um delegado hoje. Sua função era manter a ordem nos arraiais, vilas e cidades, prender e investigar criminosos. Tornava-se autoridade máxima onde não houvesse Juiz Ordinário (CAMPOS, 2019).

administrativo da colônia portuguesa – a Bahia (PASSOS SUBRINHO, 1983). Essa disputa afetou a economia sergipana que já contava com a produção de açúcar e criação de animais.

Foi justamente no período que os holandeses estiveram no Brasil que teve início o mapeamento da região. Por meio das mãos de um dos mais talentosos cartógrafos holandeses que Sergipe Del Rey foi retratado pela primeira vez com o título de *Praefectura de Ciriliet Sergipe del Rey cum Itâpuâma* (figura 1), obra de Georg Marcgraf, possivelmente entre 1638-1643 e organizado mais tarde em 1647 por Joan Blaeu (CRUZ; OLIVEIRA).

Figura 1- Praefectura de Ciriliet et Sergipe del Rey cum Itâpuâna.



Fonte: Biblioteca Nacional do Chile. Disponível em: <<http://www.memoriachilena.cl/602/w3-article-79537.html>> Acesso em 15/12/2018, 22h32min.

No ano de 1688, Sergipe foi dividido em distritos militares, nesse ínterim, já no fim do século XVII, Sergipe foi elevado à categoria de comarca da Bahia, sendo possível a criação de vilas (FREIRE, 1995). Esse processo de criação de vilas teve continuidade no século seguinte, além disso, houve a criação de novos distritos militares que visavam manter a ordem pública na capitania (FREIRE, 1995).

A divisão territorial de Sergipe no fim do século XVIII, além da sua capital, contava com as vilas de Santa Luzia, Tomar, Lagarto, Itabaiana, Santo Amaro e Villa Nova, além de quatro povoações que eram Laranjeiras, Pacatuba, Japarutuba e São Pedro (antigas missões religiosas). Nesse período, sua população estava estimada em 55.600 habitantes, dentre eles 13.217 brancos, 20.849 pardos, 1.641 índios e 19.893 negros. Além disso, sua economia estava baseada na lavoura de açúcar, exportação de açúcar, sal, algodão, cereais, couro e sola. “Eis Sergipe no fim do século XVIII” (FREIRE, 1995, p. 68).

Em 1820, Sergipe havia se desmembrado da província da Bahia, constituída em Província separada e após a Revolução de 1817⁶ perante o empenho em contrariar o movimento insurgente, Sergipe foi gratificada e elevada à categoria de Capitania independente do governo da Bahia, por um decreto de 8 de julho de 1824 (FREIRE, 1995). Além disso, Sergipe ficou formada pelas seguintes cidades:

São Cristóvão, por carta de lei de 8 de abril de 1823;
 Estância e Laranjeiras, pela lei de 4 de maio de 1848;
 Maroim, pela lei de 5 de maio de 1854;
 Aracaju, pela lei de 17 de março de 1855;
 Propriá, pela lei de 21 de fevereiro de 1866;
 Lagarto, pela lei de 20 de abril de 1880.
 A situação atual da divisão judiciária, civil e administrativa é a seguinte:
 O Estado divide-se em 12 comarcas: Aracaju, Laranjeiras, Estância, Capela, Gararu, Itabaiana, Propriá, Maroim, Vila Nova, Lagarto, Riachuelo e Rio Real.
 Tem 33 municípios, de que já falamos; 12 cidades, 26 vilas e 33 paróquias.
 (FREIRE, 1995, p. 117).

Sergipe foi se desenvolvendo ao longo do século XIX, tanto na infraestrutura, quanto na economia e entre os anos de 1870 e 1930 houve um surto cultural e um aumento considerável dos escritores em Sergipe, sobre Sergipe e para Sergipe, além disso, foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e a Academia Sergipana de Letras (FONTES, 1999).

Ainda no século XX, ao que se refere à educação, Sergipe vivia dependente da Faculdade de Direito do Recife e da Faculdade de Medicina da Bahia, no entanto, com a inauguração dos primeiros cursos superiores por volta de 1940 e da fundação da Universidade

⁶ “O processo teve início com a prisão de alguns militares denunciados por suas posturas e opiniões sediciosas em jantares e assembleias. No momento da determinação da prisão, um militar feriu mortalmente seu comandante, o que desencadeou múltiplas reações violentas. O motim se alastrou pelas ruas [...] os líderes da revolta organizavam um governo provisório [...]. O passo seguinte consistia no desafio de assegurar a adesão popular e reforçar a união com as capitânicas de Paraíba e do Rio Grande do Norte. [...] As razões do movimento [...] estariam num orgulho e nativista ferido expresso na reivindicação por um tratamento diferenciado pela corte a Pernambuco. Considerando o que tradicionalmente aquela capitania representou em termos de filiação monárquica lusitana para a restauração do domínio português no Nordeste [...]” (ANTÔNIO, 2012, p.58).

Federal de Sergipe em 1967, o Estado começou a se libertar dessa subordinação (FONTES, 1999).

Segundo o Antônio Lindvaldo Sousa (2007), a história de Sergipe ainda é contada por meio da história política institucional e econômica, e que apenas com os trabalhos acadêmicos como monografias, dissertações e teses de História e afins é que essa condição começa a mudar, porém, poucos são os trabalhos publicados a respeito. Poderíamos continuar com a história de Sergipe devido à sua importância, no entanto, este trabalho é dedicado especialmente ao município de Canindé de São Francisco, em que será abordado seu histórico no próximo tópico.

3.2. Fundação de Canindé de São Francisco

Localizada no interior sergipano, Canindé de São Francisco faz divisa com dois estados, sendo os municípios de Paulo Afonso na fronteira com a Bahia e Piranhas na fronteira com Alagoas. Mas, antes de constituir o território que hoje acomoda aproximadamente 24.686⁷ habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019), Canindé já pertenceu a outro município de Sergipe.⁸ No presente tópico serão apresentados alguns aspectos sobre a fundação de Canindé adentrando em sua relação com o município de Porto da Folha até sua emancipação em meados do século XX.

A palavra Canindé tem sua origem na língua tupi (kani'ne) e refere-se a uma ave da família dos Psitacídeos. As canindés são aves do tamanho de araras e papagaios de tom azul claro, com penas amarelas nas asas e na barriga, algumas com tom avermelhado na parte inferior da cabeça (SOUZA, 2001). Devido à abundância da ave na região deu-se o nome de Canindé ao lugarejo, que mais tarde mudaria de nome como veremos adiante. A princípio, faz-se necessário voltar um pouco ao período colonial com as doações de terras e primeiras tentativas de colonização no território sergipano, especificamente na região de Porto da Folha, ou Ilha do Ouro como também é conhecida, assim, conseguimos traçar o percurso que o município percorreu para chegar ao que é hoje.

⁷ Dados do último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010. A estimativa para 2018 era de 29.430 pessoas (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2019).

⁸ “Toda região que compreende hoje a cidade de Canindé, antes pertencia ao Morgado de Porto da Folha” (SOUZA, 2001, p. 21).

Figura 2 - Antiga Canindé



Fonte: G1 – Tv Sergipe. Disponível em: <<http://g1.globo.com/se/sergipe/riquezas-do-sertao/fotos/2015/11/fotos-antigas-revelam-historia-de-caninde-de-sao-francisco.html#F1852077>> Acesso em 24/03/19, 10h56min.

Nos sertões sergipanos os processos de conquista e colonização tiveram suas investidas iniciadas com a distribuição de grandes sesmarias na margem direita do rio São Francisco em que o primeiro local a ser ocupado foi a Ilha do Ouro (SOUZA, 2001). No rodapé do livro *História Territorial de Sergipe*, Felisbelo Freire faz a seguinte colocação, referindo-se as terras ocupadas por Gaspar da Cruz Porto Carreiro:

Gaspar da Cruz Porto Carreiro, Pedro de Figueiredo e Domingos da Cruz Porto Carreiro. carta de 30 de agosto de 1625. Seis léguas em quadra. Em Sergipe d’El Rei, da parte do sul do rio S. Francisco, começando da ponte da Tabanga, meia légua pelo rio acima, correndo as ditas terras rumo direito, com todas as águas, pontas e enseadas, condições as do foral (FREIRE, 1995, p. 38).

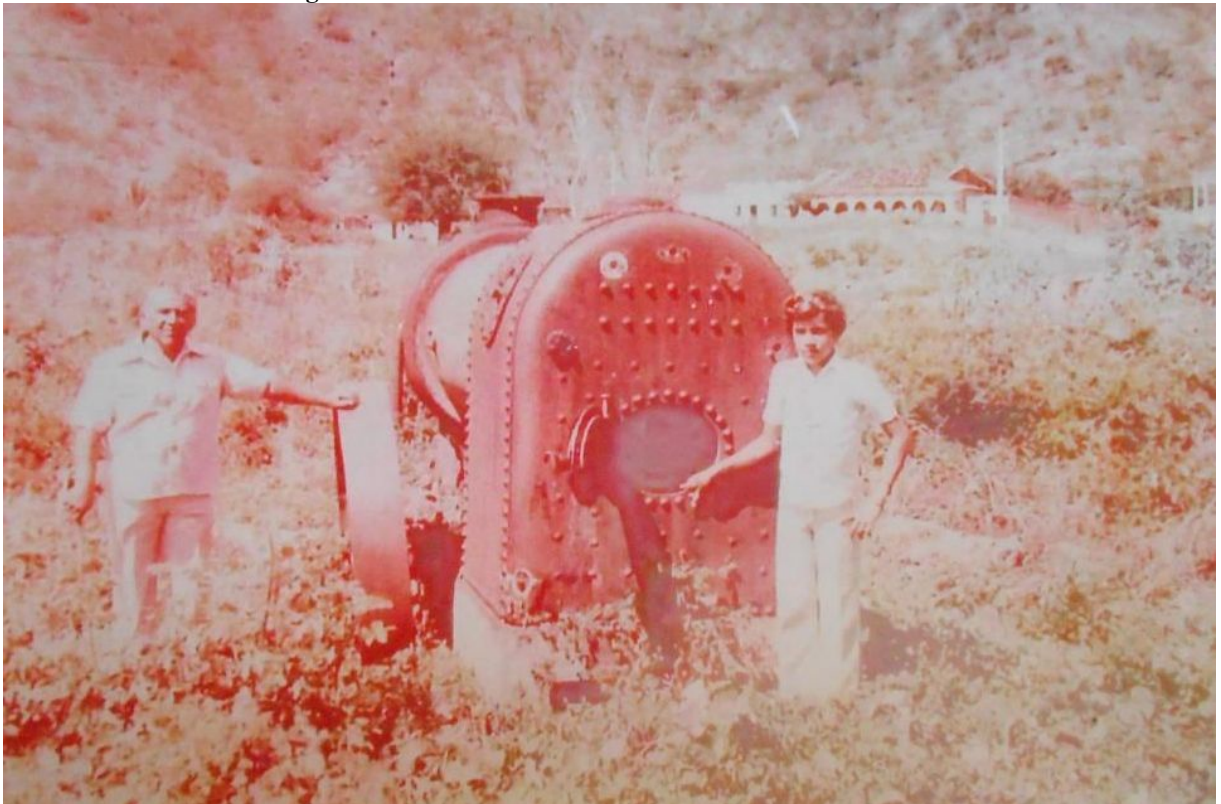
Ao mesmo tempo em que ocorria a povoação do Vasa-Barris, o São Francisco também era povoado. Nesse contexto, em ofício de 7 de fevereiro de 1834, “Art. 4º Fica do mesmo modo criada vila a povoação de São Pedro do Porto da Folha, contendo o seu termo o distrito, que compreende a freguesia” (FREIRE, 1995, p. 77).

No início do século XIX, as 30 léguas de terras da região do São Francisco que teriam sido concedidas pela Coroa inicialmente ao desembargador Christovam de Burgos, Pedro Garcia Pimentel, ao capitão Manoel de Coutto Dessa, Hieronimo da Costa Taborda e Antonio Rodrigues são agrupadas ao morgado de Porto da Folha. Posteriormente, o herdeiro

do morgado, capitão Luiz da Silva Tavares, negocia parte de suas terras por quinhentos mil reis a Francisco Cardoso de Britto Chaves (SOUZA, 2001).

O coronel Chico Porfírio, como era conhecido o comprador de parte das terras do morgado, pertencia a uma família de grande influência e prestígio na região do Baixo São Francisco: os Britto. Essa família dominava grandes propriedades distribuídas de Propriá a Canindé do São Francisco e foram os fundadores da fazenda Cuiabá, de onde surgiu mais tarde o município de Canindé (JESUS; SÁ, 2012). Apesar das fortes secas que sempre assolavam o sertão sergipano, as terras adquiridas pelo coronel eram propícias para a criação de gados, bodes e ovelhas (COSTA, 2006). Assim, logo que se apossou da região o coronel Chico Porfírio tratou de construir algumas residências, fazer do local a sede de sua fazenda e em parceria com o seu irmão coronel João Fernandes de Britto fundaram um curtume que acabou atraindo muitos moradores (SOUZA, 2001).

Figura 3 - Salomão e filho ao lado da caldeira desativada.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Auxiliadora Melo de Britto.

Foi a partir dessa empreitada dos irmãos Britto que começou a se formar o vilarejo. Sobre esse investimento, Jesus e Sá (2012) afirmam que “Mais tarde esse curtume transformou-se numa indústria mecanizada, dinamizando a economia da região e atraindo um grande número de trabalhadores, dando início a uma pequena vila” (JESUS; SÁ, 2012, p. 10).

Esse período de desenvolvimento durante o funcionamento do curtume torna Canindé um lugar em destaque na região, visado pelos sertanejos, pois, além de curtir os couros, o lugarejo fica às margens do Rio São Francisco, facilitando a sobrevivência em meio à seca.

O pequeno núcleo ribeirinho obteve tanto progresso que foi elevado à categoria de Distrito de Paz de Porto da Folha em 07 de novembro de 1899, por meio da Lei estadual nº 368. Lei que foi revogada tempos mais tarde (COSTA, 2006).

No entanto, seguindo o crescimento e já contando com 96 casas e uma capela, Canindé é elevada a 2º Distrito de Paz de Porto da Folha no ano de 1936 (SOUZA, 2001). Dois anos mais tarde, pela Lei de 28 de março de 1938 o Distrito de Paz de Canindé é elevado à condição de Vila (SOUZA, 2001).

Um acontecimento inesperado muda a trajetória econômica de Canindé. Na década de 40 o curtume que era o maior fator de desenvolvimento da vila foi desativado. Esse ocorrido deixou a região numa situação embaraçosa, uma vez que a população perde sua principal fonte de emprego e renda (COSTA, 2006).

A prática do coronelismo, que ocorreu inicialmente na área rural, envolveu grande parte do país no período da Primeira República (1889-1930) uma vez que a indústria ainda não dominava a economia (BARBOZA, 2017) e contribuiu com a formação dos primeiros núcleos populacionais no sertão sergipano. O curtume, iniciado pelos coronéis Chico Porfírio e João Fernandes foi o pontapé inicial para a consolidação da povoação de Canindé e consequentemente do seu crescimento econômico. A queda desse empreendimento foi um choque para a população, principalmente para os operários e suas famílias que viam nesse ofício a confiança de uma melhor situação financeira. Porém, apesar dessa decaída, Canindé não finda sua história de desenvolvimento aqui.

Como já existiam outros locais com a mesma nomenclatura no país, e evitando-se as repetições, a Lei nº 377 de 31 de dezembro de 1943 define que Canindé passaria a chamar-se Curituba (SOUZA, 2001). Curituba significa argila vermelha e referia-se às pedras encontradas nas margens do rio de mesmo nome que possuía filetes vermelhos em seu interior (LISBOA, 2015). No entanto, a população demonstrava estar descontente com a nova denominação do município e sempre reclamava a volta do antigo nome. Ainda com o nome de Curituba a região é enfim emancipada e proclamada cidade por meio da Lei 525-A de 25 de novembro de 1953 (LISBOA, 2015).

Figura 4- Comemoração de emancipação política de Canindé – novembro de 1981



Fonte: Acervo pessoal de Maria Auxiliadora Melo de Britto.

E a Lei nº 554, de 06 de fevereiro de 1954, fixa a Divisão Administrativa e Judiciária do Estado e determina no Distrito Único de Canindé Termo Judiciário anexo à Comarca de Porto da Folha (SOUZA, 2001).

Com sua emancipação, Canindé tratou de realizar o que a tornaria totalmente independente de Porto da Folha: sua eleição para o poder executivo e o poder legislativo. O ato democrático ocorreu pela primeira vez em 3 de outubro de 1954 e por meio dele foram escolhidos o prefeito e os vereadores. O primeiro prefeito eleito foi Ananias Fernandes dos Santos. Assim, por meio dos trâmites legais em 6 de fevereiro de 1955, dia da posse dos candidatos eleitos, o município foi instalado oficialmente (COSTA, 2006).

Com esse reconhecimento legal, em 1955 a população vivia novamente a esperança de melhores condições de vida. No entanto, ainda havia um detalhe a ser acertado: o nome do local. Em 1943 o nome do lugarejo havia mudado para Curitiba (atualmente é o nome de um povoado do município), mas isso nunca foi bem aceito pelo povo. Assim, em 11 de janeiro de 1958, por meio da Lei nº 890 o município retorna a seu nome inicial com um acréscimo para evitar a pluralidade de nomes no País, passando a se chamar Canindé de São Francisco (LISBOA, 2015).

Mesmo após tornar-se município, o núcleo urbano era o centro administrativo de Canindé, sendo assim, sua sede ainda era menor do que seus dois povoados (Capim Grosso e Curitiba), e estava organizada da seguinte maneira: “Rua de Cima, Rua de Baixo (junto a estas, as ruas do Grupo, da Igreja e o Riacho da Praia) e o Canindé Velho, um pouco mais afastado, onde está erguida hoje a Usina Hidrelétrica de Xingó” (LIMA; SANTANA, 2008, p. 23).

Figura 5- Rua Alto da Praia ao fundo.



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro Feitoza Guimarães.

O povo da antiga vila de pescadores possuía nesse período sua própria organização social, econômica e cultural formadoras de sua identidade. O próximo tópico visa contar por meio dos relatos de antigos moradores como estavam organizados esses aspectos da identidade canindeense antes da construção da Usina Hidrelétrica de Xingó.

3.3. Canindé de São Francisco - memórias de antigos moradores

O atual tópico está repleto de fontes orais associadas com algumas fontes escritas disponíveis sobre a história local de Canindé de São Francisco. Através de entrevistas semiestruturadas com Maria Auxiliadora, Maria do Socorro e Lourival Rodrigues foram

coletadas informações a respeito do cotidiano em Canindé Velho. Tratam-se aqui características como educação, saúde, lazer, economia, religião e cultura da Antiga Canindé. Ao considerar entrevistas com pessoas idosas, é importante salientar que,

Integrados em nossa geração, vivendo experiências que enriquecem a idade madura, dia virá em que as pessoas que pensam como nós irão se ausentando, até que poucas, bem poucas, ficarão para testemunhar nosso estilo de vida e pensamento. Os jovens nos olharão com estranheza, curiosidade; nossos valores mais caros lhes parecerão dissonantes e eles encontrarão em nós aquele olhar desgarrado com que, às vezes, os velhos olham sem ver, buscando amparo em coisas distantes e ausentes (BOSI, 1994, p. 75).

Deve-se levar em consideração que as fontes orais diferem das fontes escritas não em sua originalidade, mas na maneira que serão tratadas, pois:

Há uma relação original entre o historiador e os sujeitos da história, a que por sua vez, [...], difere daquela que o historiador mantém com um documento inanimado; pessoas merecem respeito e estão ali no momento da entrevista para serem ouvidas e não estudadas. Portanto, seus relatos, suas versões devem ser levadas em consideração. (SANTOS, 2005, p. 189).

As memórias de pessoas idosas são mais bem definidas do que memórias de jovens ou adultos. Os idosos conseguem organizar sua memória bem contextualizada em sua experiência, coisa que os mais jovens ainda não alcançam, pois estão inseridos em um presente que os cobram muita atenção (BOSI, 1994).

Maria Auxiliadora Melo de Britto, nascida em Itabi - SE, filha de Afonso Siqueira de Melo e Maria dos Prazeres Melo, passou a morar em Canindé após casar-se com Salomão Porfírio de Britto, assumiu uma cadeira de professora e conseguiu um decreto para Canindé, onde faltavam professores. Auxiliadora foi por um período diretora da primeira escola da cidade: Escolas Reunidas Dom Juvêncio de Britto. Seu esposo Salomão (1935-2014) foi prefeito de Canindé e pertencia à família Britto, pioneira na povoação do Baixo São Francisco.

Maria do Socorro Feitoza Guimarães, nascida em Canindé, filha de Beatriz Britto Feitoza (prima de Salomão) e Valdemar Feitoza, saiu de Canindé para estudar em Aracaju – SE, Propriá – SE, Delmiro Gouveia –AL e Salvador – BA. Começou a trabalhar com 15 anos ensinando supletivo na antiga sede de Canindé.

Lourival Rodrigues, também nascido em Canindé, filho de Isaura Pereira da Costa e Manoel Messias Rodrigues. Saiu de Canindé para trabalhar em busca de melhores condições

para a família em Paulo Afonso – BA e Rio de Janeiro – RJ. Também trabalhou na construção das casas da Nova Canindé, e conseguiu um emprego de vigilante pelo Estado na nova cidade.

Canindé de São Francisco, mesmo após sua emancipação, ainda possuía características de uma vila. Segundo Auxiliadora: “Lá... era uma cidadezinha muito pequena, eu já conheci Canindé ela cidade né? Já era cidade e não tinha farmácia... não tinha feira, tentaram né fundar a feira, mas não foi a frente” (BRITTO, 2017). A cidade não tinha um comércio desenvolvido e sua estrutura crescia a passos vagarosos: “A antiga povoação era formada pelo Canindé de Cima, com algumas casas de pescadores, [...] A Canindé de Baixo constava do Curtume, das casas de seus proprietários, dos trabalhadores” (SOUZA, 2001, p. 23).

As pequenas ruas próximas à casa do coronel possuíam em torno de dez residências. Havia também a fábrica (curtume), que após o encerramento de suas atividades foram retirados os tijolos da mesma e doados para alguns moradores construírem suas próprias casas (BRITTO, 2017). Além da sede, o município contava com os povoados de Curitiba, Capim Grosso, Nova Vida e Cuiabá, mas “[...] na época era Fazenda, que não tinha Sem-Terra não tinha nada por aqui, ali era fazenda mesmo.” (GUIMARÃES, 2018).

Houve em certo período um comércio em Canindé pertencente aos avós de Maria do Socorro, a mesma afirma que se vendia de tudo um pouco, como alimentação, tecido, armamento, objetos de couro, enfim, inúmeras mercadorias. Além disso, o transporte dessas mercadorias era realizado pelo rio São Francisco:

na época não tinha estradas né de rodagem, e as viagens tudo era feita tudo pelo São Francisco, era via fluvial. Iam pra Propriá, as canoas iam até Propriá, lá em Propriá elas abasteciam mercadoria, traziam pra Canindé, [...] e assim, meu avô tinha canoa grande, descia com essa... com essa madeira pra Propriá, na época tinha a fábrica de Curtume, levavam os couros, os couros já curtido, vendiam e ele trazia assim, levava matéria-prima, o couro e as madeiras e traziam de lá é... suprimentos pra região, inclusive pessoas que vinham de Paulo Afonso que na época chamava de Xique-Xique, de Santa Brígida, de Jeremoabo, vinham fazer compras em Canindé, vinham de burro, de jumento, faziam as compras em Canindé porque era o último Porto do São Francisco até Paulo Afonso, que vinha de Propriá era Canindé, então a maioria vinha abastecer em Canindé. (GUIMARÃES, 2018).

O período em que a fábrica de curtume estava em pleno funcionamento movimentava a economia da cidade, tanto pelo emprego gerado, quanto pela circulação de mercadorias. Além disso, o fato mencionado de que Canindé era o último porto do São Francisco fazia com que o fluxo de vendedores e compradores aumentasse.

Quando o curtume fechou, o dono Hercílio Britto investiu numa fábrica de tecidos em Propriá e grande parte dos operários migrou para a nova empreitada. Além disso, o

comércio que havia em Canindé faliu com a administração do herdeiro, o pai de Socorro (GUIMARÃES, 2018). Esses fatos colaboraram para a modificação da economia municipal, uma vez que:

o comércio era muito difícil, lá em Canindé era difícil porque é... é... não tinha como, não chegava carro. O que vinha era através das canoas, as canoas é... desciam pra Propriá na quarta-feira, e só chegava em Canindé segunda, terça, quase uma semana depois. Aí você tinha que suprir a sua casa de tudo que você precisasse. E se você não pudesse fazer isso, os vizinhos era quem ajudava um ao outro. (GUIMARÃES, 2018).

Tinham as chamadas bodegas que vendiam bebidas alcoólicas e que poderiam ser encontrados também alguns alimentos básicos como farinha de milho, feijão, açúcar e arroz. Já o pão era levado de Piranhas para vender em Canindé (GUIMARÃES, 2018). Lourival relata a dificuldade causada pela escassez da comercialização de alimentos:

E a gente não tinha vida boa não viu minha filha, [...] Cansei de meus filho dormir com fome ali e eu com um troquinho no bolso não tinha o que comprar pra dar a eles pra comer viu, que ninguém vendia nada ali não viu, ninguém vendia nada! [...] Ali era só ir pra Piranhas ou pra Monte Alegre, onde dava a feira antigamente né, mas mesmo assim a gente venceu tudo agradecendo a Deus né. (RODRIGUES, 2018).

Além da dificuldade com o suprimento de alimentos não havia emprego para grande parte da população, então a prática de caça e pesca estava presente no cotidiano da cidade ribeirinha como afirma Lourival: “uns trabalhavam com carvão, outros pescavam, que não tinha outra sobrevivência né, inclusive meu pai criou a gente caçando e pescando que não tinha emprego né, naquela época né, já seguiu o mesmo ritmo dele né.” (RODRIGUES, 2018). Sobre os meios de sobrevivência, Auxiliadora reforça que:

não tinha esse negócio de proibir né, naquela época era liberado. Pesca, caça, trabalhavam nas fazendas né... que aqui existiam, na agricultura né... que trabalhavam que essa família Britto sustentava muito né... que era a fazenda aqui tudo próximo e o carvão tinha pessoas que também trabalhavam fazendo carvão né... que era um meio de vida e as mulheres de baixa renda lavava, passava, lavava roupa e passava para ganhar os trocados pra daí sobrevivendo. Tinha uma parte que gostava de fazer trabalhos de bordados, de rendas... e aí levava a sobrevivência. (BRITTO, 2017).

As formas de sustento variavam de acordo com as condições, habilidades e oportunidades. Havia também funcionários públicos estaduais e municipais e a venda de lenha e carvão ocorria porque não havia fogão a gás. Mesmo com tantas dificuldades financeiras

Maria do Socorro afirma que não havia uma população miserável uma vez que todos se ajudavam e não deixavam faltar alimento entre vizinhos (GUIMARÃES, 2018).

Além das ocupações mencionadas, havia também o trabalho dos vaqueiros. Segundo Costa (2006), o sistema de parceria entre fazendeiros e vaqueiros conhecido como ‘quarteado’⁹ era tão lucrativo que tornava alguns vaqueiros em senhores de terra e gado. Em contrapartida, Jesus e Sá (2012) afirmam que o que o vaqueiro ganhava por meio dessa partilha era tão pouco que não dava para sustentar a família e que era necessário realizar algumas tarefas como caçar, pescar e cultivar alimentos, como milho e feijão, para garantir a alimentação.

Outro fator de auxílio entre os canindeenses na Velha Canindé dizia respeito à luz. Como ainda não havia energia elétrica a iluminação ficava por conta de candeeiros/lamparinas a querosene. Os donos das bodegas vendiam a quantidade de querosene conforme a necessidade de cada um, no entanto, quando ocorria de faltar em alguma casa, logo um vizinho ajudava. O uso de velas também não era tão comum, uma vez que a vela era mais cara que o candeeiro a querosene. (GUIMARÃES, 2018).

Como a cidade era pequena e o comércio estava em retrocesso, a população de Canindé usufruía das feiras de cidades próximas como Piranhas, Paulo Afonso (BRITTO, 2017) e havia também a feira em Monte Alegre – SE. Conforme relembra Lourival:

Nós ia dia de domingo pra feira de Monte de Alegre, [...] feira boa. E era assim, a gente batalhava muito, trabalhava muito eu me criei dentro de serviço, qualquer serviço eu “tava” dentro, eu queria dar de comer aos meus filhos fosse o que fosse, menos roubar, mas trabalhar era comigo, qualquer serviço viu, nunca dispensei serviço não. (RODRIGUES, 2018).

Uma das maiores causas de migração dos canindeenses era a falta de emprego. Geralmente os pais viajavam em busca de trabalho e mandavam o dinheiro para suas famílias. Maria do Socorro relata uma situação em que seu pai teve que sair para trabalhar: “e ele terminou tendo que ir embora pra São Paulo e de lá ficou mantendo a família, eu, minha mãe e minha vó, mandando, é... o dinheiro de lá de São Paulo pra gente se manter, daí ele ficou um tempo, depois voltou” (GUIMARÃES, 2018). Outro provedor que precisou se ausentar de sua cidade natal em busca de melhoras foi Lourival, que passou uma temporada trabalhando na Companhia Hidroelétrica do São Francisco (CHESF) de Paulo Afonso, onde viveu doze anos e depois passou pouco mais de um ano no Rio de Janeiro (RODRIGUES, 2018).

⁹ “A cada cinco bezerros que nascia um era do vaqueiro” (JESUS; SÁ, 2012, p. 9).

A educação em Canindé Velho também era limitada. O ensino atendia até a quarta série, depois tinha que fazer admissão ao ginásio para poder fazer as quatro séries ginasiais, que equivale ao Ensino Fundamental Maior (GUIMARÃES, 2018). Piranhas era mais evoluída que Canindé na educação e tinha da quinta série em diante, no entanto, o Colégio Cenequista de primeiro grau era pago e nem todos tinham condições “mas Salomão sempre conseguia bolsas com o deputado e ajudava né.” (BRITTO, 2017).

Figura 6-Escolas Reunidas Dom Juvêncio de Britto - Velha Canindé em 1972.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Auxiliadora Melo de Britto.

Apesar da falta de acesso ao ensino básico completo, Lourival relata a importância de ter sido alfabetizado:

Dificuldade em tudo, num tinha onde estudar, eu só fiz o primário, minha escola foi a roça. Mas mesmo assim ainda agradeço a Deus o pouquinho que eu sei, só fiz o primário, mas foi que me deu uma mãozinha, hoje não preciso andar guiado por ninguém na estrada, “onde é isso aqui?”, não preciso perguntar a ninguém porque eu sei ler onde é né, agradeço muito por isso é muito bom né, saber as coisas. Uma pessoa que não sabe ler nada é cego. (RODRIGUES, 2018).

Maria do Socorro começou a lecionar em Canindé Velho com apenas 15 anos de idade. “na época não tinha essa questão de idade, bastava você ter admissão ao ginásio”. (GUIMARÃES, 2018). Sua trajetória de estudos foi fora de Canindé, terminou o Ensino Fundamental em Aracaju, o Ensino Médio em Propriá, o pedagógico adicional em Delmiro Gouveia e um curso de Teologia em Salvador (GUIMARÃES, 2018).

A Velha Canindé não tinha hospital e quando alguém adoecia a opção mais próxima era um enfermeiro de Piranhas, que além de prestar atendimento médico também realizava a função de dentista mesmo sem formação apropriada para tal (RODRIGUES, 2018). Ademais, a taxa de mortalidade infantil era alta, uma vez que não tinha médico. Maria do Socorro lembra que:

A base era a “rezadeira”, levava pra casa do povo pra benzer, as benzedoras lá tinha um bocado pra benzer, mas a maioria das crianças que o caso era grave não resolvia, morria muita criança. Minha mãe mesmo teve quatro filhos, aliás, um foi aborto, então teve três assim [...] comigo, só quem se criou fui eu, filha única, os outros dois, um casal morreu, problema de umbigo, às vezes até mal cuidado não sabia cuidar direito e como não tinha médico, não tinha nada, as benzedoras aí não resolviam [risos]. Tinha que partir. (GUIMARÃES, 2018).

A religiosidade sempre esteve à frente dos costumes da sociedade ribeirinha. No município predominava a religião Católica Apostólica Romana e apenas no povoado Nova Vida tinha uma Igreja Evangélica Assembleia de Deus – Missão. Na sede, a missa ocorria somente na época de Natal, assim, todos os eventos religiosos eram realizados no mesmo dia como batizados, primeira comunhão e casamentos (GUIMARÃES, 2018).

Como o padre só ia uma ou duas vezes por ano para Canindé, geralmente tinha mais de um casamento por dia. Após a celebração religiosa a festa ocorria nas casas dos familiares dos noivos com um almoço ou um jantar para os convidados de cada casamento e finalizava com o forró juntando todos numa festa só (GUIMARÃES, 2018). Como a cidade era pequena praticamente todos se conheciam, muitos eram parentes, compadres e comadres.

No Natal, além dos festejos de casamentos e batizados havia apresentação de grupos culturais como o pastoril e a cavahada além de comemorar-se o presépio (BRITTO, 2017). Realizavam-se também quermesses e apresentações teatrais, tudo isso no período de fim de ano que geralmente era quando o padre ia fazer a missa (GUIMARÃES, 2018).

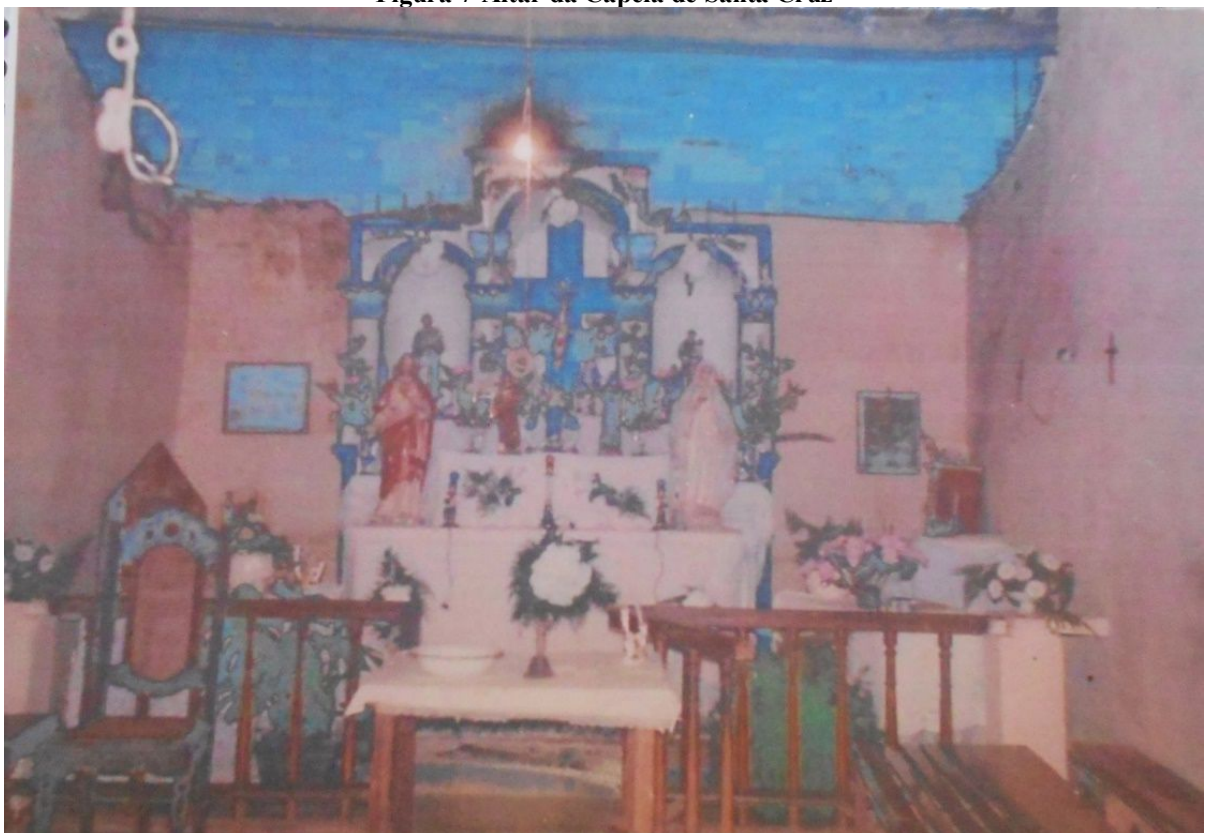
Outro momento de religiosidade presente no cotidiano da Velha Canindé era a Quaresma, em que a população católica se reunia na capela de Santa Cruz para rezar. Uma tradição presente na passagem da Sexta-feira Santa para o Sábado de Aleluia era o chamado

“Serra Velho” que consistia em fazer ruídos ao serrar uma tábua, além de choros, gritos e lamentações na porta da casa de uma pessoa idosa. Nessa perspectiva, Auxiliadora ressalta:

Na sexta-feira santa para o sábado da aleluia, lá tinha uma tradição como eu acho que várias cidades assim antigamente faziam o “Serra velho” que irritava muitos idosos né... não gostavam, mas faziam, esse “Serra Velho” depois da meia noite. “Serra Velho” era... era fofando a porta, e chorava e gritava como a pessoa seja assim de idade, já “tava” muito próximo a morrer, é por isso que não gostava. (BRITTO, 2017).

Essa brincadeira causava desconforto aos idosos e diversão para aqueles que a realizavam. Além do “Serra Velho”, também faziam o “Roubo do Judeu”, em que eram confeccionados bonecos para serem o judeu e a judia. As pessoas deviam procurar os bonecos e quando achados colocavam expostos num poste de madeira. Depois de realizada a leitura de um inventário mostrando para quem os bonecos deixariam seus pertences (sapato, camisa, cinto, óculos, etc), eles eram queimados em passagem do Sábado de Aleluia para o domingo de Páscoa, tudo isso envolvido com música e diversão (BRITTO, 2017).

Figura 7-Altar da Capela de Santa Cruz



Fonte: Acervo pessoal de Maria Auxiliadora Melo de Britto.

Apesar da padroeira de Canindé ser a Santa Cruz, a população tinha uma devoção por Nossa Senhora da Conceição, assim, o mês de maio era comemorado com muitos festejos realizados pelos noiteiros que eram os responsáveis por cada dia de festa (BRITTO, 2017). As comemorações ocorriam durante os trinta e um dias de maio, mas as três noites finais eram as mais esperadas, pois eram as noites patrocinadas e que acabavam se tornando uma competição para ver quem fazia a festa mais bonita. No dia vinte e nove era a noite patrocinada pelos casados, dia trinta, a noite patrocinada pelos solteiros e dia trinta e um era a noite patrocinada por Ananias Fernandes dos Santos, que foi prefeito de Canindé e era o dia do seu aniversário (GUIMARÃES, 2018). Socorro complementa:

E aí era aquela festona dia trinta e um, pronto aí era a disputa dos casais, os casados com os solteiros, cada um queria fazer a sua noite mais bonita. Menina, o altar se enchia de vela que eu não sei como nunca teve um incêndio sabe! Olha, se levava, cada um pegava a sua... a suas colchas de suas camas mais bonitas que tinha mais bordada, mais chamativa e levava e furrava o altar até em cima e fazia aqueles acolchoados e tome vela e tome flores, aí se chamava músicos de Piranhas, com clarinete, com saxofone com trombone, mas era bonitas as festas, os cantos acompanhados com aqueles instrumentos de sopro, com tudo. E no dia trinta e um era a grande festa que era o aniversário dele, aí vinha gente de toda região, até Altamar Dutra teve lá umas três vezes. (GUIMARÃES, 2018).

Outro ponto relevante para a história de Canindé é a cultura. É perceptível que as festas religiosas estavam intrincadas nas festas populares, uma complementando a outra. Geralmente essas festas ocorriam no pátio do grupo escolar, uma vez que não tinha clube (GUIMARÃES, 2018). Além das comemorações já mencionadas, a tradicional festa de São João era muito esperada pelos canindeenses.

O São João era comemorado com quadrilhas, casamento do matuto e forró. A princípio, um marcador de quadrilha vinha de Porto da Folha para ensaiar com os moradores, depois, João Filgueira (conhecido como Dão) se tornou marcador e passou a organizar as quadrilhas em Canindé. A prática mais comum nesse período era chamar um sanfoneiro para tocar durante as festas e arrecadar o valor a ser pago, cada um contribuía de acordo com sua condição (BRITTO, 2017).

Figura 8 - Casamento do Matuto.



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro Feitoza Guimarães.

Auxiliadora relata que durante os festejos de São João ela organizava a quadrilha das crianças e promovia a competição de Rainha do Milho com o intuito de angariar fundos para a escola. Eram vendidas rifas com premiação, e quando faltava algo na escola, como material de limpeza, era comprado com o lucro dessas vendas (BRITTO, 2017).

Figura 9 - Rainha do Milho 25/06/1983



Fonte: Acervo pessoal de Maria Auxiliadora Melo de Britto.

Na Velha Canindé não faltava festa, a população sempre promovia alguma comemoração e esse era o principal divertimento deles. Durante o carnaval havia o chamado “Zé Pereira” que consistia em sair pelas ruas pulando fantasiados com as roupas dos pais, dos avós, com máscaras de papelão ou bolsas de mercado e costumavam brincar muito de entrudo (GUIMARÃES, 2018) que “Em Canindé de São Francisco este folguedo começava a partir das primeiras horas do ano que se iniciava e se estendia até o último dia do carnaval, sendo que a dinâmica consistia em uma pessoa molhar a outra, independente de horário ou situação” (LIMA; SANTANA, 2008, p. 28). Sobre o entrudo:

Era uma brincadeira meio chata, você “tava” assim descuidado quando menos esperava já tomava um banho era um “TCHAAM!” e o susto. Mas aí o povo já era acostumado, na época do carnaval todo mundo já andava prevenido porque já sabia que a qualquer momento no dobrar de uma esquina “cê” podia tomar um banho. E tinha daqueles que corria atrás mesmo, pegava uma lata d’água, quando você descobria, corria pra não se molhar e ele aqui olhe jogava de longe e pegava, então, isso era na época de carnaval. (GUIMARÃES, 2018).

As datas cívicas também eram comemoradas em Canindé de São Francisco. No feriado da Independência do Brasil as professoras da cidade organizavam o desfile cívico com os alunos. Como a escola de Canindé não tinha muitos recursos havia uma parceria com a escola de Piranhas, em que o desfile ocorria de manhã em uma cidade e a tarde na outra, para assim utilizarem os mesmo instrumentos. Os instrumentos da escola de Canindé eram comprados com o dinheiro arrecadado durante o São João ou por iniciativa privada de diretoras, professoras ou patrocínio da prefeitura. Em alguns momentos as professoras juntavam os instrumentos de cada cidade para formar a banda, em outros, se uniam para pagar por uma banda de Delmiro Gouveia para os dois desfiles (BRITTO, 2017).

Figura 10 - Primeiro Desfile da Escola em 1971 (Ao fundo prefeitura e delegacia).



Fonte: Acervo pessoal de Maria Auxiliadora Melo de Britto.

Figura 11 - Desfile e banda marcial da Escola Dom Juvêncio.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Auxiliadora Melo de Britto.

Os desfiles cívicos envolviam diversas temáticas e eram organizados pelotões de time de futebol, de pescadores, entre outros, como lembra Auxiliadora (BRITTO, 2017). Socorro nos lembra:

“7 de setembro” sempre teve o desfile, aí não tinha instrumento, os instrumento era o que, era zabumba, era... era... tipo assim uma caixa de zabumba aquele menor, tamborzinho menor e saía batendo “Pô, pô, pô” na rua, e todo mundo marchando e cantando, e cantava o Hino Nacional, se cantava a canção do marinheiro, a canção do soldado, o Hino à Bandeira, se hasteava a bandeira todo dia e era aquele cuidado, geralmente era um Policial Militar quem instruía as crianças na escola, ah, mas marchava todo mundo direitinho, a pancada mais forte o pé direito, mais fraca pé esquerdo, [...] mas tinha, sempre tinha o desfile não é. (GUIMARÃES, 2018).

Figura 12 - Desfile cívico em frente à antiga prefeitura.



Fonte: Acervo pessoal de Maria do Socorro Feitoza Guimarães.

Outro importante evento realizado pelos canindeenses era a Cavallhada.

Em Canindé a cavallhada conta com 12 pares de cavaleiros, sendo estes dispostos em dois grupos: o verde e o encarnado (vermelho). Os antigos moradores de Canindé possuem uma forte identificação com essa manifestação. É um folguedo que prima pela beleza plástica e toda a indumentária de cavaleiros e cavalos é confeccionada e caprichosamente enfeitada pelas esposas e outras mulheres das famílias dos brincantes, que utilizam muito papel crepom nas cores verde, vermelho e branco e espelhos, o que diferencia, em muito, a cavallhada canindeense do restante do país, a exemplo da pomposa cavallhada de Goiás (LIMA; SANTANA, 2008, p.48).

Havia também a cavallhada das crianças feitas por Raimundo de Neco, em que ele confeccionava cavalinhos de madeira feito à mão e realizava a brincadeira (BRITTO, 2017).

Figura 13 - Cavallhada em 10/01/1982.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Auxiliadora Melo de Britto.

Esses eventos movimentavam a cidade e eram atração para os moradores que quase não tinham contato com outras cidades como afirma Lourival Rodrigues: “Ave Maria! A gente vivia no mundo que não era mundo, não era mundo, não tinha contato com nada!” (RODRIGUES, 2018). Prossegue afirmando que quando comprou um rádio os vizinhos o chamavam de rico, porque não era qualquer pessoa que tinha condições de possuir um. Esse

era um dos lazeres que os ribeirinhos usufruíam: escutar um rádio: “lá toda tarde tinha o programa na Rádio Cajazeiras só dava forró, era o que a gente gostava mesmo, bom demais ali!” (RODRIGUES, 2018). Para se divertir as crianças gostavam de brincar de roda, de amarelinha, de bola de gude, de tomar banho de rio, pular das pedras na água, de pescar, já os adultos se divertiam muito com o forró (GUIMARÃES, 2018).

A dificuldade de locomoção era um fator negativo na Velha Canindé. Havia apenas uma estrada que dava acesso à cidade via terrestre e tinha a via fluvial que era mais utilizada. Para Piranhas não havia ponte e o acesso se dava a pé ou de animal por uma passagem conhecida como “furado”, ou por canoas. Havia também o navio Comendador Peixoto que fazia a rota de Piranhas a Penedo - AL. Com o início das obras da barragem um ônibus começou a circular de Aracaju a Poço Redondo - SE, facilitando o acesso à capital sergipana (BRITTO, 2017). Auxiliadora relata a dificuldade que passava antes desse transporte surgir:

Viajei muito por água antes de acontecer isso aí, de setenta e cinco até ter essa facilidade desse ônibus viajava por água, cheguei a viajar até no navio Comendador Peixoto. Viajei ainda no navio que fazia linha de Penedo a Piranhas. A gente passava oito dias pra ir resolver um problema em Aracaju, com direito só da sexta-feira em Aracaju... era... de volta subia de canoa, com toda dificuldade. (BRITTO, 2017).

Não havia ônibus em Canindé na década de setenta, então, quando a população precisava se locomover até a capital era necessário viajar até Pão de Açúcar-AL, onde passavam a noite, para pegar um ônibus em Niterói - SE. Outra opção era ir até Poço Redondo pegar um ônibus lá. Porém, a ida e a volta para Poço Redondo também não apresentava muita facilidade (GUIMARÃES, 2018). Socorro relembra esse trajeto:

Às vezes o riacho do Poço quando estava cheio a gente não passava, nem pra lá nem pra cá, tinha que dormir no Poço quando vinha de Aracaju, aí só vinha pra Canindé quando o riacho baixava e a gente passava, às vezes pra atravessar tinha que fazer uma corrente, meio mundo de gente, uns ficavam um do lado, outro do outro pegado na mão um do outro e a água leva mais não leva, leva mais não leva, e um segurando no outro até atravessar todo mundo, era sofrimento. (GUIMARÃES, 2018).

Outro aspecto do cotidiano canindeense diz respeito ao uso de eletrodomésticos sem o fornecimento de energia elétrica em que poucas famílias tinham esse privilégio. Socorro relata que apenas duas ou três pessoas na cidade possuíam geladeira a querosene, que televisão e rádio funcionavam com bateria de carro, e o fogão em sua casa inicialmente era a lenha, depois carvão, depois à querosene e por fim, já após seu casamento por volta dos anos setenta foi que ela adquiriu um fogão a gás (GUIMARÃES, 2018). Já as famílias que não

possuíam meios de comunicação não sabiam nem o que acontecia fora de Canindé, como afirma Lourival:

Fica parecendo que morava num mundo que não era mundo, você não tinha contato lá, não sabia o que acontecia no mundo, não sabia de nada! Pronto! Até a família mesmo se você encontrasse um por acaso, mas você não sabia de nada, não tinha telefone não tinha o contato, nem nada. (RODRIGUES, 2018).

Mesmo quando a energia chegou ao local, nem todos tinham condições de colocar. Na Velha Canindé também não havia água encanada e a população se deslocava até o rio para pegar água. Os que tinham condições de possuir caixa d'água utilizavam pelo menos para o banheiro, mas até o banho era tomado no rio para evitar o gasto desnecessário da água da caixa, uma vez que o serviço de encher era muito trabalhoso. Carregavam-se recipientes de dezoito ou vinte litros na cabeça para encher uma caixa de quinhentos litros por exemplo. “Mas o banho se tomava no rio, porque pra evitar de gastar água, prato também a maioria do pessoal lavava no rio, o povo enchia as bacia de prato, os balaio de prato, panela e tudo e ia lavar no rio” (GUIMARÃES, 2018).

Apesar de todas as dificuldades encontradas na cidade ribeirinha, a população resistia. Maria Auxiliadora afirma que em Canindé “era difícil assim pra população de lá sobreviver, mas como era muito conformado, viviam muito feliz” (BRITTO, 2017).

A cooperação e a solidariedade faziam parte do cotidiano do canindeense, quando alguém adoecia, logo os vizinhos o auxiliava em suas tarefas domésticas como encher o pote de cerâmica onde armazenava a água de beber, lavar a louça e roupa no rio, enfim, ajudavam uns aos outros. Muitas vezes a tarefa de ir buscar água era um momento de socialização, em que os vizinhos se reuniam para buscar água ao mesmo tempo, utilizando o percurso para conversar (GUIMARÃES, 2018).

Como não se tinha energia para usar ventilador, muitas vezes as pessoas dormiam nas calçadas de suas casas, não havia perigo, pois “Todo mundo se conhecia, de uma ponta a outra da cidade todo mundo era conhecido, quem não era parente de sangue, mas era compadre, era comadre, uns iam casando com os outros mesmo e ali ficava tudo... tudo em família.” (GUIMARÃES, 2018).

Na Velha Canindé não havia crimes com frequência. Houve um suicídio e um assassinato que foram um absurdo para a cidade, pois não havia costume de ocorrer esse tipo de situação (GUIMARÃES, 2018). “Lá existia união e muita paz...” (BRITTO, 2017).

No período de disputa eleitoral geralmente só tinham dois candidatos. Havia a disputa acirrada pelo cargo, mas depois que o resultado saía, todos se uniam novamente e os próprios candidatos se abraçavam. Socorro relembra um fato sobre o período eleitoral em que dois cidadãos discutem entre si sobre política:

Só assim um pouquinho uma política mais acirrada foi uma vez lá [...] sei que cismaram um com o outro e só viviam quando se encontravam os dois o tapa comia [risos], mas era entre eles mesmo, num passava de tapa não, ia jogar futebol junto, chutava na canela um do outro, aí o tapa saía, depois os colega vinha e afastava, assim, a coisa mais séria de política que eu vi lá foi isso [risos], porque outra coisa não tinha, era tudo normal. (GUIMARÃES, 2018).

Outro fato de desentendimento registrado na memória dos entrevistados foi sobre uma festa em que certo grupo de pessoas tentou convencer a organizadora da festa de que deveriam se separar os pobres para um lado e os ricos para outro. A organizadora não aceitou a proposta afirmando serem todos iguais, e mesmo sem acontecer a dita separação, as pessoas começaram a ir pra casa desgostosos da situação (RODRIGUES, 2018).

As festas eram as principais formas de socialização, principalmente as festas de padroeiras e o São João, que se mostrava a predileta dos canindeenses que gostavam muito de forró: “Então a gente ia pras festas, Piranhas, Poço Redondo, e a gente sempre arranjava uns namorados” (GUIMARÃES, 2018). Socorro relembra como eram as relações sociais antes da construção da usina:

A gente sofreu um pouco, era uma vida sofrida, mas era uma vida boa que a gente... hoje eu digo assim “Eu era feliz e não sabia”, que a gente... só a paz que tinha, aquela união, o povo era unido, na época não tinha isso de celular, todo mundo sentava na calçada pra conversar, visitava assim uns os outros, os pais contavam histórias pra seus filhos dormir, tinha mais atenção pros filhos, filhos tinham mais atenção pros pais porque não tinha celular. Quando a televisão chegou já tirou um pouquinho mais de atenção porque muita gente já queria... “tava” assistindo... Mas só era essa, nossa vida em Canindé era assim. (GUIMARÃES, 2018).

Apesar de todas as dificuldades apresentadas, a população da Antiga Canindé sempre encontrava motivos para comemorar e festejar. A cooperação predominava nas relações sociais, uniam-se para realizar os festejos e a religiosidade foi altamente importante na formação da identidade cultural desse povo. No entanto, a partir da especulação da construção da Usina Hidrelétrica de Xingó essas características começaram a mudar, e é sobre esse assunto que o próximo capítulo aborda.

4. A HIDRELÉTRICA DE XINGÓ E SUA INFLUÊNCIA NA HISTÓRIA DE CANINDÉ

Por volta de 1938 e 1939, no contexto da Segunda Guerra Mundial, houve uma crise no abastecimento de energia elétrica em diversos polos industriais. No Brasil, além da dificuldade de fornecimento de energia, a partir de 1942, houve um programa de interligação de sistemas elétricos e devido às restrições no abastecimento de combustíveis houve o racionamento das usinas termelétricas (OLIVEIRA, 2001). Com o investimento em indústrias nacionais, as hidrelétricas passaram a ser a opção mais aceita para suprir a carência de energia elétrica.

No sertão nordestino entre as cidades de Canindé de São Francisco e Piranhas foi construída a Usina Hidrelétrica de Xingó, situada a 12 km de Piranhas e a 6 km de Canindé (COMPANHIA HIDROELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO, 2019). Desde os primeiros estudos para a implantação da usina o cotidiano dos moradores foi modificado, uma vez que a presença dos pesquisadores causava um estranhamento na população ribeirinha. Contudo, após a oficialização da notícia que Canindé seria escolhido para essa empreitada, diversas reações foram manifestadas, tanto a favor, quanto contra ao projeto. Essa relação da chegada da hidrelétrica com os antigos moradores será apresentada no presente capítulo com o auxílio de publicações e entrevistas com os antigos moradores.

A chegada da hidrelétrica trouxe além do progresso à cidade ribeirinha uma modificação quase que total de seus costumes e organização social. Assim, o presente capítulo tende a apresentar as principais modificações e permanências no município após a mudança da cidade para a nova localidade, descrevendo desde a sua estrutura até as características culturais. No tópico 4.2 falaremos das manifestações culturais em Canindé, além das entrevistas com os antigos moradores sobre as principais permanências e rupturas.

4.1 A chegada da hidrelétrica e sua relação com os canindeenses

A carência de energia elétrica causou a expansão das hidrelétricas no Brasil. Essas hidrelétricas foram responsáveis por inúmeras modificações positivas e negativas nas sociedades que viviam nos locais propícios para suas implantações. Explanar como ocorreu esse processo de transferência da cidade de Canindé de São Francisco foi fundamental para compreender o seu processo histórico dentro das propostas de desenvolvimento nacional.

Na década de 1950, o Brasil investiu na sua infraestrutura e acelerou o processo de crescimento das indústrias nacionais. Dentre os grandes projetos, as usinas hidrelétricas foram difundidas no país como a melhor maneira de produzir energia elétrica (BORTOLETO, 2001) com o discurso de energia limpa e responsável pelo desenvolvimento da economia regional (BRAGA, SILVA, 2011).

No que diz respeito ao progresso regional, o Plano de Metas, o Plano Trienal e os Planos Nacionais de Desenvolvimento (PNDs) não se preocupavam com a desigualdade do processo de desenvolvimento, sendo criada então, em 1959, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). (BORTOLETO, 2001).

Em nome da industrialização e da interiorização do desenvolvimento econômico, os grandes projetos geralmente não realizavam discussões a respeito das decisões de implantação e não faziam análises da região sobre as alterações ambientais, socioeconômicas e culturais que causariam. A ideia mais difundida era de crescimento, progresso, geração de empregos, e não os efeitos negativos que viriam junto ao desenvolvimento (BORTOLETO, 2001).

No Nordeste, especificamente após a implantação da Hidrelétrica Paulo Afonso I, por volta de 1950, a CHESF já planejava a construção da Hidrelétrica de Xingó (SOUZA, 2001). Em 1970, as visitas dos técnicos e engenheiros à Canindé causavam estranhamento na população ribeirinha, nesse momento, os pesquisadores já especulavam a possibilidade de realizar o projeto da usina, fato que se concretizou em 20 de março de 1987, quando as obras foram iniciadas (SILVA, 2017).

Esses primeiros estudos estavam voltados para a busca de argila na região, que seria utilizada na construção da barragem. Com a confirmação da presença de argila após testes laboratoriais o projeto foi aprovado pela CHESF, ANEEL, Governo Federal e estados de Sergipe e Alagoas (SILVA, 2017). Assim, como em todos os empreendimentos de grande porte, a instalação da usina hidrelétrica acabaria alterando estruturas já existentes (BORTOLETO, 2001). Desse modo, de acordo com Alcino Alves Costa (2006):

os executores da fabulosa empreitada decretaram a morte da cidadezinha sertaneja, e com isto, a destruição completa dos valores e da tradição daquele povo ribeirinho, sem se falar na completa extinção da primitiva paisagem, que mesmo com o passar dos anos, continuava bela e quase intocável (COSTA, 2006, p. 173-174).

A partir da chegada da Usina Hidrelétrica Canindé de São Francisco passou por uma forte alteração no seu cotidiano, perdendo aos poucos as características de cidadezinha pacata

para receber um grande fluxo de famílias em busca de emprego, causando uma movimentação que nem nos tempos de prosperidade do curtume ela havia presenciado.

Nesse contexto, a CHESF tentava convencer a população da necessidade de transferência justificando-a a partir de dois motivos principais. Primeiro, a falta de espaço para a expansão da cidade, uma vez que o progresso caminhava junto com a construção da hidrelétrica. Segundo, porque a antiga cidade ficava na chamada área de risco (SOUZA, 2001). Geralmente, esses empreendimentos eram impostos a uma população como fator de desenvolvimento nacional e aqueles que fossem contra a obra seriam contra o desenvolvimento do País, conseqüentemente considerados inimigos da nação (BRAGA, SILVA, 2011).

De acordo com Maria do Socorro ao receberem a notícia que a construção da usina seria em Canindé os moradores tiveram reações diversas, sendo que uma parcela da população gostou e estava maravilhada com a notícia, principalmente, com a alegria da chegada de energia ainda em 1972, e a outra não, “Por que tem que demolir nossas casas, por que a gente tem que sair?” (GUIMARÃES, 2018). Auxiliadora nos lembra ainda que houve muitas reuniões cheias de promessas de emprego na Nova Canindé para os antigos moradores, mas que a situação foi melhor para aqueles que chegaram de fora e começaram a se estabilizar no município (BRITTO, 2017).

Segundo Lourival Rodrigues, a mudança foi extremamente importante para sua família, uma vez que seus filhos tiveram oportunidades na nova cidade que nunca tinham imaginado na Velha Canindé, como o acesso a educação superior. Mas também informa que muitas pessoas não queriam sair de lá e eram contra a mudança (RODRIGUES, 2018).

Nesse momento, a pequena população de Canindé foi surpreendida por inúmeras situações e informações que nunca tinham imaginado, pois não fazia parte de seu cotidiano (LIMA; SANTANA, 2008). Assim, três frentes de trabalho aconteceram simultaneamente. A primeira foi o início da construção da usina, a segunda foi a conscientização da população pela CHESF, e a terceira foi um estudo sobre os impactos ambientais e coleta dos achados arqueológicos dos Sítios Justino e São José (atualmente submersos) por meio da Universidade Federal de Sergipe (SOUZA, 2001). O processo de estudo arqueológico é amparado pela Constituição:

Considerando o disposto na Lei nº 3924, de 21 de julho de 1961, que estabelece que toda área programada para ser descaracterizada por obras de engenharia deve ser submetida a um salvamento arqueológico para a avaliação da área, realizando-se o resgate do acervo existente tendo como meta uma contribuição para o conhecimento do patrimônio arqueológico histórico e cultural do país, em 1988 essa companhia

firmou convênio com a UFS para realização do trabalho de salvamento arqueológico da área (VERGNE; NASCIMENTO, 1998, p. 10).

Tendo em vista que a CHESF deveria cumprir a lei, o Projeto Xingó de Salvamento Arqueológico desenvolveu-se durante cinco anos até o enchimento da barragem de Xingó. O projeto encontrou centenas de sítios arqueológicos (abertos e abrigo sob-rocha) às margens do Rio São Francisco. Durante esses estudos e escavações foram encontrados diversos materiais importantes para a caracterização dos habitantes pré-históricos do Vale do São Francisco, dentre eles esqueletos e vasilhames cerâmicos no Sítio Justino, ocupado em diferentes épocas entre 2000 e 8000 antes do presente (MARTIN, 1998).

Figura 14- Escavação de uma quadrícula no Sítio Justino.



Fonte: VERGNE, Maria Cleonice. Procedimentos metodológicos. In: **Salvamento Arqueológico de Xingó:** relatório final. Xingó, 1998. Universidade Federal de Sergipe/Companhia Hidroelétrica do São Francisco.

Todos os materiais coletados pela UFS entre 1988 a 1997 no Baixo São Francisco foram expostos no Museu de Arqueologia de Xingó (MAX), inaugurado em abril do ano 2000. O principal intuito do museu foi permitir a manutenção das análises e a preservação do patrimônio do salvamento arqueológico, possibilitando assim, o contato da comunidade local e regional com os resultados da pesquisa (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, 2019).

O ato de inundar uma área para a construção de uma barragem causa danos estruturais, culturais e sociais, portanto, modifica todo o contexto histórico de uma população que possui sua identidade formada pela relação com o espaço em que vivem. Essas obras acabam alterando o modo de vida, de trabalho, de lazer e todo o cotidiano, de tal modo que os efeitos ocorrem tanto no território quanto na sociedade (BRAGA, SILVA, 2011). Além destes:

Devem ser citados, ainda, os impactos ambientais causados à região receptora com perdas irrecuperáveis em sua fauna e flora, e os impactos socioespaciais causados pelos grandes alagamentos que atingem propriedades rurais localizadas próximas às margens dos reservatórios, áreas cujos solos têm normalmente elevada fertilidade natural. (BORTOLETO, 2001, p. 58).

Em Canindé não foi diferente, envolvidos pelos discursos preparados pela CHESF em prol do desenvolvimento nacional a população canindeense aceitou a proposta de transferência de localidade, dando início ao processo de mudança e acomodação (COSTA, 2006).

Não houve nenhum evento de despedida da Antiga Canindé, uma vez que a mudança foi realizada por etapas (GUIMARÃES, 2018), em contrapartida, houve a inauguração da nova cidade em 06 de março de 1987 pelo presidente da República José Ribamar Sarney (SOUZA, 2001). Com a aceitação da mudança “Cada um daqueles beiradeiros sonhava com melhores dias, uma condição melhor, uma mesa farta, e junto a esses sonhos, a certeza da continuidade da paz e harmonia que gozavam no pequenino lugar de seus troncos e raízes” (COSTA, 2006, p. 199).

Para que fosse realizada a mudança a população necessitava de novas moradias, desse modo, cada família recebeu um domicílio de acordo com o que tinha na velha cidade, prática denominada de permuta das casas. Lourival, que havia construído sua casa na antiga cidade com o dinheiro recebido do Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (PASEP) em 1982, lembra que recebeu uma casa maior na nova cidade, enquanto quem tinha

uma casa menor, recebia uma menor na troca (RODRIGUES, 2018). Sobre a permuta das casas Auxiliadora complementa:

É, foi prejuízo, foi muito prejuízo aqui pra família Britto, a família de Salomão, muito prejuízo. Agora quem tinha as casinhas de taipa lá, queria receber de alvenaria, já ganhou na história né, com água encanada, com energia, que lá tinha energia mas, a energia já era assim... mal feita né. E aqui a energia veio embutida né, toda arrumadinha, isso daí a CHESF entregou direitinho e... mas que... era mais por sonho e principalmente para os mais novos né, a juventude então. Como eu disse naquele dia só em pensar que ia ter praça, um clube, né, ia ter clube, a igreja grande e... a escola, e aí foi né, a fantasia muito grande. (BRITTO, 2017).

Socorro também relata a história de Dona Durvalina, também moradora da Antiga Canindé. Segundo Socorro, Durvalina só saiu de sua casa na antiga cidade quando a CHESF atendeu seu pedido e construiu a capela Padre Cícero na Nova Canindé (GUIMARÃES, 2018), um exemplo de resistência dentre várias outras histórias. Outro exemplo de oposição é da própria família de Socorro que afirma terem sido os últimos a sair da velha cidade:

Então cada um que foi recebendo suas casas já foi mudando, só que quem saiu por último de lá fui eu, porque a gente ficou brigando com a CHESF [...] Aí foi dose viu, tiraram a energia da cidade toda só ficou um poste lá em casa [...] a Energiepe não podia tirar porque a gente pagava em dias. Então ficou só um poste lá em casa, mas a cidade era deserta. (GUIMARÃES, 2018).

Como o local das casas era escolhido por meio de sorteio, a família de Socorro não aceitou o local que haviam sorteado, segundo a entrevistada por causa de oposições políticas, assim, começou um conflito entre a CHESF e essa família:

aí começou a brigar com o engenheiro, o engenheiro da CHESF que ia passar o... a máquina em cima da casa da gente, ia passar a máquina em cima da... do... bar. Aí tiraram tudo, aterraram tudo, o bar da gente ficou lá em cima aterrado tudo embaixo, era tudo fechado, ninguém sai. Aí meu marido era ruim também assim de gênio aí ele disse “Pois é, quer passar avise que a gente entra todo mundo pra casa e vocês passam a máquina com a gente dentro de casa” [...] e mataram o cachorro da gente, botaram bolo e mataram, assustaram a gente de todo jeito, mas “Ninguém sai”, meu marido disse “Não sai, a gente não sai”. Quando dava seis horas pense morar numa cidade fantasma. A noitinha olha, você... aí o povo começaram a destruir as casas, saía e destruía as casas, só ficou a nossa, aí você só via porta bater a noite: “Nheemm, pooow, nheem” parecendo aqueles filmes de terror sabe, e as casas tudo destelhadas, olha, era um negócio pra doido sabe, mas meu marido disse “Não saio” (GUIMARÃES, 2018).

Para alegria da família, a CHESF acabou cedendo. Como a família de dona Socorro possuía um bar, eles preferiram um local mais ao centro para montar o comércio e a moradia próxima a capela Padre Cícero, além disso, só mudaram para a nova cidade quando a energia

estava devidamente instalada, uma vez que já possuíam eletrodomésticos e não queriam perder os aparelhos por causa da energia mal instalada (GUIMARÃES, 2018).

Durante o período da mudança para o novo local, Canindé começava a lidar com uma realidade bem diferente da habituada por seus moradores. Quando começou o trabalho da construção da barragem havia uma balsa que realizava a travessia de Canindé à Piranhas e depois que a cidade já havia sido transferida foi que a ponte que liga os estados de Sergipe e Alagoas foi construída. A locomoção da velha para a nova cidade era feita pela “ladeira horrorosa”, como lembra Auxiliadora, “eu subia com tanto medo, meu Deus!” Até o ônibus que começou a circular para Canindé não descia até a velha cidade temendo não conseguir subir de volta, então os moradores tinham que ir até a nova cidade para conseguir utilizar o transporte (BRITTO, 2017). Nota-se uma melhora, antes o ônibus só chegava até a cidade vizinha Poço Redondo.

Cada pessoa que recebia sua casa realizava a mudança, assim, enquanto alguns já moravam na nova cidade, outros ainda usufruíam os últimos instantes de moradia em suas antigas casas recheadas de lembranças. Ao que se refere à escola, a situação foi cansativa para os profissionais da educação. Dona Auxiliadora, diretora da escola no período da mudança, relembra sua trajetória no ônibus “Loca-Rio”, utilizado para fazer o transporte da população da velha para nova cidade:

Na mudança era eu na direção do Dom Juvêncio, um horário trabalhava aqui, o outro lá. Eu subia a ladeira me acabando de medo que era no ônibus com a estrada horrorosa ainda, e... o Loca-Rio ia buscar as pessoas, que aqui era assim quando ia acabando as casas que era essa região toda aqui do meio, quando fosse terminando aí ia já... morador vinha já recebendo... era aos poucos. Uns estudavam lá, e outros aqui, no ano de 86 esse colégio foi inaugurado, no ano de 86. (BRITTO, 2017).

A readaptação da população na nova cidade ocorreu da seguinte maneira: quem trabalhava em um local e morava no outro tinha que realizar o percurso pela “ladeira horrorosa” todos os dias. Havia quem trabalhava nos dois locais como a diretora Auxiliadora e a professora Maria do Socorro, que tinham que subir e descer a ladeira várias vezes ao dia. Aqueles que tinham seu comércio continuaram com o ramo na nova cidade, os que viviam de pesca passaram a ficar distantes do seu meio de sobrevivência e tinham que se locomover todos os dias, já para os agricultores foi melhor, uma vez que as fazendas estavam localizadas na parte alta do município. Quando começou a construção da usina, a ladeira que antes era de difícil locomoção foi aprimorada, uma vez que era por essa estrada que os carros e maquinários da CHESF trafegavam (GUIMARÃES, 2018).

Um dos pontos questionados pelos moradores foi a demolição total da antiga cidade. Hoje, a área de risco que estava localizada a Antiga Canindé abriga bares, quiosques, restaurantes, hotéis e até moradias. Mas na época da construção “destruiu tudo, derrubaram tudo” (GUIMARÃES, 2018). Uma única construção permaneceu intacta até pouco tempo: o antigo posto do Serviço Especial de Saúde Pública (SESP), mas que hoje foi modificado e em sua estrutura funciona um bar. Outra estrutura que permaneceu da antiga cidade foi o cemitério, mas, nem o cemitério ficou de fora da mudança:

Ainda mais espantosa foi a constatação de que até aqueles que complementaram seu ciclo existencial na vida terrena e foram descansar nas tumbas do acanhado campo-santo do velho Canindé, tiveram seus restos mortais transladados para a necrópole da nova cidade [...] Até os mortos tiveram que deixar o pobre Canindé. (COSTA, 2006, p. 178).

Figura 15 - Cemitério da Antiga Canindé, abril de 2019.



Fonte: Acervo pessoal de Cléia Tenório Vieira.

Enfim, chegada a mudança “Foi com dor no coração que aquela gente abandonou sua casa e se retirou de sua cidadezinha amada, com destino à nova cidade” (COSTA, 2006,

p.199). Realizada a transferência da população para sua nova localidade e com a demolição das antigas casas o grande projeto que prometia progresso ao sertão nordestino tivera início.

Obras de grande porte como as hidrelétricas necessitam de muita mão de obra, desse modo, “Trabalhadores de todos os recantos do país se abalaram até aquele antes desconhecido ermo mundo do barranqueiro do Velho Chico” (COSTA, 2006, p. 173). Desse modo, “havendo sobretudo uma ampliação da estrutura urbana, pois grandes contingentes populacionais se dirigem às regiões próximas das obras, formando novos assentamentos ou adensando os preexistentes” (BORTOLETO, 2001, p.57). Pessoas dos mais variados locais do país passaram a habitar Canindé em busca de melhoria de vida, começando assim a introduzir novas culturas, modificar costumes e contribuir com uma nova formação de identidade do povo da Nova Canindé, em que:

Considerada a maior obra civil do ramo exclusivamente brasileira, o Projeto Xingó atraiu no fim da década de 80 mais de milhares de pessoas para o trabalho direto, além de mais outras inúmeras, para o suporte indireto (comércio, saúde, educação, segurança, turismo, etc). (LIMA; SANTANA, 2008, p. 23-24).

A construção da usina teve início em 20 de março de 1987, no entanto, dois anos mais tarde em 1989, devido a uma crise financeira a obra que era considerada prioritária teve que paralisar suas atividades (SOUZA, 2001). Com a paralisação em 70% da obra, o número de desempregados na região aumentou. Canindé e Piranhas não tinham estrutura nem vagas de emprego suficientes para tantos imigrantes, assim, uma crise se instalou na região (SILVA, 2017). A paralisação também afetou negativamente as pesquisas arqueológicas na região pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), nesse período, a participação de arqueólogos de outras instituições foi de extrema importância. Contudo,

Em 15 de março de 1990, dando cumprimento a uma promessa de campanha, o então Presidente Fernando Collor determinou que os Ministros da Economia e da Infra Estrutura reiniciassem as obras. A 19 de junho do mesmo ano é autorizada a retomada da construção de Xingó e a 13 de junho de 1991 presencia-se o desvio o rio São Francisco, realizado através de quatro túneis com diâmetro de 16 metros, etapa fundamental da obra. (SOUZA, 2001, p. 32).

Retomadas as atividades da construção da usina, Canindé volta a estimular o crescimento da economia municipal, assim, “A Usina Hidrelétrica de Xingó foi inaugurada a 22 de dezembro de 1994, tendo na Presidência da República Itamar Franco, no governo estadual João Alves Filho e no governo municipal Hortência Carvalho” (SOUZA, 2001, p. 32).

Figura 16-Notícia da Inauguração da Usina Hidrelétrica de Xingó

Gazeta de Sergipe Política Aracaju, 23 de dezembro de 1994, Página 02

Desenvolvimento

Itamar aciona primeira turbina de Xingó

Presidente quer o País voltado para oprimidos e Nordeste sem pobreza



Itamar Franco acionou a primeira turbina da Usina Hidrelétrica de Xingó, em Sergipe, nesta sexta-feira (22). O presidente da República, Fernando Collor, esteve em Aracaju para acompanhar o momento histórico. Ele foi acompanhado por membros do governo federal, do governo do Estado de Sergipe e representantes locais. A cerimônia ocorreu às 10h30, com o presidente pressionando o botão de partida da turbina número 1. A usina, com capacidade para gerar 100 MW, é considerada uma das maiores obras de infraestrutura do Nordeste brasileiro. O projeto foi financiado pelo Banco Mundial e pelo governo federal. A inauguração marca o início da produção de energia limpa para a região, beneficiando milhares de famílias. Itamar Franco destacou a importância da obra para o desenvolvimento do Nordeste e para a geração de empregos locais. Ele afirmou que o Brasil precisa se voltar para os setores produtivos e para a melhoria da qualidade de vida da população, especialmente no Nordeste. A usina de Xingó é considerada uma das mais modernas do país e representa um marco na história da energia elétrica brasileira.

Presidente diz que Xingó é muito importante para o NE

O presidente Fernando Collor afirmou nesta sexta-feira (22) que a inauguração da Usina Hidrelétrica de Xingó, em Sergipe, é uma obra de grande importância para o Nordeste brasileiro. Ele destacou que a obra representa um marco na história da energia elétrica do país e que é fundamental para o desenvolvimento da região. Collor afirmou que o Brasil precisa se voltar para os setores produtivos e para a melhoria da qualidade de vida da população, especialmente no Nordeste. A usina de Xingó é considerada uma das mais modernas do país e representa um marco na história da energia elétrica brasileira.

2ª Etapa Usina será concluída em 1996

A segunda etapa da Usina Hidrelétrica de Xingó será concluída em 1996, segundo o diretor da obra, Carlos Alberto de Sá. Ele afirmou que a obra representa um marco na história da energia elétrica do país e que é fundamental para o desenvolvimento da região. A usina de Xingó é considerada uma das mais modernas do país e representa um marco na história da energia elétrica brasileira.

João Alves diz que Sergipe e Alagoas são beneficiados

João Alves, governador de Sergipe, afirmou nesta sexta-feira (22) que a inauguração da Usina Hidrelétrica de Xingó representa um marco na história da energia elétrica do país e que é fundamental para o desenvolvimento da região. Ele destacou que a obra representa um marco na história da energia elétrica do país e que é fundamental para o desenvolvimento da região. A usina de Xingó é considerada uma das mais modernas do país e representa um marco na história da energia elétrica brasileira.



Imprevistos e empurrões

A inauguração da Usina Hidrelétrica de Xingó foi marcada por vários imprevistos e empurrões. Segundo fontes próximas ao projeto, houve problemas com a entrega de materiais e com a montagem das estruturas. Apesar disso, a obra foi concluída dentro do prazo estabelecido. A inauguração ocorreu às 10h30, com o presidente pressionando o botão de partida da turbina número 1. A usina de Xingó é considerada uma das mais modernas do país e representa um marco na história da energia elétrica brasileira.



Fonte: Jornal Gazeta de Sergipe. Ano XXXIX, Nº 10.798. Aracaju, sexta-feira, 23 de dezembro de 1994, p. 3.

A chegada da hidrelétrica ao sertão sergipano abalou toda uma estrutura já formulada e estabelecida na região. A mudança de localidade não atingiu apenas a estrutura física do município como toda a cultura imaterial da população, logo, os impactos positivos e negativos foram responsáveis por uma nova formação identitária dos canindeenses, seja dos antigos moradores ou dos recém-chegados. O tópico a seguir trata especificamente dessas modificações, pontuando o que permaneceu como herança sociocultural e o que foi perdido após a construção da usina.

4.2 Permanências e rupturas em Canindé de São Francisco

O discurso de desenvolvimento pregado pelas empresas que conduzem grandes obras como hidrelétricas não tem serventia diante dos impactos sociais e culturais que são provocados pelas mesmas. A primeira alteração diz respeito à mudança demográfica da região, provocando assim, diversas outras como a modificação da estrutura urbana - que na maioria dos casos não está apta para receber um grande fluxo populacional - além das próprias desapropriações que influenciam na organização social dos moradores (BORTOLETO, 2001).

Apesar das indenizações e do progresso oferecido como positivo, nenhum aspecto compensatório reconstitui as perdas do ambiente físico, sociocultural e até econômico (SILVA, 2017). Além do próprio impacto do alagamento, toda a transformação que surge a partir disso afeta a comunidade que tem estruturas rompidas e modos de vida que não serão reconstruídos. Mesmo que outra cidade seja construída, com uma estrutura melhor, não substitui a perda, principalmente para aqueles que fizeram parte da formação desses lugares (BORTOLETO, 2001).

Com relação à estrutura, a Nova Canindé diferia muito da antiga cidade ribeirinha. Contava com agências bancárias, postos de gasolina, hospital, farmácias, lojas, hipermercado, hotéis, emissora de rádio, enfim, “A Nova Canindé era o grande eldorado de Sergipe” (COSTA, 2006, p. 199).

Segundo Maria Auxiliadora, a caldeira que era utilizada na fábrica de curtume foi vendida para um ferro velho, porém, o desejo de seu esposo Salomão era que a caldeira fosse colocada na praça da nova cidade, como em Piranhas que tem uma roda do antigo trem exposta em uma praça (BRITTO, 2017). Em Canindé, “A extinção foi total. As casas foram realmente demolidas e o passado e a história de seus moradores não foram levadas em consideração [...] A tradição de um povo acabava de ser jogada na lata do lixo do

esquecimento, do abandono e do desprezo” (COSTA, 2006, p. 178). Auxiliadora demonstra indignação quanto à diferença de posicionamento das gestões municipais das cidades vizinhas afetadas com a construção da usina: Canindé e Piranhas. Segundo a moradora, Canindé:

era pequenininha, num tinha nada né, e assim, era pequenininha num tinha nem... eles dizia, num tinha pra onde crescer, mas bem que tinha, porque Piranhas ali é mais em cima da serra, e Piranhas num aceitaram... lá de baixo, porque Inácio num aceitou, ele procurou foi ficar uma cidade tombada, ninguém mexer, a cidade histórica e a Canindé devia ter sido isso, mas a história de dinheiro né falou mais alto, quer dizer que quem queria mais era o que estava representando a administração do prefeito, que fez tudo pra vim né. Mas veja que até hoje num morreu ninguém ainda lá, já tem é trinta anos. (BRITTO, 2017).

Atualmente o local que estava localizada a antiga cidade de Canindé possui um condomínio de moradias (que antes era o alojamento dos trabalhadores da construção da usina) e uma periferia, além de bares, quiosques, restaurantes e hotéis. Auxiliadora afirma que havia a possibilidade da cidade crescer e melhorar ali mesmo, mas reconhece que há um perigo da barragem estourar a qualquer momento e conforma-se. “hoje está condomínio, mas Deus tem pena né, Deus é pai de todos que nunca teve problema nenhum né, mas que era o sonho da maioria do povo era essa mudança.” (BRITTO, 2017).

Sobre as desapropriações, a maior parte da população se beneficiou com as novas moradias, apesar de toda perda emocional, cultural e social. Lourival conta que de início gostou da casa que recebeu, mas em seguida trocou por uma maior, pois a casa recebida era muito apertada:

Hoje estou nessa casinha maior aqui graças a Deus, cabe todo mundo que chegar aqui né? Tem espaço, [...] Quintal ainda tem uns 40 metros daqui para lá, [...] Dever, só devo os pecados a Jesus e mais nada graças a Deus. Num “tô” rico não? Estou sim! A saúde não tá muita, mas tá 80%, tá melhor do que eu “tava” antes. (RODRIGUES, 2018).

Na Antiga Canindé tinham muitas casas de taipa com piso de barro e moradores carentes. Essas famílias mais necessitadas esperavam ansiosamente pela mudança com o anseio de melhores condições, baseadas nas promessas de emprego e desenvolvimento da cidade. Quem vivia em casa de taipa sentiu uma enorme diferença na qualidade de vida, pois receberam as casas pré-moldadas com o piso de cimento, paredes lisas, água encanada e energia instalada (GUIMARÃES, 2018).

Porém, a família Britto foi uma das famílias que teve prejuízo financeiro além do sociocultural. Segundo Auxiliadora, como os locais das propriedades da família Britto ficaram

despovoados, o furto tornou-se mais fácil, assim, não foi possível continuar com a atividade de criação de animais (BRITTO, 2017). Além disso, a casa que receberam na nova cidade não compensava o casarão da Antiga Canindé, que por sua vez era maior e mais espaçoso. Cabe lembrar que:

as melhorias advindas com a construção de uma obra como o investimento em infraestrutura e a indenização para aqueles que são atingidos pela decisão, nada mais são do que obrigações dos responsáveis pelas obras, sem as quais seus verdadeiros objetivos não poderiam ser alcançados. (BRAGA, SILVA, 2011, p.102).

Outro fator que influencia na modificação de áreas afetadas pelas grandes obras diz respeito ao tamanho da comunidade. Além das perdas já mencionadas, como o deslocamento que altera a organização social dos moradores, essas obras atraem um grande fluxo de migrantes em busca de emprego, o que causa um crescimento tumultuado da população (BRAGA, SILVA, 2011). Esse novo contingente de pessoas aumentou a oferta de mão de obra e causou a escassez de emprego e moradia, trazendo à Canindé novos problemas antes desconhecidos e aumentando as dificuldades já existentes (como a falta de emprego).

A nova cidade formulada para atender aos antigos moradores pode até ser melhor em sua infraestrutura, porém, é realizada para atender aquele público, e não calcula a chegada de tantas outras famílias, por isso, essas melhorias oferecidas não são suficientes em longo prazo. Durante a construção da obra a oferta de emprego é alta, no entanto, é uma oferta temporária com prazo para acabar, acarretando num índice alarmante de desemprego (BRAGA, SILVA, 2011).

Durante a construção das novas casas alguns moradores da antiga cidade conseguiram emprego, como relata Lourival, que trabalhou na construção da nova cidade e conseguiu a função de vigilante pelo estado, na qual trabalhou até se aposentar em 2011 (RODRIGUES, 2018). Outro aspecto apontado por Lourival na nova cidade além do emprego, foi a melhoria na educação. O mesmo estudou apenas o primário na antiga cidade e relata a facilidade que surgiu após a mudança:

Surgiu essa mudança de Canindé pra aqui que foi 250% melhor pra gente né, meus filhos aqui tiveram oportunidade que lá nunca tiveram, nem pensavam ao “meno” né. Hoje num tenho nada, mas tenho umas três aqui tudo com segundo grau já é alguma coisa né, tem uma fazendo faculdade, tem um neto fazendo faculdade vai terminar esse ano se Deus quiser, em Canindé não tinha isso. Canindé só saiu um doutor lá que foi doutor Galdino que saiu pra estudar em Aracaju [...] Hoje já tem vários aqui né, através da evolução do tempo e o desenvolver da cidade (RODRIGUES, 2018).

Socorro relembra as dificuldades em Canindé Velho e afirma que tudo mudou com a construção da usina, no entanto, junto com o progresso também vieram algumas coisas ruins, como a falta de paz e segurança. Relembra que na antiga cidade era difícil morrer alguém, e quando ocorria toda a comunidade sentia e velava o corpo. Já na nova cidade prossegue afirmando que “aqui a gente já se acostumou tanto com a morte que quase todo dia vai um. Mas é, quando não é conhecido, é desconhecido, é do bairro, da rua, mas a gente já tá acostumado assim com a vida [...] aqui a gente tá tão acostumado com tudo isso que ninguém liga mais, se matou um no Bairro da Torre, matou um na Olaria, matou um num sei aonde, na Agrovila, no Sem-terra, e a gente já tá se acostumando, infelizmente” (GUIMARÃES, 2018).

Houve uma mudança de comportamento nas relações sociais, muito se deu pela chegada de novos costumes com os imigrantes, o estranhamento a algumas práticas da antiga cidade começava a causar desconforto em suas realizações, fazendo com que fossem se perdendo aos poucos, além do mais, essa influência na forma de vida tradicional também é causada pelo desenvolvimento, como a evolução da tecnologia que muda os hábitos e costumes dos mais antigos. Como lembra Lourival, a evolução da tecnologia foi um aspecto muito positivo, uma vez que na Antiga Canindé mal se sabia notícia dos próprios familiares, e “Hoje se acontece um negócio na Indonésia, na Suíça você já tá sabendo aqui, né.” (RODRIGUES, 2018).

Esses novos tempos que chegaram ao Nordeste foram responsáveis por diversas transformações, inclusive pela destruição de paisagens nativas, tipicamente sertanejas das regiões banhadas pelo rio São Francisco (COSTA, 2006). Ao se tratar das diversas modificações ocorridas após a construção da hidrelétrica e deslocamento da cidade, um dos pontos que sofreu grandes alterações foi a cultura, de modo que:

A cidade, [...] retratava, na prática um espaço semelhante a uma vila, seja no aspecto territorial, seja no estrutural ou no humano. A chegada do progresso proveniente da implantação da Usina Hidrelétrica de Xingó, [...] marca em definitivo a vida do seu povo. Se os aspectos geográfico, social e econômico passaram por transformações, o cultural então, foi o que de fato, sentiu o impacto mais profundamente (LIMA; SANTANA, 2008, p.83).

Dentre as várias manifestações culturais da antiga cidade, poucas permaneceram da mesma maneira, algumas foram atualizadas e modificadas e outras extintas. O Natal, por exemplo, era comemorado na antiga cidade com o pastoril organizado por Custódia Britto (cunhada de Auxiliadora), na Nova Canindé passou a ser gerenciado pelo casal Dão e

Lurdinha. O Natal continuou com as apresentações de cavalcadas e comemoração do presépio e pastoril (BRITTO, 2017):

Vale aqui a ressalva que a cavalcada se mantém viva até a atualidade graças também aos esforços anônimos de gente como Luiz Marques, Inácio (in memorian), Paixão, Raimundo Leandro, Zé Branco, Elias, Edinaldo e outros. Observa-se ainda que a cavalcada acena para uma longa continuidade, já que os filhos e netos dos antigos brincantes estão a cada dia se incorporando ao grupo (LIMA; SANTANA, 2008, p.50).

Figura 17 - Edinaldo, Salomão e Leobino - Cavalcada 25/10/1999.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Auxiliadora Melo de Britto.

O entrudo permaneceu até a mudança da cidade, no entanto, como a população estava formada por antigos e novos moradores, nem todos gostavam da brincadeira de serem molhados de surpresa. Então, com o tempo esse folguedo foi extinto na cidade, assim como o “Serra Velho” que ocorreu apenas por dois anos após a mudança e a maioria da população atualmente nem conhece essa brincadeira. A “queima do Judas” também não é uma prática presente na sede do município com a participação da comunidade como na Antiga Canindé, apenas esporadicamente em povoados distantes. (LIMA; SANTANA, 2008).

O Zé Pereira foi reformulado e passou a ser um bloco tradicional no carnaval de Canindé realizando a abertura da semana carnavalesca sempre a partir da meia-noite da quinta-feira que antecede os festejos. O São João também foi modificado, mas permaneceu

forte na cultura canindeense, talvez por ser uma prática comum do Nordeste, mas que se atualizou conforme ao acesso às novas informações e novas práticas culturais da população recém-chegada. Além do mais, a quadrilha junina de Canindé continuou graças aos esforços de João Filgueira (Dão) e sua família. A quadrilha “Arrasta-Pé” é a mais antiga da região e é organizada pela família há mais de quarenta anos. A Dança de São Gonçalo chegou a acontecer ainda na sede do município, no entanto, passou a ocorrer apenas no povoado Curitiba, em que alguns moradores da sede que participavam do ritual deslocam-se para esse povoado e continuam com a prática. (LIMA; SANTANA, 2008).

No aspecto religioso, além da introdução de novas religiões na cidade, houve algumas mudanças na Igreja Católica a começar pela padroeira da cidade que era a Santa Cruz, e após 1987 foi realizada uma consulta aos fiéis pelo pároco frei Enoque Salvador de Melo, em que o resultado foi a modificação da padroeira para Nossa Senhora da Conceição, assim, foi extinta a festa do novenário de maio e passou a ser realizado um novenário de 29 de novembro a 07 de dezembro, pela nova padroeira (LIMA; SANTANA, 2008). Além disso, o atual pároco padre Edmilson resgatou o sacrário da capelinha da Antiga Canindé e colocou na capela de Padre Cícero na nova cidade, além de continuar com as buscas a fim de unir na nova capela todos as relíquias religiosas do antigo município (GUIMARÃES, 2018).

Além de toda modificação cultural a sociedade canindeense teve sua identidade transformada e invadida por novas representações: “É... Canindé era uma união que até aqui na Nova Canindé o pessoal se perderam muito, esqueceram de lá” (BRITTO, 2017). Algo que também faz parte da lembrança positiva da antiga cidade se refere aos “homens de palavra”, que eram pessoas honestas que cumpriam o que falavam a exemplo dos vaqueiros e coronéis (JESUS; SÁ, 2012).

Assim, “O tempo foi passando. Muitos dos que viveram aquela aventura vivem debaixo de dolorosa e doída saudade daquele seu antigo e amado lugarzinho” (COSTA, 2006, p. 178). A lembrança de um sossego que não mais presenciam na nova cidade, de festas e brincadeiras inocentes, faz com que os antigos moradores não percam a identidade com a Velha Canindé (LIMA; SANTANA, 2008).

Como nos lembra Socorro, a vida lá era difícil por diversos aspectos como a falta de comércio, falta de espaço para crescer, e que a hidrelétrica ter chegado foi a sorte da população, no entanto, a saudade permanece na sua memória: “A gente sentiu, eu hoje... ainda de vez em quando eu sonho lá em Canindé, andando nas ruas, lá em Canindé de Baixo...” (GUIMARÃES, 2018).

Por mais que as lembranças sejam dolorosas de um passado sofrido, ou de um passado de paz e harmonia, a memória desses moradores sempre vai remeter à Antiga Canindé. A hidrelétrica impactou o desenvolvimento natural do ambiente, acarretando nessa série de transformações positivas e negativas que alteraram a identidade da população em diversos aspectos como o social, cultural, econômico, organizacional e estrutural. Contudo, apesar de todo o impacto sofrido, a memória desses moradores está eternizada na História de Canindé de São Francisco.

5. CONCLUSÃO

A possibilidade de lidar com os diversos temas do cotidiano através da história cultural permitiu ao presente trabalho realizar a pesquisa dos indivíduos comuns de Canindé de São Francisco. Essas memórias foram responsáveis pela reconstrução das relações cotidianas da população antes e pós a construção da usina, uma vez que a maior parte das fontes escritas do município não prestigiaram essas características.

A respeito da influência da Memória e da História Oral na construção do conhecimento histórico, constatou-se que a Memória é responsável pela preservação das lembranças de diferentes períodos da história, assim, evidentemente contribui com a produção do conhecimento histórico da humanidade. A História Oral tem o papel de colaborar com a narração de memórias de indivíduos comuns ou ilustres, permitindo assim a abordagem de diversos temas da História, inclusive dos contemporâneos.

Com relação ao levantamento de dados sobre o histórico de Canindé de São Francisco antes da hidrelétrica, a presente pesquisa salienta que o território sergipano banhado pelo rio São Francisco teve sua relevância no processo de povoamento dos sertões e que o cotidiano do antigo município caminhava aos próprios passos rumo ao desenvolvimento, como bem prova as várias fases citadas no capítulo três a respeito de Canindé. O município já possuía sua própria identidade sertaneja e uma infinidade de culturas populares baseadas principalmente na religião católica e a relação entre os moradores enaltecia o caráter de sua identidade cooperativa.

Sobre as mudanças que ocorreram no município após a transferência de localidade devido à construção da usina, compreendeu-se que o grande projeto foi determinante na antecipação do desenvolvimento da cidade contribuindo com fatores positivos para as melhores condições de vida da população. No entanto, essa interferência afetou a identidade canindeense, uma vez que alterou o cotidiano dos moradores que já estavam habituados a um modo de vida e que tiveram que se readaptar a uma nova realidade bem distinta, sem a união e a paz de outrora, além de modificar características próprias como os rituais culturais que se tornaram muitas vezes atrações turísticas (como a cavallhada e o pastoril, que passaram a se apresentar fora do contexto natalino).

Mediante pesquisa, evidencia-se a importância de se trabalhar com a memória de pessoas comuns por meio da história oral tendo em vista que as entrevistas enriquecem as narrativas de temas contemporâneos. De acordo com isso, é importante que os historiadores utilizem esses meios de pesquisa para assim trabalhar diversas histórias com mais de uma via,

atendo-se à criticidade das fontes independente da origem, e acatando as diferentes visões sobre os mais variados temas.

Sobre Canindé de São Francisco muito se tem a trabalhar ainda, como a transformação da população rural e urbana após a hidrelétrica, uma vez que inúmeras pessoas adentraram no município com comércios, mão de obra e experiências variadas, além de ter sido introduzido o Projeto Califórnia na área rural, assim como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que passou a ocupar a região em protesto aos projetos sociais excludentes. Outro aspecto a ser abordado é a forte introdução do turismo na região, tanto pelos estudos arqueológicos, quanto pelas belezas naturais do município. Houve também um grande impacto nos padrões de consumo, uma vez que a população saiu de uma cidade com aspecto de vila e passou para uma cidade com uma boa infraestrutura em pouco tempo. Tudo isso é passível de um estudo mais aprofundado utilizando os materiais disponíveis sobre Canindé, inclusive com as fontes orais.

6. REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSK, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2008.

ANTÔNIO, Edna Maria Matos. **A independência do solo que habitamos: poder, autonomia e cultura política na construção do império brasileiro, Sergipe (1750-1831)**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

BARBOZA, Monielly Suelen Gomes. **Coronéis da luz, escuridão dos povos: A Chesf e as mudanças sociais na cidade de Piranhas/AL (1970 a 2000)**. 2017. 68 f. Monografia. (Graduação em História – licenciatura). Universidade Federal de Alagoas: Delmiro Gouveia, 2017.

BARROS, José D'Assunção. **O campo da história: especialidades e abordagens**. 8. ed. – Petrópolis: Vozes, 2011.

BORTOLETO, Elaine Mundim. A implantação de grandes hidrelétricas: desenvolvimento, discurso e impactos. **GEOGRAFARES**, Vitória, n. 2, p.53-62, jun.2001.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRAGA, Iara de Fátima; SILVA, Vicente. Efeitos sociais e espaciais de grandes projetos: entre territórios de vida e relações de poder. **CAMINHO DA GEOGRAFIA**. Uberlândia. v.12, n.38. p.100-107, jun./2011. ISSN 1678-6343.

BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CAMPOS, Paulo. **Definição de capitão-mor no Brasil Colônia**. Disponível em: <<http://www.carmodacachoeira.net/2009/07/definicao-de-capitao-mor.html>> Acesso em 15/01/2019, 00h19min.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. 2. reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

CARDOSO, Ciro Flamarion. História e conhecimento: uma abordagem epistemológica. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

CHAGASTELLES, Gianne; LACERDA, Gislene. História oral, memória e história do tempo presente: debate conceitual e de sentidos. In: X Encontro Regional Sudeste de História Oral. Educação das sensibilidades: Violência, desafios contemporâneos. **Anais eletrônicos**. Campinas, 10 a 13 de set. de 2013 – UNICAMP. ISBN 978-85-85562-40-3. p.1-13.

Disponível em:

<https://www.sudeste2013.historiaoral.org.br/resources/anais/4/1372529143_ARQUIVO_textoGianneGislene.pdf> Acesso em 09/01/17, 10h33min.

COMPANHIA HIDROELÉTRICA DO SÃO FRANCISCO. **Descrição do aproveitamento Xingó**. Disponível em:

<<https://www.chesf.gov.br/SistemaChesf/Pages/SistemaGeracao/Xingo.aspx>> Acesso em 24/03/19, 10h04min.

COSTA, Alcino Alves. **Canindé de São Francisco: seu povo e sua história.** Aracaju: Futura Gráfica e Serviços Ltda., 2006.

CRUZ, Fernanda dos Santos; OLIVEIRA, Paulo José de. A Formação do Território Sergipano sob a Ótica da Cartografia Histórica. In: 3º simpósio brasileiro de cartografia histórica. **Anais.** 26 a 28 de out. de 2016. CRCH – UFMG: Belo Horizonte. ISSN 978-85-62164-09-5. Disponível em:

<https://www.ufmg.br/rededemuseus/crch/simposio2016/pdf/1FernandaCruz-PauloOliveira_3SBCH.pdf> Acesso em 07/12/18, 18h49min.

CRUZ, José Vieira da. O uso metodológico da história oral: um caminho para a pesquisa histórica. **FRAGMENTA.** Aracaju: UNIT, p.1-15, 2005.

DANTAS, Vladimir José. **História e Memória.** Aracaju: UNIT, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **TOPOI,** Rio de Janeiro, p. 314-332, dez/2002.

FONTES, José Silvério Leite. A formação do povo sergipano. **REVISTA DA ACADEMIA SERGIPANA DE LETRAS.** Aracaju, p.83-97, 1999, Número Especial (ASL-70 Anos). ISSN - 2594-5386. Disponível em:

<<https://seer.ufs.br/index.php/RASL/article/view/8387/6697>> Acesso em: 05/02/2018,13h03min.

FREIRE, Felisbelo. **História territorial de Sergipe.** Aracaju: FUNDEPAH, 1995.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **População de Canindé de São Francisco - SE no último censo de 2010.** Disponível em:

<<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/se/caninde-de-sao-francisco/panorama>> Acesso em 14/02/2019, 21h39min.

JESUS, Givaldo Santos de; SÁ, Antônio Fernando de Araújo. Caminhos da memória e da história: reflexões sobre as memórias de antigos moradores da fazenda Cuiabá no estado de Sergipe. In: Encontro Nacional de História Oral, n.11, 2012, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos.** Rio de Janeiro: ABHO, 2012. p.1-18. Disponível em:

<http://www.encontro2012.historiaoral.org.br/resources/anais/3/1340372055_ARQUIVO_TrabalhocompletoparaoeventodehistoriaoralnoRio.pdf> Acesso em 30/10/2018, 22h13min.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória** – 5. ed. – Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LIMA, Ronete Bezerra Rodrigues; SANTANA, Veranúbia Avelino. **Canindé de São Francisco e suas manifestações culturais.** 2008. 90 f. Monografia. (Especialista em Ensino e Identidade Cultural em Sergipe). Faculdade Atlântico: Aracaju, 2008.

LISBOA, Egicyane. **Personalidades políticas de Canindé de São Francisco.** Nossa Senhora da Glória: Lumia Escritório de Design, 2015.

MARTIN, Gabriela. O povoamento pré-histórico do vale do São Francisco (Brasil). In: **Salvamento arqueológico de Xingó: relatório final**. Universidade Federal de Sergipe/Companhia Hidroelétrica do São Francisco: Xingó, 1998. p.17-54.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Definindo História Oral e Memória. **CADERNOS CERU** – n. 5, Série 2. p. 52-60, 1994. ISSN: 2595-2536.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História Oral: como fazer, como pensar**. São Paulo: Contexto, 2007.

MOTTA, Márcia Maria Menéndez. História e Memória. **CADERNOS DO CEOM**. Chapecó: UNOCHAPECÓ, n.17, ano 16, p.179-199, 2003. ISSN (Eletrônico) 2175-0173. Disponível em: <<https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/rcc/article/view/2196>> Acesso em 08/08/16, 11h13min.

OLIVEIRA, Rezilda Rodrigues. A saga dos pioneiros da CHESF. **ORGANIZAÇÕES & SOCIEDADE (O&S)**. v. 8, n. 20, p.1-15, 2001. ISSN (Eletrônico) 1984-9230. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/revistaoes/article/view/10567/7560>>. Acesso em 03/08/18, 12h51min.

PASSOS SUBRINHO, Josué Modesto dos. **História econômica de Sergipe (1850 -1930)**. 1983. 155 f. Dissertação. (Mestrado) Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Aracaju, ago. de 1983.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **ESTUDOS HISTÓRICOS**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 202-212, 1992. ISSN (Eletrônico) 2178-1494. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>> Acesso em 19/09/16, 15h22min.

SANTOS, Ana Paula dos. História Oral e Memória: uma abordagem acerca da construção da hidrelétrica de Itaipu. UNESP – FCLAs – **CEDAP**, v.1, n.2, p. 188- 193, 2005.

SANTOS, Rodrigues Herles dos. **Entre águas e gentes: vivências e (in)visibilidades nos territórios do litoral de Sergipe**. 2015. 334 f. Tese. (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, 2015.

SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **REVISTA DA CASA DA GEOGRAFIA DE SOBRAL**, Sobral, v. 4/5, p. 43-53, 2002/2003. ISSN 2316-8056. Disponível em: <<http://www.uvanet.br/rcgs/index.php/RCGS/article/view/77/74>> Acesso em 28/08/17, 21h32min.

SILVA, Vaniele da Penha. **O caminho das águas: memórias da Velha Canindé de São Francisco (1987-1997)**. 2017. 79 f. Monografia (Graduação em História – licenciatura). Paripiranga: UniAges, 2017.

SOUSA, Antônio Lindvaldo. **Temas de História de Sergipe**. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2007.

SOUZA, Katia Maria Araújo. **Canindé de São Francisco, Sergipe – Brasil: História e Curiosidades**. Aracaju: Gráfica Editora J. Andrade Ltda. 2001.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE. **O Max**. Disponível em:
<<http://max.ufs.br/pagina/20239>> Acesso em 16/03/19, 22h29min.

VERGNE, Maria Cleonice; NASCIMENTO, Ana Cristina. O desenvolvimento do projeto. In: **Salvamento arqueológico de Xingó: relatório final**. Universidade Federal de Sergipe/Companhia Hidroelétrica do São Francisco: Xingó, 1998. p.10-16.

FONTES ORAIS

BRITTO, Maria Auxiliadora Melo de. [73 anos]. [fevereiro 2017]. Entrevistadora: Cléia Tenório Vieira. Canindé de São Francisco, SE. 10 de fevereiro de 2017.

GUIMARÃES. Maria do Socorro Feitoza. [70 anos]. [setembro 2018]. Entrevistadora: Cléia Tenório Vieira. Canindé de São Francisco, SE. 05 de setembro de 2018.

RODRIGUES, Lourival. [73 anos]. [novembro 2018]. Entrevistadora: Cléia Tenório Vieira. Canindé de São Francisco, SE. 16 de novembro de 2018.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Transcrição da entrevista realizada com Maria Auxiliadora Melo de Britto em 10 de fevereiro de 2017 em Canindé de São Francisco/ SE.

Maria Auxiliadora: Porque é eu falando sobre Canindé, o que eu achei de Canindé, como professora e assim que casei com um da família de tradição da cidade e eu falei. Tem Lígia falando sobre alguns tipos de comida, comida típica da também da região. Tem Raimundo de Neco, o pai de Neném, você conheceu Raimundo?

Entrevistadora: Eu já ouvi falar, mas acho que não lembro não.

Maria Auxiliadora: Ele já morreu, o pai de neném ele é sogro de Edmilson, falando sobre Canindé que é filho de lá mesmo, que quem criou ele foi um tio de Salomão e ele gostava de fazer com criança e rapazinho cavalinhos de pau como o meu neto tem um com a cabecinha do cavalo grandinha e lá ele fazia de fre... flecha, flecha tem o nome que é uma madeirinha molinha que faz a cabecinha assim né que é tudo improvisado feito assim a mão e fazia a cavalhada das crianças, ele falando. Zé Pitu falando sobre a dança, o forró, num sabe? E falando a casa dos idosos, tudo, tem no final, tem minha cunhada falando sobre a... o São Gonçalo, a... eu falando também, passa comadre Didi, Socorro não foi entrevistada não. Comadre Didi também falando um pouco de... sobre Canindé, a... a festa religiosa, tem nós, passa na procissão, Raquel que trabalhou muito na cultura né na época de Orlandinho, é tudo parente dela, tem muita coisa que você pode enriquecer viu... pode ir perguntando.

Entrevistadora: Quero saber o seu nome completo...

Maria Auxiliadora: Maria Auxiliadora Melo de Britto, esse Britto que é de família é com dois “t” viu.

Entrevistadora: Pronto. Maria Auxiliadora Melo de Britto...

Eu queria saber assim, nome de pai e da mãe, mas pode ser só o primeiro nome.

Maria Auxiliadora: Pode ser. Meu pai... sou filha de Afonso Siqueira Melo e Maria dos Prazeres Melo. Esse Melo meu é com um “l” só viu...

Entrevistadora: Com um “l” né? Pronto. O nome de Seu Salomão é Salomão...

Maria Auxiliadora: Salomão Porfírio de Britto. Porfírio... “P-O-R...”

Entrevistadora: Porfírio com acento no “i” né? Britto com dois “t”. Aí a senhora teve quantos filhos?

Maria Auxiliadora: É... seis. Seis filhos. Criei cinco. Um morreu pequenininho de quatro meses. É o mais velho é Antônio Afonso Melo de Britto em *memorium*, que já morreu né.

Morreu com 39 anos, tenho esses dois bisnetos aí, neto dele. Hortência Melo de Britto, hoje tem Santos né... Hortência Melo de Britto Santos.

Entrevistadora: Esses aqui eles nasceram já foi aqui ou ainda foi lá?

Maria Auxiliadora: Tudo nasceram lá, Britinho o mais novo foi que veio com dois anos. É... Débora Melo de Britto, ah eu não botei, depois também bota e você organizar, é... Débora Melo de Britto Freire... é... Juvêncio Melo de Britto, também em *memorium*, este foi com quatro meses foi novinho, foi do ano... nasceu no ano 70 e Bartira Melo de Britto Sá, Bartira Melo de Britto Sá e Salomão Porfírio de Britto Júnior, que é o Britinho, o nome do pai, é... o nome do pai. Salomão Porfírio de Britto Júnior, mas Salomão disse “Eu aceito que bote meu nome agora pra chamar num Juninho não” [riso] É porque tem tantos que chama Júnior, aí fica Juninho... Juninho... e ele se enjoava muito. Tinha umas mulher lá que tinha, era por... era tudo perto da gente e era só Juninho, Juninho e era desse jeito então chamar Britto, Britinho, é... Britinho vem de Britto que é o sobrenome.

Entrevistadora: Aí ficou Britinho, eita resenha [risos]. Pronto, aí a senhora nasceu em?

Maria Auxiliadora: Eu nasci no dia 22 do 06 de 1945, tenho 71.

Entrevistadora: Foi em Itabi foi?

Maria Auxiliadora: Foi... em Itabi

Entrevistadora: É Pernambuco?

Maria Auxiliadora: Sergipe. Itabi é perto de Gararu, Graccho Cardoso, Lurdes, terra lá de Orlandinho, eu conheço bem o pai dele, o Orlando, de lá. A vó de Orlandinho é de Itabi. Lurdes é depois de Itabi, é pertinho de lá.

Entrevistadora: É... Lurdes eu sei onde é, só não lembrava de Itabi onde era. A senhora mora em Canindé desde... veio pra cá...

Maria Auxiliadora: É, em Canindé de São Francisco desde o dia 20 de dezembro de 1964, no dia que eu me casei vim pra aqui.

Entrevistadora: Pronto, aí o motivo que a fez vim foi o casamento.

Maria Auxiliadora: É o casamento, sim. E então assumi a... a cadeira, que antigamente chamava a cadeira de professora.

Entrevistadora: Era cadeira né, antigamente?

Maria Auxiliadora: É, em 65, eu fui concursada em 64. Quando eu fui concursada foi pra... Itabi, mas aí como foi resolvido a casar, quando saiu minha portaria e decreto já foi pra Canindé. Foi, o prefeito lá de Itabi já me deu os documento tudo encaminhado pra cá. É, eu me casei, eu vim morar aqui e tinha vaga né, faltava professor né?

Entrevistadora: Pronto, aí eu queria que a senhora falasse um pouco como era a vida lá na antiga cidade, a questão de renda... atividades domésticas, sua profissão também, um pouquinho de cada...

Maria Auxiliadora: Pronto aí já pode você faz aí que depois você resume. Bom, eu... é... já comecei... Antes de eu me casar... Mas você quer saber de Canindé né?

Entrevistadora: Não, mas aí você pode contar.

Maria Auxiliadora: Quando eu cheguei em Canindé, né, no caso, eu sou filha de pessoa assim fazendeiro né. Meu pai era fazendeiro, com aquela vida de agricultor, pecuarista né, que o fazendeiro é isso tudo aí, né, minha mãe doméstica, mas com trabalhos de costuras né, costureira e artesã também né, porque hoje é... de antes pra cá foi que entrou esse nome de artesã, mas antes trabalhos de bordados é tudo isso aí, e trabalhos domésticos, né. Eu me criei aos oito anos já era apaixonada por costura e bordado, a minha vida foi assim. E gostava muito de estudar, e fui concursada para professora no ano de 1964. Foi um dos primeiros concursos que houve né, em 64. Na época do governador Seixas Dória e...

E então chegando a Canindé já tomei posse pra cadeira de professora na cidade de Canindé de São Francisco. E aí, comecei a trabalhar em 09 de março de 1965. Minha vida... é... meu trabalho de professora foi todo em Canindé, na Velha Canindé. Me casei com Salomão que era a vida também... ele... quando eu conheci Salomão ele era agricultor né? Pecuarista né? Tinha propriedade com a sua família que vivia assim, trabalho de fazenda né? O pai dele era... o pai dele era gerente da fábrica de curtume. Salomão estudou em... começou as letras em Canindé, e continuou em Propriá, mas depois de nós casados ele era grande criador de... é... no caso... basta botar pecuarista né, que aí resume tudo. [silêncio] Mas que a vida em Canindé era difícil, vou falar como se pra os outros também né, era difícil assim pra população de lá sobreviver, mas como era muito conformado, viviam muito feliz, o povo lá na Velha Canindé. Uns trabalhavam de pesca, não tinha esse negócio de proibir né, naquela época era liberado. Pesca, caça, trabalhavam nas fazendas né... que aqui existiam, na agricultura né... que trabalhavam que essa família Britto sustentava muito né... que era a fazenda aqui tudo próximo e o carvão tinha pessoas que também trabalhavam fazendo carvão né... que era um meio de vida e as mulheres de baixa renda lavava, passava, lavava roupa e passava para ganhar os trocados pra daí sobrevivendo. Tinha uma parte que gostava de fazer trabalhos de bordados, de rendas... e aí levava a sobrevivência. Lá existia união e muita paz... lá existia união e muita paz. Tá gravando né?

Entrevistadora: “Tô”, pode falar...

Maria Auxiliadora: Lá... era uma cidadezinha muito pequena, eu já conheci Canindé ela cidade né? Já era cidade e não tinha farmácia... não tinha feira, tentaram né fundar a feira mas não foi a frente. O comerciozinho de lá era muito pequeno, nosso maior comércio era Piranhas, Paulo Afonso e quando viajava aí se preparava né... Cada um sempre gostava assim, a feira, a nossa feira a gente fazia em Piranhas, o comércio era assim, mas todo em Piranhas.

Entrevistadora: Mas aí não tinha ponte ainda, ou tinha?

Maria Auxiliadora: Como?

Entrevistadora: A ponte já tinha? Não?

Maria Auxiliadora: Não, não tinha não, era de canoa, de canoinha, muitos iam de pé até hoje ainda tem esse cantinho lá furado, atravessava pra Piranhas, outros de animal, quem tinha carro ia de carro até o furado e atravessa... já depois do ano que começou o trabalho da barragem nos anos... na década de 80, foi que entrou a balsa, e a ponte já foi depois que nós já tinha mudado. [silêncio] Canindé por terra só tinha uma entrada e por essa entrada era que saía, a ladeira horrorosa [risos] eu subia com tanto medo meu Deus! Até hoje “cê” vê aquela ladeira e você observa o tanto... a quantidade que baixou, né. Era subindo aquela altura todinha. E nosso transporte mais era por água né... quando não... porque depois com um tempo, um passar de anos já... no começo mesmo da obra...é... Tinha um ônibus que começou vindo pra Poço Redondo, depois resolveu a descer Canindé, ou ficava em cima da ladeira e a gente pegava [inaudível] e ia lá pra cima, porque temia descer a ladeira e não conseguir subir. Viajei muito por água antes de acontecer isso aí, de setenta e cinco até ter essa facilidade desse ônibus viajava por água, cheguei a viajar até no navio Comendador Peixoto. Viajei ainda no navio que fazia linha de Penedo a Piranhas. A gente passava oito dias pra ir resolver um problema em Aracaju, com direito só da sexta-feira em Aracaju... era... de volta subia de canoa, com toda dificuldade. Mas mesmo assim eu gostava muito de Canindé... [risos]. Gostava muito de Canindé, era... a ... você quer que eu vá mais aí eu tento de pertinho.

Entrevistadora: Não, pode ir falando.

Maria Auxiliadora: É... Canindé era uma união que até aqui na Nova Canindé o pessoal se perderam muito, esqueceram de lá. Mas lá, era comemorado... é... Lá tinha, a gente comemorava, tinha cultura, as festa natalina era comemorado com pastoril, o pastoril com a irmã do meu marido, Custódia, organizava... depois, já aqui mesmo ainda na Velha Canindé, vindo pra nova aí Dão... aí Dão e Lurdinha continuaram. Mas tinha cavalhadas no natal, presépio, comemoração do presépio, a semana santa. A semana santa era a reza que o pessoal mais velho de lá fazia nas casas durante a quaresma e se reunia na capelinha do padroeiro que

era Santa Cruz... a capela muito pequenininha assim do tamanho da do padre Cícero. É... que foi a família Britto, o coronel Chico Porfírio que construiu ao lado do casarão...

Entrevistadora: É essa da foto já?

Maria Auxiliadora: Sim... Não! Essa daí de Durvalina, era do Padre Cícero é outra que eu vou lhe mostrar o altazinho que tem aqui. Então era na semana santa comemorado lá as rezas da semana santa na capelinha Santa Cruz ...

Entrevistadora: Santa Cruz... Que era o padroeiro.

Maria Auxiliadora: Isso! Na sexta-feira santa para o sábado da aleluia, lá tinha uma tradição como eu acho que várias cidades assim antigamente faziam o “Serra velho” que irritava muitos idosos né... não gostavam, mas faziam, esse “Serra Velho” depois da meia noite. “Serra Velho” era... era fofando a porta, e chorava e gritava como a pessoa seja assim de idade, já “tava” muito próximo a morrer, é por isso que não gostava. Esta brincadeira eu não gostava né [risos] eu achava isso muito esquisito, na minha terra também tinha isso, fazia. Durante a semana santa tinha pessoas que trabalhava construindo o judeu e a judia. A meia noite da sexta-feira santa para o sábado de aleluia aí tinha também este roubo: o roubo do judeu. Era roubado e daí para achar esse judeu era tudo comemoração. É... o movimento de uma brincadeira né? No sábado de aleluia, ele era colocado... Quando achava esse judeu era colocado no pau. Pra ser queimado no sábado de aleluia a noite e daí tinha sanfoneiro pra tocar, era uma festa, era uma festa... e faziam mais uma “deixa”. A “deixa” na linguagem popular era o inventário do judeu, pra quem ele deixava sapato, pra quem ele deixava a calça, a camisa, um chapéu, um óculos né, o cinto, os pertences dele. E quando terminava ali queimava e aí continuava a festa comemorando o sábado de aleluia pra o domingo de páscoa.

Também em Canindé era comemorado no mês de maio, o mês de maio todo o mês de Maria, embora que o padroeiro de lá era Santa Cruz, mas era comemorado o mês de Maria e as... tinha os noiteiros que era acompanhado com zabumbas, era leilão, era muito festejado, que era a cultura de lá né. São João era comemorado festa junina, com quadrilha, casamento do matuto, eu organizava na escola, aí já era organização começava por mim, Dão morava lá já nessa época. Antes Salomão trazia marcador de quadrilha de fora. Lá da região de Porto da Folha, depois Dão chegou, aprendeu, que ele via lá em Piranhas, que Dão é de Piranhas e eu organizava dos alunos da escola e também de adultos. E cada pessoa contribuía no que podia, e organizava a festa. O sanfoneiro, como naquela época era mais sanfoneiro, lá não tinha naquela época, lá não tinha banda, era sanfoneiro, era cobrado cota, quem dançava cobrava cota, era convidado, lá o que “justava” aquele preço ia pra cota, o que faltava era, mas a prefeitura não tinha condições como aqui, entrava com muito pouco, mas Salomão que

gostava de ver a festa para todos e outras pessoas mais também entrava e ajudava. A escola comemorava as datas cívicas todas, a começar... o dia da pátria 7 de setembro era comemorado e Deus me ajudava que eu conseguia e em Piranhas que tinha os parentes de Salomão lá, que é Sônia de Celso, que é... você... num sei se seus pais devem conhecer. Sônia era diretora também da escola lá e os instrumento que eu conseguia daqui a gente só comemorava o dia da pátria um pela manhã, outro a tarde, porque servia de um para o outro, nós se juntava, ela trabalhava lá, me ajudava em Canindé, mas que era comemorado. [silêncio] Alunos que saíam, que concluíam, que em Canindé só era até a quarta série, mas em Piranhas era mais evoluído na educação um pouco mais que Canindé, e tinha de quinta série em diante, ia pra lá, conseguia, era o colégio cenicista de primeiro grau, era tinha que pagar, mas Salomão sempre conseguia bolsas com o deputado e ajudava né, os meus a gente pagava, como Hortência estudou lá, Antônio Afonso estudou lá. E daí veio sempre melhorando né melhorando aos poucos devagarzinho...

Maria Auxiliadora: Sim, veja outra pergunta aí.

Entrevistadora: Pronto, a senhora já falou de escola, religião, lazer, cultura, questão de política foi aquela que você “tava” falando sobre os Feitosas que chegaram...

Maria Auxiliadora: É, isso mesmo, que primeiro prefeito foi Ananias né. Pronto, esse de política Salomão foi o que foi, mas você tem aqui, nesse daí você já tem, é seu esse livro? Pronto, aí você já pega de todos aí, e num tem de tudinho? A política, você já pega ali, sim, isso mesmo, naquele ali já tem, eu vou buscar, é... se você quiser botar a foto do diploma dele, as fotos deles tudo, aí tem né a foto de cada um? É, tem. Agora eu vou mostrar esse outro pra você ver se interessa. Ó, este aqui é Hercílio Britto, primo do pai de Salomão e filho do coronel Chico Porfírio, que é Francisco Porfírio de Britto, e neste livro aqui tem. Eu tenho um de Alcino também, mas este eu acho que tá com Bartira.

Entrevistadora: O de Alcino Alves é um azulzinho o livro né? Eu já li. Eu peguei na biblioteca. “Tava” até todo descolando, eu “tava” com vontade de fazer isso mas como era da biblioteca eu não podia.

Maria Auxiliadora: Isso, que é ali da biblioteca né? Pronto, aqui tem de Dom Juvêncio tem essa foto aí, eu vou mostrar outra se você quiser tirar. Aqui é Hercílio Britto, o dono, que foi dono do Cuiabá, fazenda Cuiabá, é ele aí Hercílio Britto que é pai de Rui, conhece Rui? Seu pai deve saber e Hercílio. Agora esse aqui ói, aqui é o pai de Salomão, Antônio Porfírio de Britto, com a mãe conhecida por Mariquinha, Maria José Britto, mas era conhecida por Quinha. Aqui é ela, aqui é... ói tem essa foto aqui de Salomão com o pessoal... a banda de pífano, na cavalhada, aqui o meu filho que morreu né, e esse daqui é Brittinho, não, né não, né

Brittinho não. Aqui a festa junina, a escola também fazia, eu organizava, rainha do milho, aí é eu “óia”, rainha do milho e fazia balaio tudo era como conseguia um caixinha pra escola, era eu comprava, eu viajava e comprava assim algumas coisas, comprava com meu dinheiro né, depois quando botava uma rifa aí pra ter um lucrozinho porque quando faltasse alguma, material de limpeza que viesse eu podia, era uma caixinha sabe, tinha aquele caixa escolar, pedia permissão lá na secretaria porque era difícil lá em Canindé, entendeu? Na escola ficava, e tinha, nas festas aqui “ói”, tudo aqui eu pedia, pedia, contribuía. Aí os alunos ajudavam, aqui um dos desfiles “ói”, aqui tá vendo homenageamos aqui foi a emancipação política, aqui era a casa que eu morava com Salomão, aqui o muro de lado, aqui a frente era pro rio, era um casarão. Aqui Salomão que gostava de fazer passeios para... de canoa né, aqui ele vinha de Currálinho, que agora estão construindo uma orla lá, vão começar ainda, aqui uma das ruas, sim, pronto, aqui é a segunda prefeitura lá na Velha Canindé, eu vou olhar aqui se tem aqui uma foto da primeira. [Silêncio]

Maria Auxiliadora: Pé de Caraiqueira. Você encontra o nome dessa árvore aqui. Caraiqueira que ela bota pétalas assim no mês de novembro rosas, amarelas. Aqui na praça tem, ali tem, e essa é enorme. Quando eles construíram aí foram, que era um sacrifício pra vim, tinha trem “nera” em Piranhas, tudo vinha de trem ou de canoa, aí quando construíram a fábrica deixaram uma área no meio de terra com a árvore no meio e, com a... tinha a caldeira chama-se caldeira, aonde foi Dr. Eval que o que foi do pai dele de Dr. Hercílio foi que ficou como herdeiro, mas eu ainda conheci Dr. Hercílio com uns três anos que eu estava aqui mais ou menos ele morreu. Então, quando ela foi desativada, eu alcancei ainda a fábrica desse jeito aqui com o prédio. Depois todos tijolos daqui foi aproveitado, muitas essas casas aqui quer ver? Daí, é... sim, “ói” essas casas aqui foi tudo construída, essa daqui, agora esta já era um prédio que era salão também, porque olhe, foi construído a fábrica, mas né, por trás aqui bem nessa esquina numa “ruinha” que subia, de frente a aqui “ói” aonde tem a casa do coronel, mais pra cá era rua, as ruas pequenas mas com cada um com dez ou mais de dez casas, a empresa dos Britto, do curtume, construiu pra os operários que muita gente foi chegando de fora pra trabalhar. Quando desativou, eu alcancei isso tudo dentro do prédio aí foram pedindo aí “cê” sabe invasão num só é agora não viu, toda vida existiu, aí pediram né, Dr. Eval deu, o filho dele, que foi dono do Cuiabá, então até o povo tirando os tijolos pra construir, os tijolos dessa aqui e da casa do pai de Salomão, dessa daqui, dessa casa aqui também que... que é da família, essas aqui de cima, tudo casa muito bem construída que as paredes, chamada de paredes naquela época, hoje chama reforçada, era o dobro, os tijolos eram tudo desse tamanho, dessa grossura, tijolos bem construídos, que aqui foi Salomão trouxe, Salomão

dessa casa aqui deu na mudança, o pessoal vinha pedindo Salomão deu, mandou ainda tirar ainda dei três mil, veio ali naquele lugar que tem a casa de Hortência e o pessoal pedindo e nós num chegamos e era pra gente const... construir, eu não queria ficar aqui queria lá, não, mas Salomão queria aqui, tudo mais... e o pessoal pedindo e toda vida ele foi mão aberta e deu. Foi aproveitado todos tijolos, e da fábrica também de curtume, e a caldeira foi levada e até Salomão disse: “Devia instalar aqui em Canindé”... “ói” era assim “ói”, lá em Canindé “ói”, não tinha um paralelepípedo, era no mato, limpava a rua, ficava limpinha, passava inverno eu sabia o mato era limpo. Isso “cê” tá vendo aí, tá mostrando. E aqui Salomão disse pra ficar numa praça, porque lá em Piranhas tem uma praça que tem a roda do trem, aí foi que ele disse devia quando aqui a nova cidade, ele disse “ói”: “Se tivesse lá, isso aqui teria vindo pra aqui” e quem vendeu isso aqui foi Dão, pediu a Dr. Eval, tudo precisando, muito aperreado... Dr. Eval não pensou duas vezes, deu. De ferro isso aqui, foi levado lá pra Pão de Açúcar, Propriá e foi pra ferro velho, entendeu? Mas aqui era os encanto de Salomão. Tem mais outra com... ele com o tio, irmão da mãe que foi operário da fábrica. Hoje vivo acho que não tem mais nenhum... ninguém que foi operário não. Olha aqui a... esta foi na época de Salomão prefeito, deixe eu ver se é ele que tá aqui, é. Foi na época de Salomão prefeito, foi quando começou a ser comemorado os desfiles em Canindé comigo na prefeitura e ele, aí nós começamos. Aqui tem eu, eu, Socorro e Durvalina, era professora do Mobral, a gente reunia tudo pra fazer um desfile aqui era os alunos tudo, até eu organizava pelotões de... é... de time de futebol, de pescador, tudo isso pra poder formar o desfile. Aqui era essas duas, essa janela e essa porta era a delegacia, quando cheguei em Canindé conheci e essas duas portas aqui era a prefeitura “ói” aqui hasteada a bandeira. A primeira prefeitura de Canindé, isso, e a delegacia e aquela ali foi a segunda depois, aí foi no tempo de Jorge, um salão, ele aproveitou e completou o salão construído pela... pelos Britto. Aqui são dos primeiro desfile em Canindé, em 1971, num sei se Salomão botou aqui, olhe aqui atrás onde foi tirado a foto o pelotão da... tá vendo. Aí Deusinha aqui que ela participava tudo, dançava e era animada! “Ói” Salomão aqui era prefeito, aqui o pessoal tudinho de Canindé e o time, tá vendo, primeiro desfile se quiser tirar foto...

E tenho muito, muito, muito tem mais, mais lá que não tá aqui. Lá na Velha Canindé, olhe aqui, o desfile na rua de Canindé, por trás da minha casa “ói”, tá vendo? A bandeira de Sergipe na frente, essa daqui é a de Sergipe né... é. Na frente já tem outro pelotão, eu fazia a farda de gala nesses desfiles com a bandeira né, com... é... balizas, era Hortência, “ói” eu mesmo que faço... eu mesma fazia, botava Hortência e mais outra né que pudesse ver e a gente que tinha que comprar, naquela época não alugava... Meu Deus do céu! Pra ir em

Aracaju era um gasto doido! Aí tem esse “ói” banda marcial da Escola Dom Juvêncio de Britto – Velha Canindé... “ói” aqui, aqui a bandinha “ói”. Aí eu ia fazendo a festinha, aí Salomão prefeito deu uns instrumentos, deu pra escola né, que servia pra... pronto, “ói” aqui “ói”, oh o pelotão da frente “ói”, tá vendo como eu lhe falei fardinha de gala tá vendo e depois desse aqui vem aquele outro pelotão e aqui antes de sair lá aqui é a escola bem na esquina um poste “ói” e a fardinha do município amarelinha e aqui era meu filho “ói” Neném, “xo” ver qual era Neném aqui, que chamava ele Neném, que era Antônio Afonso, Magno, tinha Antônio Afonso, Magno de Socorro e Reno era Everaldo e Deuzuita, era os meninos tudinho e aqui tinha a fardinha e quem ensinava sempre Salomão trazia de Piranhas e pagava quando ele “tava” na prefeitura né e quando não, a gente gastava mesmo do bolso e ajudava né tirava assim, eu já ia tirando todo mês já tinha o caixinha que eu organizava quando fazia festa de São João aí sempre dava um dinheirinho comprava um instrumento. Só não tinha corneta nem os pratos, era tambores né... e caixa né... agora pra vim deixe eu ver aqui só mostra tambores e caixa, aí quando eu queria que saísse aqui vim uma corneta aí vinha de Piranhas que lá tinha, a escola de lá era maior, lá em Piranhas tinha mais condições que em Canindé, tinha sempre ou chamasse de Delmiro Gouveia, aí ela chamava incluía e nós se juntava, Celso lá ajudava e eu ia quando era outro prefeito eu ia pedir... ajudava e era também muito pouquinho porque a renda também era muito pouca, é aqui “ói”, pronto nesse mesmo desfile “óia” a Hortência aqui de baliza e Antônio Afonso e eu era quem fazia esses chapéus, era eu que fazia de cartolina... Era de cartolina e botava bem reforçado né, eu pegava caixas, assim essas caixas de sapato maior, e eu botava uma parte na frente e outra atrás... pra... é... reforçar assim e eu fazia tudo isso. Socorro também trabalhava comigo e me ajudava também, mas Socorro era aquele jeito muito vagarosa e... o desfile aí “ói”, tiraram assim “ói”, aí já ficou mais ruim né? Aqui é quando foi é... aberto na ladeira que a gente vai dali onde tem as... as estátuas, na Velha Canindé que vai lá pra subestação, ali a gente não tinha estrada ali foi quando ali foi a CHESF né que abriu pra começar... é... a gente ia era por cima da serra, é... não passava carro, nem nada não. A propriedade lá mas, quando a gente ia de carro, nessa época tinha carro, vinha perto de Curitiba, descia que é bem de frente ao Dique quatro do terreno, ainda tem o terreno lá. Aí quando... ou vinha de carroça, deixava no Canindé Velho lá onde tem a subestação e vinha de pé ou de animal por cima da serra, a estrada, “veredozinho” como chamava antigamente, estrada estreitinha que só dava pra cavalo passar. É as menina tem tudo que eu tenho aqui, as menina que eu digo: Socorro, Didi. Elas tem fotos assim elas tem outras que eu não tenho. E aqui já foi abrindo, dando mina né, estourando pedra, tudo, e as máquinas trabalhando, primeiro foi feito essa estrada pra poder ficar vindo, era porque

tinha a balsa, foi botada a balsa, mas aí Salomão conseguiu como foi desapropriado muita terra nossa, aí... Salomão apresentou o nome dos estudantes todos para ter o carro, que aí ficava assim quem tinha o carro e tinha um filho, aí ficava ajudando aos outros e levava e não tinha negócio de pagar não, era todo mundo ajudado era pra estudar em Piranhas. Aí Salomão conseguiu pra atravessar, o horário de atravessar de ida depois João Paulo conseguiu. Aqui pra funcionar essa escola aqui depois João Paulo botou um ônibus que chamava-se Loca-Rio e foi comigo na direção, com um ano, um ano e meio mais ou menos que eu saí foi tirado da direção já aproximando me aposentar, Jorge num foi? Na mudança era eu na direção do Dom Juvêncio, um horário trabalhava aqui, o outro lá. Eu subia a ladeira me acabando de medo que era no ônibus com a estrada horrorosa ainda, e... o Loca-Rio ia buscar as pessoas, que aqui era assim quando ia acabando as casas que era essa região toda aqui do meio, quando fosse terminando aí ia já... morador vinha já recebendo... era aos poucos. Uns estudavam lá, e outros aqui, no ano de 86 esse colégio foi inaugurado, no ano de 86. Pronto, esse aqui se você quiser tirar foto... você procura... Deixe eu ver o que que eu tenho... Essa daqui é muito importante, porque essa daqui é o primeiro, dos primeiros desfiles, foi do ano 71, Salomão governou 71/72 foi na época que foi de tampão, eu tenho muitos álbuns sabe, agora esses aqui, já foi daqui, você quer de lá da Velha Canindé né?

Entrevistadora: Eu vou é... vou pegar mais da Velha e da mudança, assim né, eu vou falar pouco daqui já, eu vou falar mais de lá até a mudança.

Maria Auxiliadora: Aqui Bartíra, quando foram debutantes, logo aqui tinha pouco tempo aqui sabe, foram debutantes “ói”, ele era da idade de Débora minha filha, hoje eu peguei nessa foto eu lembrei, tem Débora, tem outra foto em outro álbum aí é... dançando quadrilha com Fernandinho, que ele morreu agora né. Aqui é Durvalina na igreja de Padre Cícero, aqui...

Entrevistadora: A senhora é aqui né?

Maria Auxiliadora: Isso, da mãe rainha, tá vendo... Aí é o grupo da mãe rainha, isso naquela igreja ali do Padre Cícero, essa já foi aqui. Aqui tem “ói”, tem quando trabalhei aqui né, pronto aqui é desfile “ói” aqui, porque mesmo assim eu já tinha me aposentado aqui e vinha todo ano nesse dia ajudar a organizar e o desfile aí né. Aqui, deixe eu ver... esse aqui também já foi aqui é... conclusão do Dom Juvêncio, é... aqui Didi “tava” na direção depois que eu tinha saído... aí me chamou, franquiam a palavra aqui no clube, é... a festa de conclusão né, e aqui foi desfile aqui “ói”, esse aqui é Naldo, é... o marido de Angerleide, que essa roupa aqui de Dom Pedro, “ói”... essas medalhas tudinho isso aqui eu tenho guardada. Essa roupa aqui toda foi eu que fiz pra Antônio Afonso vestir lá em Piranhas, e nessa época aí vieram me pedir, emprestei, ela hoje está bem apurada né. Essas roupas aqui tudo eu que refaço “ói”, eu

refiz muito com colchas, botando uma blusa mais arrumada, com uma colcha de seda, aí pedia pra comprar bico, e eu sempre tenho tudo isso aí, isso eu fora já da direção, já aposentada. “Ói” Bartíra foi nesse ano “óí”, ela foi princesa Isabel, aqui ela era noiva, deixe eu ver aqui eu tenho... eu tenho foto dela. [Silêncio]

Entrevistadora: Essas aqui eu vou colocar o nome da senhora né?

Maria Auxiliadora: É, é isso, é. Olhe aqui tá vendo aquele pelotão “óí”, “Desfile físico”, do que tem aí. Esse daqui é uma foto que ela tirou lá da ponte “óí”, tá vendo “óí”, que botou, que “cê” vai falar de Canindé, aqui da Nova Canindé... aqui é Piranhas, deixe eu ver.. “óí” essa foto aí que ela achou muito interessante que foi a estrada, é tá vendo. “Início da Construção da Hidrelétrica de Xingó”, “óí” como ela botou tá vendo, que é pra poder iniciar foi primeiro preparar a estrada né? Olhe aqui é um carnaval também “óí”, tá vendo... Que aí não tem. Esta foto eu tenho que ver... que eu não sei se ela está lá com o menino, lá é um álbum menor do que esse, esse daí, sim. Olhe aqui, aqui entrou, tão tudo dançando dentro da casa de minha cunhada aqui, em 1980, esse carnaval, foi em 80.

Ah... [inaudível] as minha menina não, mas... “Ói”, aquela foto da canoa... isso é muito bonito, é a outra “óí”, são duas, você só viu essa daqui, que essa daqui ainda tá mais bonita “óí”, se quiser tirar, essas, “óí”, pronto a outra foto é essa aqui que eu “tô” achando que tá lá, olhe, o tio, que aí, esse daqui, foi um dos operários da fábrica que ainda restava ele aí Salomão tirou... tio dele “óí”, bem velhinho, que criou Raimundo Neco, Deuzuita, se lembra de Deuzuita? E tem essa também que eu não falei aí mas você toma conhecimento depois se quiser alguma coisa... que é a Deuzuita, os rezadores tinha também, é... que a pessoa tinha essa é... mas... Aqui diz “A máquina de curtume, acervo de Salomão Porfírio de Britto, morador da Antiga Canindé”. “De um curtumezinho de cal e pedra porque na época nem se ouvia falar em cimento”. Num tinha, era const... aquele cemitério ali foi construído de cal e areia né, num tinha cimento não. É... “Chegou então a uma indústria mecanizada ao apogeu do lugar e ao reconhecimento da família Britto, assim, a cultura dos currais possibilitou a cultura do couro.” Que era a cultura dos currais né? É, o couro, o couro vem do curral, eu não tinha me ligado a isso né.

Entrevistadora: Essa é lá também?.

Maria Auxiliadora: Essa é lá, essa é aí, é... quer ver... já foi na época de... Pia da Onça, você conheceu esse prefeito?

Entrevistadora: Já ouvi falar.

Maria Auxiliadora: Foi emancipação política “óí”, querendo tirar, “óí” ele aqui Pia da Onça, é... deixe eu ver... Salomão deve tá aqui, Ananias... quando era vivo... “Cumpade” Santana

Marinho... Salomão deve tá por aqui também, aqui é desfile que a gente comemorava. É... aí... aí você bote que é emancipação política. “Ói”, essa foto ela tirou aqui em casa “ó”, tem ali o quadro, se quiser tirar de Canindé, “ó”, e aqui na parede tem. “Canindé de Baixo – acervo de Salomão Porfírio de Britto” ela botava “ó” “A Grande sociedade foi ao final do século XIX adquirira por Francisco Porfírio, conhecido como Coronel Chico que ali construiu sua residência.” Essa daqui foi essa... essa menina que é... “xô” ver o que é que ela fez aqui... ela é de São Cristóvão, Maria Socorro e disse eu vou mandar o livro, eu gostava de ler... Essa daí, essa daí, “Parabéns” também, foi da emancipação. É, Salomão aí, eu não... “xô” ver se tem Pia da Onça... Pronto, é Domingos de Áurea... mas, não, aqui já foi na época de outro prefeito de quem... mas Salomão “tava” mais à vontade aqui, é... foi de outra... Tem Domingos de Áurea, tá aqui, o cunhado de Salomão que morreu agora no mês de dezembro, é... Bonfim, Dulce, é... está Rosalvo [inaudível] e Cacilda, Inácio Loyola, Jorjão aqui, aqui é um dos desfiles, “Parabéns Canindé” também é da emancipação, mas deve ter sido já de outra, ou é nessa mesmo. “Universidade Federal de Sergipe pela seguinte banca examinadora... dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de mestra.” Aqui é de mestrado, de mestrado. Bartira tá se preparando também para o mestrado, do mestrado dela, ela escreveu aqui meio ambiente, Geografia né.

Esse foi no ano de 71, é... do primeiro desfile, esse daí é um deles que já tem outro aí né, esse foi em 71. Aí é a primeira prefeitura, prefeitura mais velha, foi essa prefeitura quando Canindé passou à cidade. As fotos com [inaudível] foi aquelas ali que botou assim. Salomão, Ave Maria! Ele armava a rede aqui, armava debaixo daquele pau pra ficar lendo. Aqui nós temos [inaudível] de Porto da Folha, Nossa Senhora da Glória, de Estância, “ó” as pessoas amigas dele, Delmiro Gouveia, a história de Delmiro Gouveia. Aí tem, “xô” ver, foto, eu, não, eu vim tirar foi a... sim, essa foto eu tirei aqui nesse envelope que “tava” aqui. Eu tenho mais, mas é um álbum como esse menor um pouco, “ó”, aqui ela botou “Foto de Cavalhada em Canindé, carnaval em Canindé, Catamarã, Xingó, no Cânion, bairro Xingó. Delmiro Gouveia, início da construção da Hidrelétrica, prédio da prefeitura da Velha Canindé, emancipação política, deradeiros em festa, canoa de transporte, máquina do curtume...” Tudo que ela pegou a foto, sabe, ela registrou aqui. Sim, esse daí é onde tem Dom Juvêncio aí, que aí é o centenário de Caeteté.

Caeteté, eu ganhei esse presente aí... que aí fala que é de Canindé, eu tenho mais, eu tenho mais fotos de... de... carnaval...

Entrevistadora: Sim, eu esqueci de perguntar um negócio. Quando é... a CHESF falou a notícia tipo que ia... que ia ser essa mudança como foi que o povo reagiu, uns gostaram, outros não, num foi?

Maria Auxiliadora: É, a maioria ficaram feliz né...

Entrevistadora: Hum... Por causa das casas novas né?

Maria Auxiliadora: Também por causa das casas novas, mas, demorou, foi muitas reuniões, muitas reuniões, e o povo ficava muito alegre né, da cidade nova né... como eu já disse, nem pensava nas consequências de como iam viver aqui né, mas foram muitas... promessas. Um pra uns ainda pegou ali na COHIDRO né, uns pegaram emprego, e outros né, começou a se desenvolver agora, foi mais, desenvolveu mais pra quem foi chegando de fora. É... sabe, no começo assim, daqui de Canindé mesmo “ói”, quando nós mudamos daí pra lá era só mato, essa aqui essa rua toda pra cá, essa região, foi a troca, chamava-se permuta, é... pra quem tinha casa lá, recebia aqui.

Entrevistadora: Mas aí era de acordo com o que tinha lá ou tipo assim, como a senhora disse né que já era uma casa grande lá...

Maria Auxiliadora: É, foi prejuízo, foi muito prejuízo aqui pra família Britto, a família de Salomão, muito prejuízo. Agora quem tinha as casinhas de taipa lá, queria receber de alvenaria, já ganhou na história né, com água encanada, com energia, que lá tinha energia mas, a energia já era assim... mal feita né. E aqui a energia veio embutida né, toda arrumadinha, isso daí a CHESF entregou direitinho e... mas que... era mais por sonho e principalmente para os mais novos né, a juventude então. Como eu disse naquele dia só em pensar que ia ter praça, um clube, né, ia ter clube, a igreja grande e... a escola, e aí foi né, a fantasia muito grande. Mas, foi bom pra um lado e pra nós “tomemo” prejuízo, foi desapropriado terra, até hoje a gente tem o terreno lá e não pode nem tá criando por causa dos roubos né, e, mas que desenvolveu a cidade, melhorou cem por cento, cem por cento, porque lá a cidade era pequenininha, num tinha nada né, e assim, era pequenininha num tinha nem... eles dizia, num tinha pra onde crescer, mas bem que tinha, porque Piranhas ali é mais em cima da serra, e Piranhas num aceitaram... lá de baixo, porque Inácio num aceitou, ele procurou foi ficar uma cidade tombada, ninguém mexer, a cidade histórica e a Canindé devia ter sido isso, mas a história de dinheiro né falou mais alto, quer dizer que quem queria mais era o que estava representando a administração do prefeito, que fez tudo pra vim né. Mas veja que até hoje num morreu ninguém ainda lá, já tem é trinta anos e ficou foi...

Entrevistadora: E o povo tá voltando pra lá né?

Maria Auxiliadora: Voltando pra lá, condomínio, condomínio, tem lugar que é uma periferia, se a gente tivesse ficado lá tinha crescido na serra e ia até o pé da ladeira e pra um lado e pra outro e a cidade procurava melhorar ali, de fato sabe que eles dizia assim “É área de segurança”, de fato é né, uma barragem ali em cima, é feita pelo homem pode a qualquer momento desabar mesmo né, é perigoso, mas Deus é tão pai que o povo ficou... era área de segurança, mas era quando eles fizeram aqueles alojamentos, que antes era alojamento, depois quando passou para o povo condomínio né, pra os coitado dos peão era alojamento, aí alojamento, e depois, hoje está condomínio, mas Deus tem pena né, Deus é pai de todos que nunca teve problema nenhum né, mas que era o sonho da maioria do povo era essa mudança. Aí você pode... ainda tem muita coisa a perguntar? Que eu conversei muito e eu incluí tudo lá...

Entrevistadora: Não, é porque eu queria focar mesmo na parte de Canindé de Baixo, aqui é só pra complementar, mas eu já vou cuidar que a senhora tem que cuidar no café também e eu “tô” lhe atrapalhando já.

Maria Auxiliadora: Aí você quiser outro dia pode vim aqui viu, você assiste, você pode ver aí alguma coisa que você encontre no livro e completa. Religiosidade lá só era católica e uma só na Nova Vida, Assembleia de Deus, é, só. E no caso as festas de religiosa era festa, como eu já falei o padroeiro, é... agora só não botou a data, padroeiro é 14 de setembro, Santa Cruz, padroeiro Santa Cruz lá da Velha Canindé, e era 14 de setembro que você viu o altazinho sim e você pode botar foto né, que você vai ilustrar assim né, cada um, aí você bota a foto do altar, altar de Santa Cruz, né, porque de frente eu tenho da mudança de Canindé, mas ela está parada em algum canto aí, deve ser na casa de Didi, mas a mudança de Canindé foi aonde Clériston tirou, num sei se “cumade”, se Socorro, se Socorro tem, da rua que Socorro morava, era mesmo ao lado da capelinha, eu creio que tenha porque lá, nesse de... que eu tenho da mudança de Canindé foi aonde Clériston, meu neto que morreu, ele fez tirou e escaneou ele tirou e era amarelinha mas simplesinha, mais estreitinha do que a do Padre Cícero mais ou menos assim era pequenininha que era da família, né, da família e do povo da comunidade que foi o Chico Porfírio que fez ao lado da casa do coronel, que você vê a casa do coronel na foto saiu num foi, saiu bem? A da foto daqui da... do curtume. Era casa azul, veja se a casa tem a capelinha, essa daí é rua de cima chamava-se rua de cima aí. Ali ao lado também da casa que eu morava, aqui o altar é... tá vendo... é... aí é da avó de Salomão, da mãe de Dom Juvêncio, essa daí é seu Antônio, Antônio Porfírio de Britto, aí também é ele ele era muito simpático né, a cavalhada... Hercílio Britto, aí a escola, Hortência e Antônio Afonso, a escola, aqui do desfile que é a primeira prefeitura e delegacia viu, ao lado, é a prefeitura e a

delegacia. Eu vou ver se eu consigo da rua, se aí você num pegou da frente da igreja, é... é na rua de baixo onde fica a casa do coronel, é, eu não tenho ela aqui não, essa é carnaval, capelinha de Padre Cícero, sim, aí, sim é essa aí do padre Cícero logo quando nós mudamos tinha a capela do Padre Cícero, tudo pequenininha, desse “tamainho” da daqui, é, cavahada, aí rainha do milho, São João né, as festas juninas, e aí Salomão tocando violão, é... aí, aqui foi na Convenção quando Delmiro se candidatou que se elegeu só governou cinco meses, a história de acidente automobilístico, mataram ele e botaram o carro...

Entrevistadora: Que nem o povo faz até hoje com esses políticos aí morrendo...

Maria Auxiliadora: É, fazem até hoje, justamente, isso mesmo. É, ali ele, este do meio era Benedito Figueiredo, vice-governador, esse de camisa azul, Benedito Figueiredo, ele veio na inauguração lá da Orla que botaram o nome de Salomão. Esse Benedito ele falou comigo, ele veio pra casa. Aqui Delmiro estava com Salomão aí foi na Convenção foi ali no Colégio “ói”, Dom Juvêncio “ói”, na sala de aula, na Convenção viu, só pra você saber que você num vai botar lá né, isso daí ficou marcado né, mas seus pais sabem, já moraram aqui.

Deixe eu ver aqui, se mostra bem, mas eu vou “reprocurar” pra passar pra você era foto, “ói” aqui... ah, num mostra não a igreja não, “ói”, aqui a casa do coronel, aqui era a casa que Ananias morou porque era também da família, a igreja fica bem nesse “meinho” aqui, aqui é uma “ruinha” de baixo, fica bem aqui nesse meio, bem aqui vizinho, que a casa do coronel até nós mudar era desse jeito, até azul era, é, era, mas eu vou olhar na rua de baixo se... se elas tem, eu pedi pra tirar essa foto e dou pra você tirar. Você vai demorar ainda com esse trabalho né?

Entrevistadora: Vai, vai... aqui vai demorar ainda, vai mais de um ano aqui.

Maria Auxiliadora: Pronto, aí eu vou passando. [Silêncio]

Maria Auxiliadora: Eu tenho ali panela de barro, lá tudo é no meu quarto, lá na sala de costura, é... tenho essas coisas tudo antiga porque eu gosto mesmo, e ali, ali eu tenho porcelana antiga que foi... que vivia na cristaleira e as meninas nunca quebraram um, porque eu nunca deixava mexer, eu tinha pessoas que trabalhava aqui comigo, mas nunca mandei pra consertar nem nada, de jeito nenhum. Pronto o histórico de Dom Juvêncio, se você quiser aqui tem, de seu Toinho também tem aqui, alguma coisa que quiser mais aí você vem.

Entrevistadora: Pronto, eu “tô” tirando a foto e botando logo a legenda pra eu não me perder né?

Maria Auxiliadora: Isso mesmo, pode... é...

APÊNDICE B – Transcrição da entrevista realizada com Maria do Socorro Feitosa Guimarães em 05 de setembro de 2018 em Canindé de São Francisco/ SE.

Entrevistadora: Bom, primeiro eu queria que a senhora falasse o seu nome, é... como a senhora era moradora de lá falar se já nasceu lá ou se foi pra lá... Quais foram os motivos e... começar a contar sua história.

Maria do Socorro: E aí tocar o barco... Pois é... Meu nome é Maria do Socorro Feitosa Guimarães, nasci lá mesmo em Canindé, saí só pra estudar, depois retornei pra Canindé. Comecei meu trabalho também lá em Canindé com 15 anos de idade é... numa sala de aula ensinando supletivo, na época não tinha essa questão de idade, bastava você ter admissão ao ginásio, porque naquela época o ensino era assim, você estudava até a quarta série, depois fazia admissão ao ginásio pra poder fazer as quatro séries da primeira a quarta série ginásial que equivale ao Ensino Fundamental hoje. E o Ensino Médio eu fiz através do supletivo em Aracaju no Ateneu Sergipense fazendo os testes, estudava em casa mesmo e fazia meus testes lá final de mês, aliás, terminei o... o Ensino Fundamental, o Ensino Médio eu fiz em Propriá, também, o pedagógico, adicional em Delmiro e um curso de Teologia em Salvador. Mas já trabalhando em Canindé, como professora, comecei em Canindé de Baixo, já me aposentei aqui em 2004, trabalhava na época com Ensino Religioso e Sociedade e Cultura.

Entrevistadora: Você pode falar como era lá, como era a vida lá, a educação, é... o que as outras pessoas faziam, ou na sua casa, seus pais trabalhavam de quê...

Maria do Socorro: Certo, a vida lá era um pouco difícil assim, porque lá não tinha comércio, a cidade era pequena, contava apenas com 120 casas, e o São Francisco na frente e arrodado de serra não tinha como crescer, a sorte da gente foi a construção da Hidrelétrica de Xingó que a cidade subiu aqui pra onde hoje é localizada e o pessoal lá vivia assim, grande parte eram pescadores e viviam da pesca do rio, outros eram agricultores, funcionários lá tinham funcionários do estado e do município também quando passou a cidade, antes de ser cidade, lá tinha uma fábrica de curtume, pertencente à família Britto que era a família de minha mãe, depois quando a fábrica fechou, a maioria do pessoal foi embora pra Propriá, meu pai também foi embora pra São Paulo, meus avôs eles tinham comércio lá em Canindé, assim, o comércio era tipo... tipo uma mercearia ou não sei nem dizer como... hoje se diz grande, um shopping, mas lá não, lá era pequeno, agora eu falo assim que era tipo um shopping porque tinha de tudo, de tudo tinha um pouquinho, vendia de alimentação ao tecido, ao armamento, de tudo, de tudo, era objetos de couro, era... tudo, enfim num é, meu avô tinha duas canoas grandes, não tinha é... Duas canoas de tolda, na época não tinha estradas né de rodagem, e as viagens

tudo era feita tudo pelo São Francisco, era via fluvial. Iam pra Propriá, as canoas iam até Propriá, lá em Propriá elas abasteciam mercadoria, traziam pra Canindé, meu pai antes de ir embora pra São Paulo, ele vendia, trazia madeira, chamavam aqueles toros de madeiras parece que chamavam de sulipa né, ele trazia esses comboios de jumento, que ele morava em Curitiba antes de conhecer minha mãe e se casar com minha mãe, morava em Curitiba, vinha pra Canindé, e assim, meu avô tinha canoa grande, descia com essa... com essa madeira pra Propriá, na época tinha a fábrica de Curtume, levavam os couros, os couros já curtido, vendiam e ele trazia assim, levava matéria-prima, o couro e as madeiras e traziam de lá é... suprimentos pra região, inclusive pessoas que vinham de Paulo Afonso que na época chamava de Xique-Xique, de Santa Brígida, de Jeremoabo, vinham fazer compras em Canindé, vinham de burro, de jumento, faziam as compras em Canindé porque era o último Porto do São Francisco até Paulo Afonso, que vinha de Propriá era Canindé, então a maioria vinha abastecer em Canindé, e o dono desse comércio era meu avô, e meu pai assim, morava em Curitiba como eu disse e trazia as madeiras pra Canindé. Depois o tempo foi passando, a fábrica fechou, o dono da fábrica que era Hercílio Britto investiu numa fábrica de tecidos em Propriá, grande parte dos operários de Canindé foram embora pra Propriá outros ficaram em Canindé, aí foi quando minha mãe casou com meu pai, ele abandonou é... é... esse movimento de animais que ele vinha, meu avô faleceu também, meu pai tomou conta um tempo do comércio, mas como não soube administrar, o comércio acabou, faliu, e ele terminou tendo que ir embora pra São Paulo e de lá ficou mantendo a família, eu, minha mãe e minha vó, mandando, é... o dinheiro de lá de São Paulo pra gente se manter, daí ele ficou um tempo, depois voltou, quando voltou eu já estudava em Canindé, aí fui pra Propriá pra terminar meu curso, quando surgiu um trabalho em Canindé que eu tinha 15 anos de idade, então parei de estudar, pra trabalhar em Canindé pra também ajudar meu pai e minha mãe, depois que ele voltou de São Paulo ele trabalhou também como guarda fiscal na época é... cobrando impostos, um trabalho pelo estado, depois ele perdeu o trabalho por causa de política aí levou um tempo, conseguiu um outro, aí quando ele faleceu já se... já aposentado, mas pela justiça, aí conseguiu um trabalho pela justiça, também no estado, então ele trabalhava também na justiça. E eu comecei a trabalhar com 15 anos até 2004, já me aposentei aqui, foram 41 anos de sala de aula, com 25 anos o professor já se aposenta, mas eu optei pra continuar, trabalhei porque quis mesmo, porque gostava de trabalhar, gostava de minha sala de aula, hoje talvez não porque eu vejo que o alunado hoje é totalmente diferente, mas na época eu gostava muito, amava meus alunos, amava minha sala de aula, parei um ano ainda aí depois resolvi voltar, voltei. Claro que o estado aceitou, de graça, quem não queria né, porque eu trabalhando ou

não já tinha meu salário porque estava aposentada, e aí sempre fui religiosa, sempre tive minhas tarefas na igreja, minhas obrigações, me aposentei pelo estado, mas continuei com minhas tarefas religiosas até hoje dentro do possível, até hoje eu ainda tenho minhas obrigações religiosas. E o pessoal lá de Canindé como eu disse viviam mais assim de quem não era funcionário do estado ou do município pescavam, eram pescadores ou agricultores, lavradores como eles chamam. Trabalhavam em roça, tiravam lenha, porque muita gente lá não tinha fogão a gás o fogão era a lenha então eles vendiam as cargas de lenha, depois veio o fogão a carvão então eles faziam carvão vendiam saco de carvão também para a maioria da população e assim vivia o povo lá, só que era uma população carente mas, que não era uma população tão pobre, não era uma população miserável porque em Canindé não tinha esmolé, não tinha ninguém que pedisse esmola, todo mundo tinha o seu pão de cada dia e era um povo assim, muito unido, se faltasse alguma coisa numa casa, um alimento, então os outros vizinhos chegavam. Eu lembro de vez em quando chegava alguém: “Me arranje aqui” – com uma xícara – “Me arranje aqui uma xicrinha de açúcar, pra eu fazer um mingau pro menino” e a gente... Antes da energia aí era querosene, os candeeiros, os lampiões, quem podia tinha a Petromax também que era a querosene, mas ficava mais caro e era trabalhoso “cê” tinha que... Quando comecei a ensinar supletivo que era a noite também eu... tinha a Petromax que, a gente, eu tenho até uma pequenininha aí, desse tamanho assim, pra gente trabalhar assim a noite, a maioria era candeeiro mesmo, a parte do candeeiro, aquela fumaça, vela o povo quase que não usava porque não tinha condições.

Entrevistadora: Não tinha né?

Maria do Socorro: Não, não tinha condições mesmo, vela gastava muito, querosene ficava bem mais barato. Enchia o candeeiro, ali a lua clara, o povo a noite dormia a maioria na calçada, não tinha energia pra ter ventilador, nem precisava porque o povo dormia era na calçada mesmo, todo mundo, a vizinhança botavam colchões, lençol...

Entrevistadora: Era tranquilo né?

Maria do Socorro: Ah, pelo amor de Deus, era tranquilo. Todo mundo se conhecia, de uma ponta a outra da cidade todo mundo era conhecido, quem não era parente de sangue, mas era compadre, era comadre, uns iam casando com os outros mesmo e ali ficava tudo... tudo em família. E como eu disse era uma população carente, mas não era uma população miserável, todo mundo tinha o seu pão de cada dia.

Entrevistadora: Tá certo, e a religião lá, tinha...

Maria do Socorro: A religião lá só tinha a católica, não tinha religião evangélica lá, tinha no município aqui na Nova Vida, já é... o Pastor Antônio José que era o pai do Cabo Nanô, do

Pastor Nanô né, falo Cabo Nanô mas ele quando morreu já era um sargento, no fim, deram a patente de tenente depois de morto. Mas era o pai dele na Nova Vida, só tinha evangélico na Nova Vida, em todo o município de Canindé, só tinha essa igreja Assembleia de Deus na Nova Vida, mas na cidade mesmo só tinha a igreja católica.

Entrevistadora: Aqui tinha no caso Canindé de Baixo, Curitiba, Nova Vida, tinha esses interiores aqui...

Maria do Socorro: Capim Grosso, já tinha Capim Grosso, já. Capim Grosso já surgiu depois de Curitiba, o povoado mais velho era Curitiba, depois aí veio Nova Vida e Capim Grosso já foi o terceiro que veio que ali Cuiabá tudo na época era Fazenda, que não tinha Sem-Terra não tinha nada por aqui, ali era fazenda mesmo. E a religião lá... sim, missa nós tínhamos apenas uma vez por ano, só na época de Natal e Ano Novo, é que juntava tudo, casamentos, batizados, tudo pra esse dia, Primeira Comunhão, mas lá a gente sempre teve uma devoção por Nossa Senhora da Conceição, muito embora, a padroeira de lá era Santa Cruz. Por que era Santa Cruz? Porque quando a família Britto resolveu montar o Curtume lá em Canindé, esse Curtume de Couro, porque o pessoal vivia muito de caça, também caçavam muito e matava bode, carneiro, criava muito por causa das serras, gado matavam também sempre no interior iam pra Piranhas, tinha feira de Piranhas porque a gente sempre fazia nossa feira em Piranhas, a cidade mais próxima que tinha um comércio melhor era Piranhas, Canindé, que é que Canindé tinha, tinha umas “bodeguinhas” que a gente chamava bodega mesmo, e cachaça não faltava não, sempre teve, toda... era a bodega que a cachaça “tava” lá, aí você encontrava o quê, as vezes um açúcar, uma farinha de milho, o feijão, arroz o povo sempre plantava mas era difícil até vender em Canindé, lá vendia mais o quê, um açúcar, uma farinha de cuscuta, é... o pão, o pessoal ia buscar o pão em Piranhas, trazia aquele cesto de pão na cabeça pra vender ao pessoal de Canindé, traziam. E assim, o pessoal, o comércio era muito difícil, lá em Canindé era difícil porque é... é... não tinha como, não chegava carro. O que vinha era através das canoas, as canoas é... desciam pra Propriá na quarta-feira, e só chegava em Canindé segunda, terça, quase uma semana depois. Aí você tinha que suprir a sua casa de tudo que você precisasse. E se você não pudesse fazer isso, os vizinhos era quem ajudava um ao outro. Quanto à questão da luz, aliás, que não era energia na época. Muitas vezes as pessoas, acabavam querosene, e na cidade não tinha pra vender, mas vendia os litro de querosene, comprava aquelas latas de dezoito litros, os donos das bodegas e vendiam de litro, de garrafinha, de meia garrafa dependendo do que a pessoa tivesse no momento. E às vezes faltava querosene em alguma casa, e aí eles iam pra casa dos vizinhos: “Fulano, molhe aqui o pavio do meu candeeiro” aí era pra você colocar um pouquinho de querosene, principalmente

quem tinha criança pequena, que não dormia com o candeeiro aceso, dormia no escuro mesmo...

Entrevistadora: No escuro...

Maria do Socorro: Não, mas dormia no escuro, só que tinha que ter um fósforo ali... já acendia, mas tinha que ter o querosene, porque se a criança tivesse doente e tudo, aí a mortandade de criança sempre era um pouco grande porque lá não tinha médico. A base era a “rezadeira”, levava pra casa do povo pra benzer, as benzedoras lá tinha um bocado pra benzer, mas a maioria das crianças que o caso era grave não resolvia, morria muita criança. Minha mãe mesmo teve quatro filhos, aliás, um foi aborto, então teve três assim de [inaudível] comigo, só quem se criou fui eu, filha única, os outros dois, um casal morreu, problema de umbigo, às vezes até mal cuidado não sabia cuidar direito e como não tinha médico, não tinha nada, as benzedoras aí não resolviam [risos]. Tinha que partir. E a vida lá era assim, difícil, graças a Deus com... quando foi iniciado a construção da hidrelétrica de Xingó tudo melhorou, tudo mudou, a cidade mudou, e veio o progresso, junto com o progresso também veio as coisas ruins, porque a insegurança que hoje a gente não tem mais, a paz que a gente não tem mais. Em Canindé quando falecia uma pessoa era uma vez na vida, era uma coisa assim, todo mundo sentia, todo mundo ia pra lá, todo mundo ia velar, e aqui a gente já se acostumou tanto com a morte que quase todo dia vai um. Mas é, quando não é conhecido, é desconhecido, é do bairro, da rua, mas a gente já tá acostumado assim com a vida.

Entrevistadora: Diferente viu... Qual o nome da sua mãe e do seu pai?

Maria do Socorro: Minha mãe chamava Beatriz Britto Feitosa, meu pai era Valdemar Feitosa, era irmão do pai de Rosa Maria, do pai de dona Didi, e a minha mãe era prima carnal de Salomão, do esposo de dona Auxiliadora, da família Britto.

Entrevistadora: Muito bem, e lá, o que vocês faziam pra se divertir... Gostavam de brincar...

Maria do Socorro: Lá, o divertimento de lá, assim, começando pelas criança, as crianças brincavam muito assim de rodas, de... de amarelinha, de bola de gude, jogando as bolas de gude, o rio... a maioria gostava de se divertir no rio, de tomar banho, de pular das pedras na água, de pescar, tinha a varinha de pescar piaba que chamavam de “gué”, se divertiam muito também pescando. E a gen... nós adultos era forró mesmo. São João sempre foi animado, sempre teve forró, carnaval sempre tinha... é... a gente inventava o Zé Pereira, brincadeiras, se vestia a roupa dos pais, dos avós, fazia máscara mesmo de... de... papelão, de bolsas assim de mercado, se furava, fazia os olhos e tudo, e brincava muito de molhar, que chamava de entrudo, aí enchia as lata d’água o rio era aí à vontade, água à vontade, não tinha água

encanada mas o povo ia lá no rio enchia as lata d'água. Era uma brincadeira meio chata, você "tava" assim descuidado quando menos esperava já tomava um banho era um "TCHAAM!" e o susto. Mas aí o povo já era acostumado, na época do carnaval todo mundo já andava prevenido porque já sabia que a qualquer momento no dobrar de uma esquina "cê" podia tomar um banho. E tinha daqueles que corria atrás mesmo, pegava uma lata d'água, quando você descobria, corria pra não se molhar e ele aqui olhe jogava de longe e pegava, então, isso era na época de carnaval e no São João sempre teve, o forró, forrózinho pé de serra, mas tá lá, "7 de setembro" sempre teve o desfile, aí não tinha instrumento, os instrumento era o que, era zabumba, era... era... tipo assim uma caixa de zabumba aquele menor, tamborzinho menor e saía batendo "Pô, pô, pô" na rua, e todo mundo marchando e cantando, e cantava o Hino Nacional, se cantava a canção do marinheiro, a canção do soldado, o Hino à Bandeira, se hasteava a bandeira todo dia e era aquele cuidado, geralmente era um Policial Militar quem instruía as crianças na escola, ah, mas marchava todo mundo direitinho, a pancada mais forte o pé direito, mais fraca pé esquerdo, ensinava inclusive bater os tambores, que na época não era tambor, era zabumba e uma caixa, mas mesmo assim a zabumba era quem fazia marcação com a pancada mais forte e o outro fazia vez do atabaque, mas tinha, sempre tinha o desfile não é. E Natal sempre tinha festa, tinha quermesse, tinha... se apresentava Pastoril, se apresentava assim, é tipo uma apresentação teatral, sempre tinha um teatrozinho, apresentado alguma coisa, e o pastoril sempre tinha, tinha a cavalhada, que era no Natal, Ano Novo, que era justamente quando o padre vinha, mas só que o povo lá tinha como eu falei a devoção de Nossa Senhora da Conceição, que eu comecei e não terminei, todo sábado tinha o ofício de Nossa Senhora na capelinha lá, Capela da Santa Cruz, só um ano que eu fiz a festa da Santa Cruz, já casada e tudo, mas essa padroeira que é a Santa Cruz ninguém faz a festa aí um ano eu fiz, fiz, tomei a frente, veio sanfoneiro de Pão de Açúcar, Zé Aleixo, foi uma festona eu tomei a frente e fiz lá com o pessoal. Mas lá o mês de maio era muito animado, se rezava os 31 dias de Nossa Senhora da Conceição, do dia primeiro até o dia trinta e um. Aí no final, tinha as três noites finais que era festa mesmo, porque vinha a noite dos casais, patrocinada pelos casados, e a noite patrocinada pelos solteiros, dia vinte e nove era a noite patrocinada pelos casados, dia trinta a noite patrocinada pelos solteiros e dia trinta e um era o aniversário do pai de Jorge Luiz, o pai de doutor Galdino, e na época ele era prefeito, foi prefeito lá três vezes, era aniversário dele trinta e um, que até a Nossa Senhora lá de Canindé que ele ofertou está aqui na Capelinha Padre Cícero. Padre Edmilson resgatou e está aqui, o sacrário que era de lá da capelinha está aqui também na Padre Cícero, ele está resgatando tudo que era de Canindé de Baixo e trazendo pra cá o que ainda existe, em matéria de religião. E aí era aquela

festona dia trinta e um, pronto aí era a disputa dos casais, os casados com os solteiros, cada um queria fazer a sua noite mais bonita. Menina, o altar se enchia de vela que eu não sei como nunca teve um incêndio sabe! Olha, se levava, cada um pegava a sua... a suas colchas de suas camas mais bonitas que tinha mais bordada, mais chamativa e levava e forrava o altar até em cima e fazia aqueles acolchoados e tome vela e tome flores, aí se chamava músicos de Piranhas, com clarinete, com saxofone com trombone, mas era bonitas as festas, os cantos acompanhados com aqueles instrumentos de sopro, com tudo. E no dia trinta e um era a grande festa que era o aniversário dele, aí vinha gente de toda região, até Altemar Dutra teve lá umas três vezes, nessa época pelo aniversário de padrinho Ananias ele convidava, ele vinha pra Piranhas, pagava que não era pouco, mas era o prefeito podia, e ele vinha, lembro dele sem camisa, de bermuda, tocando violão, cantando embaixo de um pé de turco que tinha assim na frente que era muito quente, ele tocando lá e cantando e a gente tudo ali perto, a turma de... tudo juvenzinha ali perto curtindo, Altemar Dutra ao vivo [risos]. E ele trazia sanfoneiros famosos de fora, na época tinha o Dudu, tinha o Zé Aleixo, tinha... era Agenor da Barra, tinha o Enéias que era de Pernambuco, eu sei que ele trazia e amanhecia o dia, mas era festa, não tinha clube, lá as festas era no... no... pátio da escolinha do grupo escolar de lá, o clube dentro era ali, mas ali todo mundo dançava, todo mundo brincava, ninguém gastava um centavo era tudo por conta dele, aí era aqueles comes e bebes, almoço e lanches e tudo e a gente amanhecia o dia e a bebida rolava e a cachaça rolava, mas nunca teve uma confusão, quem bebia, caía, e os outros levavam pra casa, e quem aguentava ficar até de manhã, ficava até de manhã, dançando e brincando, mas era assim, uma paz muito grande entendeu, uma paz, todo mundo conhecido, todo mundo amigo, não tinha esse negócio da gente “tá” com medo de sair a noite, a gente saía qualquer hora da noite, e olhe que não tinha energia, no escuro se pegava uma lanterninha a pilha e batia as sete freguesia se tivesse negócio fosse onde fosse você podia ir tranquilo sem problema nenhum. Uma vez só – rapidinho - eu fui pra... meu esposo tinha um comércio também logo quando eu casei, era um bar-restaurante aí ficava distante da casa, pra gente ir pra lá tinha uma “partezinha” um pouquinho deserta, lá de casa pra escola, da escola passava um campo de futebol pra poder chegar lá na parte deserta... e a noite eu não sei, foi um negócio que “tavam” ameaçando meu esposo lá por causa de política e tudo, e eu a noite me preocupei e fui lá pra ver o quê que “tava” acontecendo. Aí a gente criava um cachorro, a gente saiu com Dog, a gente chamava ele de Dog mesmo, Dog branquinho todo... “Vamos Dog”, aí o Dog me acompanhou, aí lá vai eu no escuro danado, eu com a lanterninha e tudo, mas eu não sei de que jeito o que é que aconteceu que um momento eu não clareei e lá os jumentos eram na rua mesmo assim, e eu topei no jumento, caí em cima

do jumento, e o cachorro virou pra trás com tudo com medo, o companheiro [risos]. Partiu pra o caminho de casa e eu fiquei sozinha mais o jumento [risos]. Mas era engraçado, caiu aí o jumento se levantou com tudo, em tudo que eu topei, e aí eu não vi que era um jumento. Isso é que é ser uma companhia né, mas assim, era até que divertido, difícil, mas era divertido, e a gente num tinha essa preocupação de segurança, que na realidade tinha. Crime lá Deus me livre, que nunca houve, lá só houve um suicídio, aliás, dois suicídios. Esses dois suicídios foram um absurdo pra cidade, um foi um primo meu que suicidou-se atirou no ouvido e o outro foi um soldado também um militar, que era compadre meu também, matou outro, depois em Aracaju quando ele foi embora ele mesmo se suicidou em Aracaju, aliás, aí foi um crime ele matou o outro colega lá na delegacia mesmo de Canindé. Ah nossa! Isso pra Canindé foi um absurdo porque realmente não se tinha costume dessas coisas. E aqui a gente tá tão acostumado com tudo isso que ninguém liga mais, se matou um no Bairro da Torre, matou um na Olaria, matou um num sei aonde, na Agrovila, no Sem-terra, e a gente já tá se acostumando, infelizmente.

Entrevistadora: Infelizmente né, verdade. Deixe eu ver o que mais... Política, a senhora sabe falar alguma coisa de política lá?

Maria do Socorro: A política lá era interessante, na época da política como sempre só tinha dois candidatos, esses candidatos cada um brigava querendo a vaga, mais tinha uma coisa, “Vamos apurar”, então todo mundo votava, tinha aquela briga de sempre de todo mundo. Mas depois que se dava o resultado “Fulano foi eleito” o primeiro que ia abraçar era o adversário e na festa da posse era o primeiro que chegava, aí depois “tava” todo mundo junto e acabou... Antes era uma briga que o povo era quem brigavam uns com os outros, aí quando passava tudo, “tava” todo mundo junto e “vamo simhora”, toca o barco, era assim, a política era essa lá. Nunca teve coisa assim muito... muito acirrada não, nunca teve não. Só assim um pouquinho uma política mais acirrada foi uma vez lá que meu esposo já com Jorge Luiz, sei que cismaram um com o outro e só viviam quando se encontravam os dois o tapa comia [risos], mas era entre eles mesmo, num passava de tapa não, ia jogar futebol junto, chutava na canela um do outro, aí o tapa saía, depois os colega vinha e afastava, assim, a coisa mais séria de política que eu vi lá foi isso [risos], porque outra coisa não tinha, era tudo normal.

Entrevistadora: E a senhora, como foi seu casamento lá? Conheceu ele, ele morava lá também?

Maria do Socorro: Não, meu esposo ele era de Pão de Açúcar, Alagoas, eu não conheci em Canindé, eu conheci numa festa de Poço Redondo, numa festa da padroeira, festa de agosto em Poço Redondo que era uma festa assim muito famosa e a gente lá de Canindé sempre

participava da festa da vizinhança, como lá só tinha festa São João e final de ano, porque o carnaval era uma festa, mas uma festa entre a gente ali, sem graça, a festa melhor era o São João, por causa do forró, e final de ano porque tinha padre, e tinha uma série de coisas como eu disse: pastoril, cavalhada, é... tinha essas coisas assim.

Entrevistadora: E aproveitava o momento né?

Maria do Socorro: Isso, e aproveitava pra fazer essas coisas, quermesse e tal. Então a gente ia pras festas, Piranhas, Poço Redondo, e a gente sempre arranjava uns namorados, em Piranhas, em Poço Redondo por aí nas festas. E lá em Poço Redondo eu conheci meu esposo Cláudio, ele era de Pão de Açúcar, mas os pais dele moraram uma época em Poço Redondo e ele não perdia essa festa de Poço Redondo, então ele veio de Pão de Açúcar, eu fui de Canindé e lá nos conhecemos, e a partir daí namoramos, e ficamos nos correspondendo na época e ele veio conhecer minha família, fazer uma visita, conhecer a família e pediu casamento e terminamos nos casando e ele veio pra Canindé, invés de eu ir pra Pão de Açúcar, ele veio pra Canindé, veio pra Canindé. Pronto e o casamento... os casamentos de lá eram assim, o casamento era uma festa simples, geralmente se dava um almoço ou um jantar, num tinha negócio de... de... *Buffet*, nem nada dessas coisas não, era em casa mesmo, a festa era em casa mesmo, matava um bode, fazia uma buchada, entendeu? E juntava o povo e de noite era o forró, e um forró pra quem queria amanhecer o dia, quem não queria ia pra casa mais cedo e as festas de lá foram assim, o meu casamento também não foi diferente, foi assim, foi um... lá foi um jantar, eu casei já a noitinha depois do casamento ofereci um jantar lá pro pessoal, geralmente não tinha um casamento só, quando tinha era quando ia padre então era uma vez no ano, duas vez no ano, juntava e o meu casamento foi trinta e um de janeiro porque o padre não pode ir na virada do ano aí foi trinta e um de janeiro aí foi quando eu casei, aí foram dois casamentos o meu e o de Agda, outra menina de lá. Aí pronto, então o forró se juntava os dois aí era um forró só, fazia um forró. E o jantar cada um levava seus convidados pra sua casa é, cada um, então eu tinha os meus, que convidava, os outros tinha os dele e na hora do forró se juntava tudo, aí fazia a festa, era interessante, num tinha nada assim separado.

Entrevistadora: E quanto à época da Hidrelétrica quando chegou, foi um choque pra todo mundo lá? Como foi?

Maria do Socorro: Foi uma alegria, eu não digo choque, eu digo que foi uma alegria. Porque todo mundo sonhava com... primeiro a chegada da energia, chegou em setenta e dois, foi no ano que Magno nasceu, tem 46 anos, chegou energia pra gente e foi aquela alegria. Primeiro veio pra Porto da Folha, de Porto da Folha aí veio subindo, Monte Alegre, Poço Redondo,

Canindé. E aí foi uma benção, e todo mundo cuidou logo de comprar televisão, de... porque antes tinha televisão sim, mas era à bateria, lá em casa a gente tinha televisão à bateria de carro, rádio era à bateria de carro, televisão era à bateria de carro, geladeira era a querosene, é... de início meu primeiro fogão não foi à gás, foi à querosene, depois foi que eu comprei, já comprei um fogão a gás quando casei, nos anos setenta comprei um fogão a gás, mas antes era... primeiro minha mãe tinha um de lenha, depois carvão, depois comprei a querosene quando casei comprei um fogão a gás, anos setenta, mas lá era assim, geladeira parece que só duas ou três pessoas que tinha à querosene viu, e depois a televisão também, rádio era também na bateria de carro, tinha assim, uma espécie de uma tomada, mas aquelas tomadas que já era tanto a televisão como o rádio eram adaptados a isso, e tinha assim aqueles pegadores, parecido com pegador de roupa daquele grosso, aí pegava nos dois pinos da bateria, pronto, ali quando acabava... tem uma coisa você tinha que usar com regra porque acabou a bateria, acabou a televisão, é... Aí lá em casa tinha duas baterias, sempre a gente estava com uma carregada e a outra na televisão, quando aquela descarregava depressa levava pra carregar e botava a outra porque era pra não faltar. Ainda hoje meu fogão a gás é assim, eu tenho três bujão, se um secar o outro chega porque quando falta, até a meia noite, onze e tanta, mas a experiência é desde essa época, que era televisão, era rádio, era tudo desse jeito e quando a energia chegou foi uma benção porque aí a maioria do pessoal comprou sua geladeirazinha, comprou sua televisãozinha preto e branco, logo de início lá... quando a gente já se mudou, a gente já tinha televisão a cores, mas antes logo quando chegou a energia não, lá em Canindé só tinha preto e branco aí depois que se comprou a televisão a cores, mas num pegava muito bem, muito limpo porque ficava embaixo, aí tinha uma torre retransmissora em cima da serra, aí as antenas não tinha parabólica na época, eu já vim comprar parabólica depois que cheguei aqui, mas lá não tinha, era dessas antenas que parecia um... você sabe qual é, que parecia uma espinha de peixe, aquele negócio assim, e aí quando o vento dava que a antena rodava aí você tinha que ir lá... porque quando rodava a televisão ficava chovendo você não via nada. Aí você tinha que ir lá, aí meu marido amarrava na telha, pegava e amarrava, dava um jeito, mesmo assim de vez em quando o vento dava né... aí ele tinha que ir lá. Agora isso de noite às vez chovendo tinha que sair na chuva pra rodar, eu só podia aprumar a antena... tinha que aprumar pra torre retransmitir pra poder chegar porque senão ficava chovendo, era um sofrimento. Mas que com a graça de Deus tudo isso foi melhorando, foi evoluindo, quando a gente veio pra aqui já comprou parabólica já foi diferente, foi diferente. A gente sofreu um pouco, era uma vida sofrida, mas era uma vida boa que a gente... hoje eu digo assim “Eu era feliz e não sabia”, que a gente... só a paz que tinha,

aquela união, o povo era unido, na época não tinha isso de celular, todo mundo sentava na calçada pra conversar, visitava assim uns os outros, os pais contavam histórias pra seus filhos dormir, tinha mais atenção pros filhos, filhos tinham mais atenção pros pais porque não tinha celular. Quando a televisão chegou já tirou um pouquinho mais de atenção porque muita gente já queria... “tava” assistindo... Mas só era essa, nossa vida em Canindé era assim..

Entrevistadora: E aí quando teve a notícia que vinham pra cá...

Maria do Socorro: Foi, aí muita gente gostou, achou maravilhoso, e outros não. Outros não, preferiam ficar lá. “Por que tem que demolir nossas casas, por que a gente tem que sair?”, questionaram, mas a maioria ficou... Ah maravilhado! Subir pra cidade.

Entrevistadora: Aí tinha a proposta que aqui já ia ter a casinha... de alvenaria...

Maria do Socorro: Sim, quem veio já veio com suas casas certas, principalmente as pessoas que moravam em casa de taipa, porque lá em Canindé tinha muita casa de taipa, quem assiste, quem viu o vídeos da Velha Canindé vê que a maioria das casas era de taipa. E aqui recebeu a casa arrumadinha tudo, com água, com energia, porque lá não tinha... Lá tinha energia quem podia colocar, mas tinha pessoas que não tinha energia, mesmo quando chegou energia não tinha condições de colocar energia, e água lá nunca teve água encanada, o povo pegava no rio. Lá em casa, por exemplo, tinha o banheiro lá de casa tinha a caixa, caixa d’água, e assim atrás tinha uma escadinha e as pessoas enchiam a caixa levando água na cabeça, o galão de dezoito litros, de vinte litros. Aí geralmente, enchia no rio, quando era pra encher a caixa a de lá, a minha de Canindé de Baixo era de quinhentos litros, aí eu pagava duas pessoas. Ah minha filha, era a manhã todinha carregando desse jeito. A lata era de dezoito, de vinte litros, pra arrumar quinhentos. Mas era, aí pronto, e tinha que subir a escada com aquela água na cabeça, era degrau mesmo, não era escada de madeira, era um degrau assim, que dava pra subir, mas era muito sofrido viu, quando terminava de encher a caixa a pessoa estava morto de cansado com as pernas doendo. E aí gente também tinha cuidado, a gente dificilmente usava essa água dessa caixa pra tomar banho, se usava mais pra banheiro, pra descarga, sanitário mesmo, usava mais pra sanitário. Mas o banho se tomava no rio, porque pra evitar de gastar água, prato também a maioria do pessoal lavava no rio, o povo enchia as bacia de prato, os balaio de prato, panela e tudo e ia lavar no rio. Aí todo mundo sentava, a roupa, todo mundo lavava no rio, aí era aquela festa, as mulheres iam ali pra lavar, pra conversar, pra falar da vida alheia, entendeu? [risos] E era bom demais! E é... também a água se juntava duas, três, pra ir... “Fulano, vamo buscar água, vamo né?”. O pessoal da rua mesmo aí saía né quatro, cinco, três, pra ir pegar água, iam conversando, voltavam conversando com a lata d’água na cabeça, assim uma maneira até de mai... de se unir mais de se encontrar melhor, que ali todo mundo

era amigo, eram conhecidos, se ajudavam uns aos outros. Quem tinha um doente aí um vizinho ia encher os potes, que lá era os potes de cerâmica, ia encher tudo de água, ajudava, outro ia e pegava os prato pra lavar no rio, roupa pra lavar no rio...

Entrevistadora: Sobre a mudança ainda, é... eu sei que vieram algumas pessoas, outras ficavam, foi aos poucos que foram subindo, mas fizeram alguma despedida lá, ou aqui teve alguma inauguração?

Maria do Socorro: Não, aqui teve a inauguração da cidade, tudo teve, que veio o presidente José Sarney na época, João Alves Filho que era governador na época também, foi quando Jorge Luiz era prefeito, mas lá não teve despedida nenhuma, aqui foi assim, quando houve o sorteio das casas quem foi recebendo já foi mudando, principalmente como eu lhe falei, quem morava na casinha de barro, de taipa, o piso era barro mesmo, aí recebeu uma casinha “encimentada”, porque o piso não era cerâmica mas era cimento e a diferença pra quem tinha piso de barro era grande, a diferença da casa, assim com as “paredinhas” lisas, que não é alvenaria é pré-moldada essas casas, tipo pré-moldada, mas foi uma maravilha pra quem veio, com água, com energia, você carregando água na cabeça, tendo água em casa na torneira, chuveirinho pra tomar banho... Então cada um que foi recebendo suas casas já foi mudando, só que quem saiu por último de lá fui eu, porque a gente ficou brigando com a CHESF. Aí foi eu e Durvalina, mas que saiu bem antes da gente por causa da capelinha Padre Cícero que ela disse que só vinha quando construíssem a capela, aí quando construiu ela veio, mas antes ela não veio, e a gente ficou, só ficou a gente mesmo lá em casa. Aí foi dose viu, tiraram a energia da cidade toda só ficou um poste lá em casa porque a gente pagava energia em dias e a Energipe, que na época não era Energisa, era Energipe. Então, a Energipe não podia tirar porque a gente pagava em dias. Então ficou só um poste lá em casa, mas a cidade era deserta...

Entrevistadora: Mas a briga que a senhora disse foi por quê?

Maria do Socorro: Porque assim, a gente, a gente queria... brigou pela casa, pelo local. Esse local foi a gente que escolheu, então lá os outros vieram tudo por sorteio, nós não aceitamos sorteio, o nosso comércio, a gente é... preferiu lá em cima, aí depois Cláudio vendeu que é hoje é onde... naquela esquina ali em frente à Ki-chique, num tem a Ki-chique na esquina, esse lado de cá, aqueles prédio ali são quatro, tem quatro assim, três assim, até um funciona a farmácia, ali era tudo nosso aquele canto todinho ali. Então a gente brigou porque queria ali e Jorge Luiz que era adversário político do meu marido como eu disse que viviam se estapeando disse “Não aceito, vocês só vão... vai no sorteio como todo mundo”, nós disse “Não vai”, aí começou a brigar com o engenheiro, o engenheiro da CHESF que ia passar o... a

máquina em cima da casa da gente, ia passar a máquina em cima da... do... bar. Aí tiraram tudo, aterraram tudo, o bar da gente ficou lá em cima aterrado tudo embaixo, era tudo fechado, ninguém sai. Aí meu marido era ruim também assim de gênio aí ele disse “Pois é, quer passar avise que a gente entra todo mundo pra casa e vocês passam a máquina com a gente dentro de casa”. Eu sei que eles terminaram cedendo. Então a casa foi essa, a casa de minha mãe sortearam uma e a gente não aceitou, pediu uma vizinha, deram uma vizinha pra minha mãe que é aonde hoje é o Ministério aí né, depois foi indenizado pra fazer o Ministério então deram uma vizinha aí. O bar foi lá aonde a gente escolheu e a nossa casa foi aqui, mas foi briga. Ninguém... e mataram o cachorro da gente, botaram bolo e mataram, assustaram a gente de todo jeito, mas “Ninguém sai”, meu marido disse “Não sai, a gente não sai”. Quando dava seis horas pense morar numa cidade fantasma. A noitinha olha, você... aí o povo começaram a destruir as casas, saía e destruía as casas, só ficou a nossa, aí você só via porta bater a noite: “Nheemm, pooow, nheem” parecendo aqueles filmes de terror sabe, e as casas tudo destelhadas, olha, era um negócio pra doido sabe, mas meu marido disse “Não saio”. Sim, e outra coisa, aqui o pessoal que veio pra aqui, aí a energia e água era tudo gambiarra, não vinha direto. Aí meu marido disse “Também não vou com gambiarra que eu também não vou queimar meus eletrodomésticos, só vou quando ligarem tudo direto”. Mas eu sei que andou e virou e a gente só veio quando a casa foi essa, quando ligou água direto, quando ligou energia direto, quando deu onde a gente quis, tal.

Entrevistadora: Aí quem morava lá, era a senhora, seu marido e os filhos?

Maria do Socorro: É, eu, meu esposo e meus filhos e minha mãe, a gente segurou minha mãe também, nem a gente, nem a minha mãe, ninguém veio, que minha mãe tinha a casa dela de frente a nossa, aí quase quando era de noite minha mãe, Magno meu filho, ia dormir com ela pra ela não dormir só. E o resto destruiu tudo, derrubaram tudo.

Entrevistadora: Derrubaram tudo mesmo não foi? Não deixaram nada nem pra contar a história.

Maria do Socorro: Não, derrubaram tudo mesmo.

Entrevistadora: Ainda aquele bar que “tava” lá que era um posto de saúde parece né?

Maria do Socorro: É, ali era o Sesp, é, ali foi que deixaram, mas o restante foi tudo.

Entrevistadora: Então tá bom, deixe eu ver o que mais... A escolha das casas foi sorteio como a senhora disse... Então é basicamente isso mesmo. A readaptação aqui foi aos poucos né? Vocês já tinham comércio, aí continuou... quem já tinha seu comércio continuou...

Maria do Socorro: É, continuou, eu já trabalhava... Eu vinha todo dia dar aula aqui e descia, todo dia subia e descia.

Entrevistadora: Eita, era o Dom Juvêncio aqui né?

Maria do Socorro: É, era o Dom Juvêncio, eu subia e descia todo dia até que a gente mudou né.

Entrevistadora: Aí quem vivia de pesca também tinha que ir pra lá...

Maria do Socorro: Quem vivia de pesca aí tinha que descer pra pescar, e tudo... foi difícil pra quem vivia de pesca.

Entrevistadora: Quem tinha seus terrenos de agricultura também aí tinha que...

Maria do Socorro: Não, mas pra quem trabalhava de agricultura foi bom porque subia, eles trabalhavam aqui em cima, aí quando vieram pra aqui foi bom porque as fazendas aonde trabalhavam era aqui em cima, aí foi até melhor. Agora para o pescador foi terrível.

Entrevistadora: E a estrada foi a primeira coisa que construíram, ou não, pra subir?

Maria do Socorro: É, eles construíram porque tinha que descer as máquinas, os carros da CHESF tinham que descer, aí eles tiveram que arrumar logo a ladeira, a estrada. Não era asfalto não, no início era de barro mesmo, mas era ajeitadinha, pra subir e pra descer era arrumada, eles arrumaram. Ônibus em Canindé a gente só tinha uma vez por semana, só na segunda-feira, mas isso já depois que estava evoluindo a cidade. Então quando a gente queria ir pra Aracaju, ia pra Pão de Açúcar pegar ônibus em Niterói, dormia em Pão de Açúcar pegar o ônibus em Niterói, atravessava de carro ou ia pra Poço Redondo, o mais perto era Poço Redondo, até mesmo que Pão de Açúcar, mas em Canindé mesmo só tinha dia de segunda-feira, então todo mundo se programava, quem tinha algum negócio em Aracaju pra ir na segunda-feira, mas se houvesse uma necessidade de ir antes disso, em outro dia tinha que ir pra Poço Redondo pegar de Poço... quando vinha também ficava em Poço Redondo, aí de Poço Redondo pra cá já tinha que vim outro transporte. Eu cansei de vim de Aracaju até Poço Redondo, e de Poço Redondo Durval Rodrigues quando era prefeito mandava me trazer aqui num burro que ele tinha, que era um burro manso, aí mandava o empregado dele me trazer pra Canindé aí me trazia até Canindé de Baixo. Às vezes o riacho do Poço quando estava cheio a gente não passava, nem pra lá nem pra cá, tinha que dormir no Poço quando vinha de Aracaju, aí só vinha pra Canindé quando o riacho baixava e a gente passava, às vezes pra atravessar tinha que fazer uma corrente, meio mundo de gente, uns ficavam um do lado, outro do outro pegado na mão um do outro e a água leva mais não leva, leva mais não leva, e um segurando no outro até atravessar todo mundo, era sofrimento.

Entrevistadora: Era... e pra Piranhas era as canoas...

Maria do Socorro: Piranhas era canoa né.

Entrevistadora: Depois de muito tempo que veio a balsa foi?

Maria do Socorro: Não, lá não tinha balsa não. O que tinha era só canoa mesmo. Assim, de Piranhas pra Propriá e tudo tinha as lanchas, de início tinha o navio Comendador Peixoto, um navio pequeno, mas tinha, depois tiraram o navio e veio a Tupã que era uma lancha também de andar, tinha dois andares, aí depois tiraram a Tupã e ficou a Tupi e a Tupigí, duas lanchas também, e tinha canoas de Tolda, mas era só até Piranhas. Piranhas pra cá a gente tinha que vim a pé, ou de bicicleta, depois foi que fizeram a estrada né de carro, pra pessoa andar de carro, mas antes não, antes era a pé ou de bicicleta, era difícil.

Entrevistadora: Era difícil... Hoje está diferente né?

Maria do Socorro: Ah, hoje é uma benção.

Entrevistadora: É verdade... Tá bom dona Socorro, pois por enquanto é isso, mais alguma coisa que a senhora lembra assim... já falou né?

Maria do Socorro: Por enquanto a nossa convivência era isso mesmo lá em Canindé, eu acho que é tudo. A gente sentiu, eu hoje... ainda de vez em quando eu sonho lá em Canindé, andando nas ruas, lá em Canindé de Baixo...

Entrevistadora: As lembranças ficam né...

APÊNDICE C – Transcrição da entrevista realizada com Lourival Rodrigues em 16 de novembro de 2018 em Canindé de São Francisco/ SE.

Entrevistadora: Você pode falar o que quiser, vou perguntar primeiro seu nome completo.

Lourival: É Lourival Rodrigues. Se aparecer outro aqui é do Paraguai, pode descartar viu [risos]. Só tem esse aqui...

Entrevistadora: Nome da mãe?

Lourival: Isaura Pereira da Costa, pai Manoel Messias Rodrigues.

Entrevistadora: E filhos, o senhor teve quantos?

Lourival: Filhos? Só dez [risos].

Entrevistadora: Eita! [risos] E foi?

Lourival: Pouquinho num foi?

Entrevistadora: Como é o nome deles? Pode ser só o primeiro nome de cada um.

Lourival: É José Edvaldo da Silva, Edgar, Cícero, Egildo, Silvânia, Cilene, Cileide, Cilânia, Sandra, Cícera.

Entrevistadora: Data de nascimento do senhor.

Lourival: Sete do nove de quarenta e cinco, dia da Independência do Brasil, eu sou enjoado, nasci assim [risos].

Entrevistadora: Tá vendo, numa data logo especial [risos]. E o senhor nasceu aonde?

Lourival: Em Canindé mesmo, falar que nem o “caba”, “nasci lá em casa” [risos].

Entrevistadora: Estado civil.

Lourival: Fui casado, mas divorciei e hoje sou viúvo né.

Entrevistadora: E o senhor está aposentado já?

Lourival: “Tô”.

Entrevistadora: E antes trabalhava de quê?

Lourival: Em meu último emprego eu trabalhava de vigilante, no último emprego né? Trabalhei muito, mas o que vale é o último.

Entrevistadora: Aí eu já ia perguntar “mora em Canindé desde quando”, mas já disse desde que nasceu, já nasceu aqui não foi? Pronto aí o senhor fala como quiser, como era a vida lá...

Lourival: Cada um conta uma história... a minha vida lá... Como você entrevistou as duas, cada um falou a sua parte, da sua convivência né, eu tenho que falar a minha porque a minha é minha, né. Lá eu nunca encontrei beleza, sempre encontrei dificuldade né, a gente não tinha emprego não tinha onde trabalhar. Lá se vivia de um maldito carvão que a gente fazia, mesmo assim agradecia a Deus que só era o que tinha né, pra sustentar a família e a gente ia

sobrevivendo através disso. É... uns trabalhavam com carvão, outros pescavam, que não tinha outra sobrevivência né, inclusive meu pai criou a gente caçando e pescando que não tinha emprego né, naquela época né, já seguiu o mesmo ritmo dele né. E a gente não tinha vida boa não viu minha filha, a verdade é essa viu, é porque a gente onde nasce e se cria a gente acostuma, sabe como sobreviver, mas não é fácil viu. Eu não nego a você o que foi na minha vida nem a ninguém. Cansei de meus filho dormir com fome ali e eu com um troquinho no bolso não tinha o que comprar pra dar a eles pra comer viu, que ninguém vendia nada ali não viu, ninguém vendia nada! O filho meu ia dormir com fome e eu com o dinheirinho no bolso num ter o que comprar, dói muito na gente viu. Ali era só ir pra Piranhas ou pra Monte Alegre, onde dava a feira antigamente né, mas mesmo assim a gente venceu tudo agradecendo a Deus né. Surgiu essa mudança de Canindé pra aqui que foi 250% melhor pra gente né, meus filhos aqui tiveram oportunidade que lá nunca tiveram, nem pensavam ao “meno” né. Hoje num tenho nada, mas tenho umas três aqui tudo com segundo grau já é alguma coisa né, tem uma fazendo faculdade, tem um neto fazendo faculdade vai terminar esse ano se Deus quiser, em Canindé não tinha isso. Canindé só saiu um doutor lá que foi doutor Galdino que saiu pra estudar em Aracaju né, num teve outro doutor em Canindé, só ele que saiu. Hoje já tem vários aqui né, através da evolução do tempo e o desenvolver da cidade.

Entrevistadora: Fazia feira em Piranhas, tinha que atravessar de barco era? De canoinha...

Lourival: Verdade.

Entrevistadora: E pra Monte Alegre era como, ia de...

Lourival: Nós ia dia de domingo pra feira de Monte de Alegre, todos nós ia pra Monte Alegre era a feira lá... Era feira em Monte Alegre, feira boa. E era assim, a gente batalhava muito, trabalhava muito eu me criei dentro de serviço, qualquer serviço eu “tava” dentro, eu queria dar de comer aos meus filhos fosse o que fosse, menos roubar, mas trabalhar era comigo, qualquer serviço viu, nunca dispensei serviço não. Setenta foi o ano mais perigoso que “entremo” aqui uma seca muito perigosa, em compensação foi o ano que eu num passei mal porque na fazenda Cuiabá que era a fazenda grande ali, aí o dono botou um quarto de madeira aquele dormente de linha de trem, “cê” que nem sabe o que é né?

Entrevistadora: O quê?

Lourival: Dormente, dormente, aqueles pau que bota na linha do trem, que bota por cima, no trem por cima, sabe? Chama dormente aquilo...

Entrevistadora: Sim, ahh...

Lourival: “Tiremo” vinte mil paus de sulipa aqui, em setenta, foi nossa sorte, ninguém passou fome, né, porque caça tinha pra se matar de pedra, era o que eu gostava mesmo, até

hoje... “Oxe”, eu cansava de matar dois, três tatus num buraco assim era fácil demais, até hoje eu gosto dessa vida, num vou porque num “tô” podendo, agora gostar eu gosto viu. Aí quando foi em setenta e um, o negócio apertou, acabou o serviço, fui pra Paulo Afonso, aí fiquei na CHESF lá, depois saí fiquei na... morei uns doze anos em Paulo Afonso né. Em setenta e cinco fui pro Rio de Janeiro, passei mais um ano e pouco por lá, e em oitenta e seis, aliás, em oitenta e dois chegou essa firma aqui que foi promovida a barragem, eu trabalhei nela um ano e seis mês na [inaudível] firma de São Paulo. Depois disso surgiu aqui a... a construção dessas casas de Canindé aqui né, trabalhei mais um ano aí, nesse período surgiu o emprego pelo estado eu entrei... até agora me aposentei, isso foi em oitenta e seis, trabalhei de oitenta e seis até 2011.

Entrevistadora: Pelo Estado num foi?

Lourival: Foi, graças a Deus, me considero um homem rico graças a Deus. Tão bom saber que os filho tão criado, cada um dono do seu lugar né, passa as dificuldade que tem né, mas não é mais aquele tempo de antigamente, a tecnologia avançou 250% né? Fica parecendo que morava num mundo que não era mundo, você não tinha contato lá, não sabia o que acontecia no mundo, não sabia de nada! Pronto! Até a família mesmo se você encontrasse um por acaso, mas você num sabia de nada, não tinha telefone não tinha o contato, nem nada. Hoje se acontece um negócio na Indonésia, na Suíça você já tá sabendo aqui, né, quanto a isso, foi 250% a evolução da tecnologia né, e mais eu achei bom por isso, muito bom.

Entrevistadora: Lá tinha dificuldade também na maneira que as casas eram, né?

Lourival: Isso!

Entrevistadora: Aí já não tinha emprego, era essa dificuldade toda...

Lourival: Dificuldade em tudo, num tinha onde estudar, eu só fiz o primário, minha escola foi a roça. Mas mesmo assim ainda agradeço a Deus o pouquinho que eu sei, só fiz o primário, mas foi que me deu uma mãozinha, hoje não preciso andar guiado por ninguém na estrada, “onde é isso aqui?”, não preciso perguntar a ninguém porque eu sei ler onde é né, agradeço muito por isso é muito bom né, saber as coisas. Uma pessoa que não sabe ler nada é cego, sabe o que é cego? Eu “tava” mais um “cumpade” meu em Aracaju um dia, na casa de apoio e tinha o Banco do Brasil do lado assim, o pessoal entrando no banco lá, ele disse “Cumpade, aquela casa deve ser alguma coisa, um movimento de gente”, e eu “Oh rapaz, Banco do Brasil com o nome daquele tamanho, você não sabe?” e ele “Não sei ler uma letra!”. Pelo amor de Deus! Uma tristeza né? Mas é assim. Pois é, a minha vida lá foi essa viu, nunca tive mar de rosas não, sempre tive dificuldades, mas hoje eu sou rico graças a Deus, apesar de muitas coisas, muito sofrimento com doença, mas são coisas da vida né, a gente “tá”

vivo espera sempre adoecer ou morrer né? Enquanto “cê” num morre vamos tocar o barco pra frente né? Pedir a Deus que dê um bom sucesso a você em seus estudos, que seja bem, alcance seus objetivos que é meu prazer ver vocês tudo numa boa... Pessoas que consideram é meu irmão... Pois é minha filha, se depender do seu amigo, pode contar comigo...

Entrevistadora: Muito obrigada! O senhor tem alguma foto daquele tempo de lá?

Lourival: Ah, tenho não rapaz... Daquele tempo tenho mais não.

Entrevistadora: Aí no caso isso que o senhor acha que mudou mais foi assim... do contato, da tecnologia, educação...

Lourival: Isso! Ave Maria! A gente vivia no mundo que não era mundo, não era mundo, não tinha contato com nada! Filha, nem um rádio a gente tinha, pronto, essa é a verdade. Tinha a Rádio Cajazeiras e nem o rádio a gente num tinha. Tinha um [inaudível] que gostava e num tinha nem o radinho. Por incrível que pareça em Canindé a primeira pessoa a possuir um rádio fui eu. [Inaudível]. Comprei parece que seis conto na época né. Ah, cheguei em Canindé [Inaudível] o povo dizia “Ah, o homem rico” é brincadeira? Aí eu saí e lá toda tarde tinha o programa na Rádio Cajazeiras só dava forró, era o que a gente gostava mesmo, bom demais ali! Quando foi em 82 eu fui pra Paulo Afonso fazer uma consulta, quando cheguei lá “tava” uma fila no Banco do Brasil, eu disse “Rapaz, isso aí é o quê?”, ele disse “Tá sacando o PASEP quem casou de 72 para cá no civil” eu “E é mermu?”, ele “É...”. Eu “tava” com a certidão no bolso, coincidência né? “Cadê a certidão?”, eu disse “Tá aqui!”, ela olhou e disse “Vá ali no banco”. Aí menina, quando eu cheguei lá eu me assombrei, o cara passou tanto dinheiro que fiquei nervoso, fiquei nervoso mesmo... quinhentos mil cruzeiros, era dinheiro “pu peste ome”. O cara disse “Você vai fazer o que com esse dinheiro?”, eu disse “Vou fazer minha casa, eu não tenho uma casa”, “Muito bem”. Aí veio a surpresa quando cheguei em casa, já fui na loja comprei uma geladeira nova, comprei uma máquina de pé pra mulher, comprei um som para Silvânia, fiz uma feira daquela de gente rico sabe? [Inaudível] Era 30 conto naquela época, cheguei em Canindé nove horas da noite, “O senhor foi dizer que foi fazer uma consulta, e que tanta coisa, enricou aonde?”, eu digo “Deus que me deu essas coisas né”. Aí quando deixei lá foi uma alegria da “porra” rapaz, “cê” é doido, é bom demais quando a gente pega as coisas assim né. Silvânia trabalhava aqui em Paulo Afonso na época, ela tinha doze anos, aí encontrei ela na feira [Inaudível], fazendo uma comprinha, “E aí minha filha tá comprando o quê?”, ela disse “Nada pai, não tem nenhum conto” aí eu disse “Vou dar um dinheirinho para você comprar uma roupinha e um calçado”, peguei 200 conto, “Oxente pai, de onde veio tanto dinheiro assim?”, abri a bolsa e ela “Eita pai, que é tanto dinheiro!”, [risos] eu digo “É do PASEP que eu saquei minha filha”, “Oh pai, graças a Deus!”. E comprei o som

e quem gostava de som era ela mesmo viu, pura alegria, também logo ela veio “simbora” [risos]. Foi bom demais ali viu! Depois veio a separação foi o período pior do mundo que eu vivi na minha vida viu, um casal, 32 anos que eu “tava” com uma mulher, 32 anos de convivência se separar né não é fácil não viu. Claro que tem os motivos né, mas não é isso que a gente quer né, ninguém gosta disso, ninguém gosta disso...

Entrevistadora: E lá a saúde também era difícil né?

Lourival: Ihhh, ninguém falava isso não minha irmã, pelo amor de Deus, “ome”! Deus era tão bom que ninguém adoecia em Canindé, acredita essa? Até morrer era difícil morrer um ali, é, era difícil mesmo. Quando adoecia um, o médico que tinha era um enfermeiro lá em Piranhas, Duda, urubu, tanto era enfermeiro como era dentista, sem ter formação pegava o alicate “véi” e arrancava, se anestesia pegasse, bem, se não, arrancava assim mesmo, depois que pegava não soltava mais não! [risos]. Mas tirava e era assim, mas o tempo passou né passou, passou o tempo graças a Deus, venceu a pior, e “tamo” aí pra contar história, quem tá vivo, tá vivo, quem não tá, não tá, mas a vida é assim né?

Entrevistadora: É verdade...

Lourival: Muito feliz, que eu tenho umas filha maravilhosa graças a Deus, eu amo minhas filha, Deus é meu testemunho, e aquela Sandra que é hoje meus olhos ali é... você num sabe o amor que eu tenho por aquela menina, só Deus e eu que sabe viu, é tudo, é tudo na minha vida que você pensar de bom viu, minha filha é um brinco de pessoa pra mim... Meu pai dizia: “Ói, casamento só presta pra quem é rico e pra quem é safado, você analisa dá os dois dá igual.” Eu “Como assim, pai?”, “O rico tem tudo, não se preocupa com nada, e o safado num tem nada e num tá nem aí” [risos]. Pior que é mesmo viu, mesmo jeito.

Entrevistadora: “Tá” vendo [risos]. Aí as casas quando veio para cá era no sorteio era... que fazia?

Lourival: Não, já sabia qual era a sua né, porque a gente pegava as casa de acordo com o que a gente tinha lá né? No caso que eu tinha uma casa maior, eu peguei uma quatro águas né, quem tinha uma casa menor, pegava uma menor.

Entrevistadora: De acordo com o que tinha lá né?

Lourival: Era, isso!

Entrevistadora: E na hora de mudar teve gente que achou ruim ou só acharam bom?

Lourival: Teve gente que queimou as quatro bocas pra num mudar de lá. O último a sair de lá fui eu e compadre Zé Carlos, os dois últimos, nós dois, não sei por que ficou derradeiro, nós dois. Mudei, achei bom, gostei da casa, gostei, depois não gostei mais porque era apertada né, o cara queria fazer muito em tão pouco, queria fazer quatro quartos numa casa que era

pequena o quadro né, ficou apertada e acabei trocando por outra maior, alcancei passei pra uma maiorzinha né. Hoje estou nessa casinha maior aqui graças a Deus, cabe todo mundo que chegar aqui né? Tem espaço, “fizemo” agora uma área de serviço aqui atrás, ia lavar roupa de tarde era um sol quente que ninguém aguentava aí fez aqui uma arezinha de serviço.

Entrevistadora: Muito bem! Melhorou né?

Lourival: Quintal ainda tem uns 40 metros daqui para lá, quintal até umas horas né? Mangueira carregada quem tem é eu graças a Deus, desse lado não, mas do outro lado de lá os galhos estão no chão viu. Tão tudo inchada, não é madura ainda não, tão inchada. Dever, só devo os pecados a Jesus e mais nada graças a Deus. Num “tô” rico não? Estou sim! A saúde não tá muita, mas tá 80%, tá melhor do que eu “tava” antes que eu “tava” daqui para Aracaju sem caminhar, sem dar um passo, saí na mão dos outros né, mas Deus primeiramente segundo médico bom, né? Fiquei dois dias aqui o médico não resolveu nada, cheguei em Aracaju passei no médico, ele disse “A dor vai acabar nestante”, de repente assim, passou duas injeção e eu não sei pra onde as dor viajaram, até hoje. Dói, sabe, mas eu tomo remédio direto pra segurar a peteca né, mas tá bem graças a Deus...

Entrevistadora: Lá em Canindé de baixo tinha festa, muita festa ou não?

Lourival: Agora aí era o que tinha muito, tinha, festa tinha pra estourar mesmo, toda semana!

Entrevistadora: Eita, então era bom mesmo! Tinha de tudo, e gostavam de forró num era?

Lourival: O “forrózinho” era arrojado mesmo viu... Teve uma festa lá eu saí da festa com raiva e levei as meninas pra casa... Tinha um grupinho, só via esse grupinho, aí tem duas coisas que eu sempre digo que eu tenho raiva, é “véi” querer ser novo e gente pobre com fedor de rico, eu num gosto de gente desse jeito viu. Todo mundo dançando lá o salão cheio, dona Didi, você sabe quem é né, era uma das diretoras de lá, sempre foi né, comandava a festa. E a finada Cacilda mulher de Rosalvo, o guarda, já morreu, que Deus a tenha por lá, muito metida a rica aí convidou dona Didi pra separar os pobres para um canto e os ricos para outro. Aí Didi disse “Não, aqui não tem isso, aqui não tem rico nem pobre, aqui é tudo igual.”. Ela não gostou, porque se achavam ricas sabe, aí eu tomei conhecimento e disse “Não, se for assim vou pra casa agora com minhas filhas”. Ela não gostaram, mas depois entenderam né. Acabou a festa, quase todo mundo foi embora, acabou a festa por causa disso né. Ela adoeceu passou doze anos em cima de uma cama em Maceió, não abria nem o olho viu, mas toda maquiada, toda maquiada. Todo dia faziam depilação nela, uma enfermeira para cuidar dela na hora que precisasse, os filhos tudo rico né, foi bem cuidada até a hora de morrer, mas morreu. Aí falei com Delfina, que trabalhava de enfermeira, “Delfina, Cacilda como é que tá?”, “Tá lá pagando o que ela deve”, “Ói, ainda bem que você reconhece né”, e é

assim que a gente paga na vida viu, quem faz aqui paga aqui né? Tem vez que “cê” tem uma roupa, “Ah, pobre velho só tem uma roupa, lavando e vestindo, eu tenho duas, tenho três”. Num é nada, num é nada, mas é assim mesmo, tem gente que é assim. Sempre digo, barriga cheia não é fartura não, não pense que é não viu, você come agora enche a barriga, mais tarde se não tiver não tem não viu, num tem barriga cheia não viu... Pronto minha filha, mais alguma coisa a acrescentar?

Entrevistadora: Não, é só se o senhor quiser contar mais alguma coisa.

Lourival: Não, eu não tenho mais nada não. Minha vida já lhe contei tudo, meus pecados a você de um por um, só falta você me perdoar agora [risos].

Entrevistadora: Tá perdoado [risos]. Que pecado, que nada, só sucesso...

Lourival: Tá bom minha filha, muito obrigado por vir aqui, fiquei tão feliz de você vir aqui...

Entrevistadora: Oh que bom! Fiquei muito feliz também do senhor ter me recebido...

Lourival: Eu sou assim, das pessoas que eu gosto eu me sinto muito bem quando encontro, seja quem for, homem, mulher, tem esse negócio não viu...

Entrevistadora: Que bom!